

Cássia Aline Schuck

**CARTOGRAFAR NA DIFERENÇA:
entre imagens, olhares ao infinito e pensamento matemático**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Científica e Tecnológica.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Regina Flores.

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Schuck, Cássia Aline

CARTOGRAFAR NA DIFERENÇA : entre imagens, olhares ao infinito e pensamento matemático / Cássia Aline Schuck ; orientadora, Cláudia Regina Flores - Florianópolis, SC, 2015.

210 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica.

Inclui referências

1. Educação Científica e Tecnológica. 2. Educação Matemática. 3. Visualidade. 4. Arte. 5. Afeto. I. Flores, Cláudia Regina. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

“Cartografar na diferença: entre imagens, olhares ao infinito e pensamento matemático”

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Mestrado em Educação Científica e Tecnológica em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Científica e Tecnológica

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 24 de março de 2015

Cláudia Regina Flores (Orientadora - CFM/UFSC)

César Donizetti Pereira Leite (Examinador - UNESP)

Cláudia Glavam Duarte (Examinadora - UFRGS)

Leandro Belinaso Guimarães (Examinador - UFSC)

Joseane Pinto de Arruda (Suplente - UFSC)

Carlos Alberto Marques
Coordenador do PPGECT

Cássia Alaine Schuck
Cássia Alaine Schuck
Florianópolis, Santa Catarina, 2015

Ao meu amado vô, Egon Bruno Schuck.
(In memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, pela oportunidade de viver e conviver, sentir e manifestar, e, principalmente, por amar.

À minha FAMÍLIA, principalmente aos meus pais, Elton e Nilva, pela confiança, apoio, conselhos e, principalmente, pelo amor dedicado a mim em todos esses anos. Vocês me ensinaram sobre a vida e sobre os seus verdadeiros valores. A vocês devo tudo o que sou. Ao meu irmão Cassiano, pelo carinho, pelas mensagens que me confortaram todas as noites. Obrigada, mano, por existir e ser meu amigo de todas as horas.

Ao MARIO LUIZ, pelo companheirismo, pela compreensão e pelo incentivo para que eu nunca deixasse de acreditar. Obrigada por todos os momentos e abraços de urso.

A ALICE, pela amizade de tantos anos, por suas palavras, carinho e pelo seu jeito especial de ser. Obrigada por estar sempre ao meu lado.

Ao DJEISON, pelas conversas e pelos conselhos que, embora muitas vezes virtuais, foram muito importantes para mim.

Às AMIGAS, Piersandra, pelo carinho e companhia de todos os dias; a Thaline, pela coragem e disponibilidade de acompanhar e ser parte fundamental desta dissertação; a Débora, pela sua alegria e confiança contagiantes; a Angélica, pelo seu modo angelical de ser amiga.

À minha orientadora e amiga CLÁUDIA REGINA FLORES, por toda compreensão, inspiração, paciência, oportunidades, confiança e carinho.

Ao CAPS e, principalmente, aos seus PARTICIPANTES, que são também autores desta dissertação. Obrigada por todas as lições de vida.

À MARION DE MARTINO, pela parceria e amizade. Obrigada por tudo, sem você nada disso seria possível.

Aos ALUNOS da EBM Brigadeiro Eduardo Gomes, por todas as tardes que compartilhamos.

À professora ROSANA SILVA ARRUDA, pelo acolhimento e confiança.

Aos colegas do GECEM, por todos os encontros e estudos compartilhados.

Aos professores e colegas do PPGECT, pelos cafés e pelos aprendizados coletivos.

Aos professores da BANCA, César Donizetti Pereira Leite, Cláudia Glavam Duarte, Leandro Belinaso Guimarães e Joseane Pinto de Arruda, pela leitura, pelas contribuições e por fazerem parte desse momento tão importante da minha vida.

Ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa.

Foi um grande movimento... Vocês todos passaram por mim, deixando-me suas marcas e contribuições, por isso, eu deixo aqui meu abraço e meu sincero agradecimento.

RESUMO

Cartografar na diferença propõe o acompanhamento de um processo de afetar e deixar-se afetar por modos de olhar ao infinito. A subjetividade visual é produzida no cruzamento *entre* forças que exercemos e forças que atuam em nós, produzindo olhares ao infinito que se transmitem e se conservam, sendo ressignificados por cada um, de acordo com seus afetos. O movimento de produção de dados se deu a partir de oficinas, elaboradas enquanto dispositivos, que dispararam afetos, fazendo emergir visualidades, memórias e poéticas, em uma experiência com imagens. A investigação foi desenvolvida com alunos de uma escola pública de Ensino Fundamental e com participantes do CAPS, Florianópolis. Nesse mesmo movimento também se coloca a pesquisadora, seu processo de desarmamentos e desconstruções, passando a assumir uma postura diferente na pesquisa em Educação Matemática e convidando a pensar sobre fazer e estar em pesquisa, e também sobre a pesquisa científica.

Palavras-chave: 1. Educação Matemática. 2. Visualidade. 3. Arte. 4. Afeto. 5. CAPS.

ABSTRACT

Cartography in the difference proposes the monitoring of a process to affect and let themselves be influenced by ways of looking to the infinite. The visual subjectivity is produced at the junction *between* forces and forces engaged on us, producing looks to infinity that are transmitted and preserved, and reinterpreted by each according to his/her affections. The movement of data production occurred from workshops, developed as devices that shot affections giving rise visualities, memories, poetic, in an experiment with images. The research was developed with students from a public elementary school, as well as participants in CAPS Florianópolis. In the same movement, also puts the researcher, the process of disarmament and deconstructions, and therefore, takes a different stance in research in mathematics education, inviting to think about doing and being in search, and also on scientific research.

Keywords: 1. Mathematics Education. 2. Visuality. 3. Art. 4. Affection. 5. CAPS.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mont Sainte-Victoire	47
Imagem 2 – Cada vez mais pequeno	48
Imagem 3 – Butterfly (No. 70)	50
Imagem 4 – Madonna Enthroned with the Child	52
Imagem 5 – Scenes from the Life of Joachim:	
1. Rejection of Joachim's Sacrifice	54
Imagem 6 – Wheat Field with Crows	55
Imagem 7 – Waterfall	58
Imagem 8 – Limite circular III	59
Imagem 9 – Sposalizio (The Engagement of Virgin Mary)	60
Imagem 10 – A moto dos sonhos	128
Imagem 11 – Galeria	131
Imagem 12 – Escada eterna	133
Imagem 13 – Beira Mar de Florianópolis/SC	133
Imagem 14 – Bombinhas/SC	134
Imagem 15 – Símbolo do infinito	134
Imagem 16 – Waterfall	135
Imagem 17 – A lua das coisas boas	136
Imagem 18 – Aliança com Deus	137
Imagem 19 – Limite circular IV	137
Imagem 20 – O caminho para boas energias	138
Imagem 21 – O relógio que roda	140
Imagem 22 – O trapiche sem fim	140
Imagem 23 – Sempre em frente	143
Imagem 24 – The Large Bathers	155
Imagem 25 – Espirais	159
Imagem 26 – A anunciação	161
Imagem 27 – O relógio retorcido	163
Imagem 28 – Pai e mãe são infinitos	163
Imagem 29 – Flores, criação de Deus	164
Imagem 30 – Coroação da Virgem de Velásquez	179
Imagem 31 – Ponta da Praia Mole	180
Imagem 32 – O sol que se esconde	181
Imagem 33 – Caminho para o horizonte	184

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – A identificação	75
Fotografia 2 – O que fica de fora	75
Fotografia 3 – Minha primeira mandala	76
Fotografia 4 – A espera lá dentro	79
Fotografia 5 – A mandala do dia	80
Fotografia 6 – Os sabores	81
Fotografia 7 – O trabalho de várias mãos	82
Fotografia 8 – Vasos em formato de rostos	83
Fotografia 9 – O trabalho do senhor perfeccionista	84
Fotografia 10 – Mosaico de flores	85
Fotografia 11 – Muro azul	85
Fotografia 12 – Fragmentos se encaixam	88
Fotografia 13 – A argamassa é lançada	88
Fotografia 14 – O caminho vai sendo possibilitado	89
Fotografia 15 – A argamassa encontra os fragmentos	89
Fotografia 16 – Os fragmentos se alinham	90
Fotografia 17 – Os fragmentos se fixam	90
Fotografia 18 – Mosaicos de espelhos colocados pelo homem prestativo	91
Fotografia 19 – Corações que se alinham, mãos que se entrelaçam	92
Fotografia 20 – Estrelas e corações em espelho	93
Fotografia 21 – O senhor pintor	94
Fotografia 22 – A sombra de si	94
Fotografia 23 – Do corpo que dobra, das dobras que dobra o corpo	95
Fotografia 24 – Do movimento que movimenta a vida	96
Fotografia 25 – Da caixa que surpreende	97
Fotografia 26 – Marion, uma parceira de pesquisa	98
Fotografia 27 – Quebrando a cabeça	103
Fotografia 28 – Concluindo a montagem de <i>Queda d'água</i>	106
Fotografia 29 – Já era	107
Fotografia 30 – De um infinito cíclico	111
Fotografia 31 – Descaminhos	111
Fotografia 32 – Fome	114
Fotografia 33 – Com amor	118
Fotografia 34 – Répteis confusos	120

Fotografia 35 – Escrita do participante que montou a obra <i>Répteis</i>	120
Fotografia 36 – Partes que se juntam	121
Fotografia 37 – Escrita do homem do tribal	121
Fotografia 38 – Mãos desenhando-se	122
Fotografia 39 – Borboletas	122
Fotografia 40 – O rapaz indiferente	130
Fotografia 41 – O caminho do paraíso	139
Fotografia 42 – Dos afetos do homem de toca	141
Fotografia 43 – Sobre a lua sumindo no horizonte	142
Fotografia 44 – Sobre o senhor simpático	143
Fotografia 45 – Nem tudo o que se vê é o que parece	144
Fotografia 46 – Escada do universo	145
Fotografia 47 – Nostalgia	148
Fotografia 48 – Sobre o que as imagens fizeram pensar	149
Fotografia 49 – Labirinto de imagens	152
Fotografia 50 – O repúdio	154
Fotografia 51 – Sem começo ou fim	156
Fotografia 52 – Religião e infinito?	157
Fotografia 53 – O ninho destruído	157
Fotografia 54 – Diretamente ela	160
Fotografia 55 – A mulher do silêncio	162
Fotografia 56 – Para dizer dos afetos	165
Fotografia 57 – O registro de dentro do labirinto	165
Fotografia 58 – Que seja infinito o amor pelas pessoas	166
Fotografia 59 – Sobre a vida eterna	166
Fotografia 60 – Efêmero x Eternidade	167
Fotografia 61 – Sem palavras	167
Fotografia 62 – Arte decorativa	168
Fotografia 63 – Problemas da Terra	168
Fotografia 64 – Uma família	169
Fotografia 65 – Mergulhando no túnel infinito	169
Fotografia 66 – A luz que põe o mundo em ordem	170
Fotografia 67 – Um coqueiro com olhares ao infinito	178
Fotografia 68 – Outro coqueiro com olhares ao infinito	178
Fotografia 69 – Uma instalação artística entre coqueiros	179

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartão com informações do artista Escher	115
Figura 2 – Saindo da casinha	177
Figura 3 – Reportagem sobre o Dia Mundial da Saúde Mental	182

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA – Alcoólicos Anônimos
CA – Colégio de Aplicação
CAPS – Centro de Atenção Psicossocial
ECEM – Encontro Catarinense de Educação Matemática
ENEM – Encontro Nacional de Educação Matemática
GECEM – Grupo de Estudos Contemporâneos e Educação Matemática
ICME – Congresso Internacional de Educação Matemática
JNEM – Jornada Nacional de Educação Matemática
JREM – Jornada Regional de Educação Matemática
NA – Narcóticos Anônimos
PIBIC – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica
PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
SEPEX – Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão
SEURS – Seminário de Extensão Universitária da Região Sul
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

PREFÁCIO	23
PELO MEIO...	27
DOS MOVIMENTOS DE CONSTITUIÇÃO DE UMA PESQUISADORA...	33
TORNAR-SE....	43
EXPERIMENTANDO O PERTENCIMENTO...	71
Fragmentos vividos...	73
Entre mandalas e mosaicos...	75
Segundo dia entre mandalas...	79
Das mandalas aos mosaicos...	81
Encaixar certinho para ficar bonito...	84
O mosaico que me tocou... o grande mosaico que se fixou...	86
Um encontro no ônibus...	93
Cheiro de manjeriço...	95
Da caixa que surpreende e dos cacos que se juntam...	97
“QUEBRANDO A CABEÇA”, AFETANDO OLHARES...	101
Do ciclo infinito...	104
Do monte de peixes ao amor infinito de Deus...	112
O silêncio do olho...	119
UM OLHO, COMPONDO INFINITOS OLHARES...	127
OLHARES NO ARCO-ÍRIS...	151
SAINDO DA CASINHA...	177
AINDA PELO MEIO...	187
REFERÊNCIAS	189

ANEXOS 195

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Anexo B – Autorização da Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis

Anexo C – Programação Semana da Saúde Mental

PREFÁCIO

Cássia,

A menina que falava do infinito...

O infinito contaminava seu sangue, sua respiração, seu pensar. O símbolo virou adorno, amuleto.

A princesa entre nós. Ela trouxe as cores, os cheiros, os sabores.

O que dizer sobre ela, a partir dela, com ela?

Que ela me roubou as palavras e as transformou em sua própria voz.

Que tirou meu sono e pôs-me a sonhar sonâmbula.

Sufocou meu respirar e provocou-me o arrepiou na pele, na carne.

Fez meus olhos se encherem de lágrimas enquanto também brilhavam.

Encheu meu coração de medos, ansiedades, inseguranças, mas o acalentou com a escuta, com o desejo de formação, de transformação.

Porque se há desejo tudo acontece, tudo pode.

Muitas coisas são possíveis onde o impossível se instala, e com vontade podemos sempre inventar e reinventar outras formas de conhecer, mas também de se amar.

Que bom que alguma coisa aconteceu entre nós!

Cláudia Regina Flores

Nota:

Platôs, dados, mas copresentes!

PELO MEIO...

Onde começa? Onde termina? Que tal sem começo, sem fim? Proponho uma pesquisa *intermezzo*, que se interessa mais pelo acompanhamento do processo¹ — na medida em que novos caminhos vão sendo possibilitados e outros vão sendo cruzados. Uma cartografia. E “são múltiplas as entradas em uma cartografia”². Ela “se apresenta como mapa móvel”³, sem nada que tenha “a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma”⁴, pensando *entre* as coisas, até porque “o rizoma não tem centro”⁵.

Curiosamente temos a necessidade de introduzir nossas escritas, de entregar o *ouro* de início, de preparar o leitor para o que está por vir, como se fosse um manual de instruções, ou melhor, um centro de organização do texto como um todo — um começo, um meio, um fim. Mas, pergunto-me, se isso não ofusca nossa experiência? O “modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece”⁶? Nos afastando da “intensidade que produz o movimento do afetar”⁷. Afinal, já saberíamos, mais ou menos, o que vamos encontrar pela frente.

Apesar disso, minimamente (ou academicamente?) me dispus a ter um breve início que está mais para um CUIDADO! — em um sentido diferente: cuidado como zelo, delicadeza, acolhimento para com o leitor. Pois, o que vamos ler aqui são verdades-meio, ao invés de verdades-fim⁸, como estamos acostumados em pesquisas acadêmicas. Vamos “caminhar em involução, nem de onde, nem para onde, mas habitar as múltiplas temporalidades em um único instante”⁹.

Mergulhar em encontros. “Desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta

¹ BARROS; KASTRUP, 2012.

² PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 10.

³ Ibidem.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

⁶ LARROSA, 2001.

⁷ LAZZAROTO; CARVALHO, 2012, p. 26.

⁸ LOBO, 2012.

⁹ COSTA; ANGELI; FONSECA, 2012, p. 46.

de suas modulações e de seu movimento permanente”¹⁰. Desenho por vezes difícil, produzido continuamente, sempre e sempre, porque não pode ser copiado, nem aprendido, apenas enfrentado por mim como um desafio. Por isso, faço uma cartografia e nela sou criada.

Aqui, “pesquisar não tem mais a ver com saber sobre, pois se trata de saber com”¹¹. Dizer com. São análises fragmentárias e transformáveis e, por isso, “cada vez sinto mais intensamente que todo texto é um prólogo (ou um esboço) no momento em que se escreve, e uma máscara mortuária alguns anos depois”¹². Afinal, estamos sempre nos formando, de-formando e trans-formando. E essa cartografia, que ora compartilho, foi desenhada nesse momento da minha formação.

“A escrita é o traço ou dobras que o sujeito dessa aventura deixa”¹³, no caso, o que eu deixo desses encontros como pesquisadora.

Quando vamos escrever um texto, dispomos antecipadamente a um movimento, que dirige nossa atenção para o modo como vamos expressar determinado pensamento. Esta disposição afetiva está misturada com as emoções que carregamos, que podem ser de ansiedade ou de ressentimento por não encontrarmos a expressão apropriada. À medida que o texto começa a fluir, outras emoções e disposições surgem. Começamos a nos alegrar por encontrar as palavras que vão compor o texto, e nosso engajamento se torna mais fluido e promissor. Se nesse acoplamento, com as palavras e com o papel, subitamente somos desviados pelo telefone que toca, outras disposições e emoções irão surgir.¹⁴

Estamos sempre sendo atravessados por forças que aumentam, tonificam ou diminuem nossa potência de agir,

¹⁰ BARROS; KASTRUP, 2012, p. 57.

¹¹ COSTA; ANGELI; FONSECA, op.cit., p. 45.

¹² LARROSA, 2007, p. 129.

¹³ LINS, 2010, p. 62.

¹⁴ ROCHA; KASTRUP, 2009, p. 392.

favorecendo ou impedindo nossas ações¹⁵, em um trânsito de afetos! Mas, uma vez, haviam me ensinado que eu deveria ser neutra na pesquisa, objetiva, observar e comprovar meus dados garantindo distância entre o sujeito, neste caso, eu, e o objeto. Aí, sim, a pesquisa seria científica. No entanto, isso hoje não parece mais fazer sentido para mim, porque

não precisamos mais temer o processo de estarmos sendo afetados pelo acontecimento no ato de pesquisar, pois o que antes era dado como “ponto fraco” do pesquisador, agora marca uma condição indispensável do processo de pesquisar: a capacidade de afetar e afetar-se para que se criem os modos de expressar os sentidos de uma pesquisa.¹⁶

Assim, “um método em/no movimento foi sendo construído, na inseparabilidade entre afeto e intelecto, entre pesquisa e intervenção, entre corpo e pensamento”¹⁷. Digo que fui afetada (pois posso afirmar sobre mim!). Fui afetada o tempo inteiro, oscilei entre afetos alegres e tristes¹⁸ em meus encontros e desencontros enquanto pesquisadora. Talvez, agora, possa provocar também afetos em você com o que produzi. Talvez...

Por isso, lanço um convite de escuta¹⁹. Um convite para participar do movimento de narração, de descrição e, por que não, de problematização de determinadas verdades e de produção de conhecimento? Isso porque, hoje entendo

a verdade e o conhecimento como invenções; os conceitos como produções, intervenções, ferramentas analíticas e não como descobertas ou essências; a linguagem e o discurso com seu caráter constitutivo das práticas, das relações sociais, daquilo que denominamos de realidade; o caráter

¹⁵ ESPINOSA apud DELEUZE, 2002.

¹⁶ LAZZAROTO; CARVALHO, op.cit., p. 27.

¹⁷ BARROS, 2013, p. 28.

¹⁸ DELEUZE, 2002.

¹⁹ Larrosa (2007, p. 133) aponta para o papel formativo de nossas leituras, alertando que “uma pessoa que não é capaz de se pôr à escuta cancelou seu potencial de formação e de trans-formação”.

contingencial e discursivo da produção de sujeitos ou subjetivações; e a perspectiva analítica do poder para inventar, fixar, tornar permanente a produção de saberes e a negação à existência de uma capacidade cognitiva de descobrir, desvelar, abstrair.²⁰

Esse modo de pensar a pesquisa, e também a vida, faz parte de uma outra postura de pesquisadora de Educação Matemática. Talvez uma pesquisadora pós-estruturalista, se é que se pode denominar esse movimento que ora estou fazendo. E, podemos pensar

o quanto são produtivos e (re)inventivos os impactos da teorização pós-estruturalista na analítica e nas estratégias investigativas para a Educação Matemática na contemporaneidade, na medida em que formulam novos objetos, novos conceitos e posicionam-nos de diferente maneira em relação à própria Matemática e às prerrogativas para seu ensino, às práticas pedagógicas escolares e à constituição de identidades docentes de quem ensina essa “Ciência”.²¹

A perspectiva da visualidade para a visualização na Educação Matemática²² é uma dessas teorizações. O conceito de Visualidade, que movimenta todos os platôs, “é entendido como a soma dos discursos que informam como nós vemos”²³, e por meio dele se busca “fornecer uma base para a análise de práticas visuais, explorando o papel de conceitos matemáticos em regimes visuais”²⁴. Ele permite problematizar as formas naturalizadas de olhar, representar e ensinar na matemática, assim como permite perceber um pensamento matemático, não como algo ditado por aquela escolar, mas como modulação do pensar²⁵.

²⁰ SILVA, 2003, p. 36.

²¹ BELLO, 2010, p. 582.

²² FLORES, 2013.

²³ Idem, p. 93-94.

²⁴ Idem, p. 94.

²⁵ FLORES, 2015, no prelo.

Assim, na relação com a imagem²⁶ são potencializadas práticas visuais, ou seja, os discursos que marcam cada um, aquilo que nos afetou ou afeta, fazendo-nos olhar de tal ou qual maneira para determinada coisa.

Criei palavras para dizer dos afetos²⁷ que se produziram nesse processo, e “produzir pode ser um movimento planejado, um enquadramento, um determinismo, mas indica também relações atravessadas pelo acaso, pelo vazio, pelo que está posto antes do Ser Humano e torna possível o produzir”²⁸.

A pesquisa é movimento, é produção, e o “produzir não está objetivado apenas no outro, no objeto, distanciado do sujeito. O pesquisador também é efeito do produzir. É parte inerente da pesquisa [...] ele também faz parte dela, constitui a pesquisa a partir dos saberes que lhe atravessam. Ele se refaz”²⁹. Por isso, falo dos meus afetos enquanto pesquisadora, além daqueles produzidos na relação entre as imagens e os participantes desse movimento.

Demorou para que eu me deixasse levar, ou melhor, para assumir uma postura de cartógrafa. Foi e continua sendo um processo de desmontagem de todos os modelos já incorporados por mim. A energia da pesquisa, antes reservada à representação, canaliza agora o movimento puro da pesquisa, “de maneira que só a pesquisa lhe dá o sentido do seu pesquisar e ela não encontra jamais O sentido da pesquisa que faz”³⁰. Pois, como disse antes, são múltiplas as entradas, múltiplos os sentidos.

²⁶ As imagens selecionadas para esta pesquisa foram escolhidas conforme os afetos da pesquisadora, e conforme cada uma delas dispara pensamentos sobre e com o infinito.

²⁷ Afetos ou afectos? Afetos e afectos? Alguns autores diferenciam esses dois conceitos, dizendo que o *afeto* estaria mais ligado ao vivido (HECKERT, 2012), ao trauma e à falta (LINS, 2010), e que *afecto* referese à experimentação (HECKERT, 2012), sendo da ordem do desejo, ao qual nada falta (LINS, 2010). Nesta pesquisa, a ideia de afeto será entendida como “um signo vetorial como nos ensina Deleuze. Ele é a resultante do encontro entre corpos ou ideias, apontando para um aumento ou diminuição da velocidade absoluta do devir ou do viver” (BARROS e PASSOS, 2012, p. 184). “São forças que nos atravessam [...] existem para além dos sujeitos que os vivenciam” (ROCHA e KASTRUP, 2012, p. 386).

²⁸ SCHEINVAR, 2012, p. 196.

²⁹ Idem, p. 197.

³⁰ TADEU; CORAZZA; ZORDAN, 2004, p. 10.

Da pergunta “*Como afetamos e somos afetados por modos de olhar ao infinito?*”, muitas experiências perpassaram essa intervenção, essa cartografia. “Ela é produzida a partir das percepções, sensações e afetos vividos pelo pesquisador nesse encontro que não é neutro, nem isento de interferências”³¹.

Por isso, com essa escrita, não quero fazer uma generalização sobre os olhares ao infinito, nem afirmar ou condenar algum modo de olhar. Até por que,

um conceito [como conhecimento ou espelho da realidade] não é um ente abstrato com vida própria, não está em algum lugar à espera de ser aprendido, não tem uma essência que se manifesta por meio de diferentes representações. São significados cambiantes produzidos entre pessoas em determinadas práticas culturais.³²

Meu objetivo é cartografar esse processo de como afetamos e somos afetados por modos de olhar ao infinito com imagens. Portanto, cartografar o processo provocado pelo encontro entre sujeitos e imagens — sujeitos de memória, sentidos, sensações, afetos; de imagens como dispositivos, pensamentos, ressonâncias.

Agora quem é esse “afetamos” e “somos afetados”? Penso que, em primeiro lugar, eu, enquanto pesquisadora, pois faço parte desse “nós”, e depois, o grupo de estudos do qual faço parte, mas, principalmente, alguns alunos e alguns participantes do CAPS.

Voltemos ao convite de escuta...

³¹ BARROS, 2013, p. 28.

³² Aforismo produzido para o I Sarau de Aforismos em Educação, Linguagens e Práticas Culturais. BELLO; MIGUEL, 2008 apud BELLO, 2010, p. 549.

DOS MOVIMENTOS DE CONSTITUIÇÃO DE UMA PESQUISADORA...

“Suspeitar da naturalidade dos objetos, das relações, das formas de ser; estranhar o cotidiano e suas obviedades inquestionáveis; exercício crítico do olhar implicando deslocar do habitual e desfocar”³³. É nesse viés que venho me enredando e me constituindo nos últimos anos, mediante um processo de desnaturalização daquilo que sempre me confortou (ou apenas não causou desconforto?) ao longo da minha formação.

Do início ao fim do curso de licenciatura em Matemática³⁴, sempre estive envolvida em estágios ou programas que me oportunizaram o contato com alunos do Ensino Fundamental e Médio. Nesses encontros, ao me preocupar com a forma como poderia ensinar os conteúdos de matemática, inventava dinâmicas, jogos, exercícios, entre outras coisas, para chamar a atenção dos estudantes.

Com o PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, conheci diferentes realidades sociais, diferentes atitudes, tanto por parte de estudantes quanto de professores. Com o tempo, elaborei artigos sobre as atividades feitas em algumas escolas públicas de Florianópolis, e com a submissão deles, tive a oportunidade de participar de congressos e seminários³⁵ que me mostraram um pouco do campo de pesquisa em Educação Matemática.

Naturalmente muitos dos trabalhos que eu via nesse campo procuravam e compartilhavam os melhores métodos de se ensinar e aprender a matemática. Sem dúvidas, meu desejo e minhas necessidades imediatas iam nessa direção e, assim, ia se dando minha formação como professora.

³³ PRADO FILHO, 2012, p. 73.

³⁴ Coursado na Universidade Federal de Santa Catarina.

³⁵ Como o 29º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, realizado em Foz do Iguazu, 2011. O VII Encontro Catarinense de Educação Matemática, realizado em Blumenau, 2011. A IV Jornada Nacional de Educação Matemática e XVII Jornada Regional de Educação Matemática, realizada em Passo Fundo, 2012. E a 8ª e 9ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Em 2011, comecei a fazer parte do GECEM³⁶ – Grupo de Estudos Contemporâneos e Educação Matemática e do PIBIC³⁷ – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica. Logo percebi que novos aprendizados estavam sendo provocados em mim. Nesse momento, não só a busca pelo o que ensinar ou a dúvida de como os alunos aprendiam matemática faziam parte de minhas preocupações, mas também como o conhecimento matemático é formado e forma uma modalidade de educação.

Vivenciar os estudos e as discussões nesse grupo me possibilitou perceber outras problemáticas, entre elas, a problemática do nosso olhar e, principalmente, do nosso olhar em matemática³⁸.

Um dos primeiros trabalhos que li e que foram produzidos no grupo foi o de Hellen Zago³⁹. A partir da potencialidade matemática de seis obras do artista Rodrigo de Haro⁴⁰, ela exercitou seu próprio olhar enquanto educadora matemática, num movimento de olhar e pensar matematicamente. Ao levantar, a partir desse movimento, conceitos de geometria, tais como simetria, paralelismo, proporção, formas, entre outros, via a relação entre Arte e Matemática não apenas como um novo recurso motivador para as aulas da disciplina, mas como uma forma de problematizar um pensamento matemático que resultava em organização e beleza, perceptíveis naquelas obras.

Ao final da leitura, senti-me um pouco confusa. Arte e matemática apresentavam-se, para mim, de uma forma diferente. Ou seja, nessa nova proposta eu não iria identificar um quadrado, um triângulo ou calcular, por exemplo, perímetros, áreas, etc. A proposta era outra! E a mim, isso causava estranheza.

O livro *Olhar, Saber, Representar: sobre a representação em perspectiva*⁴¹ é a tese de “como nosso olhar moderno em

³⁶ Grupo de Estudos Contemporâneos e Educação Matemática, diretório CNPq, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina, coordenado pela Professora Dra. Cláudia Regina Flores.

³⁷ Orientada pela professora Dra. Cláudia Regina Flores.

³⁸ FLORES, 2007.

³⁹ ZAGO, 2010.

⁴⁰ Rodrigo de Haro é um artista catarinense nascido em 1939. É membro da Academia Catarinense de Letras e, dentre muitas de suas obras plásticas, destacam-se as paredes e a entrada da reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴¹ FLORES, 2007.

matemática é cultural e interage com modos de representação⁴². É com ele que fui percebendo, aos poucos (e com várias releituras), o quanto nosso olhar é carregado de historicidade e “como a técnica da perspectiva afetou, e afeta, nossos modos de ver as coisas”⁴³.

Outra leitura que movimentou meu pensamento foi a do artigo “Cultura visual, visualidade, visualização matemática: balanço provisório, propostas cautelares”⁴⁴. Nele, a autora propõe o uso do termo visualidade nas pesquisas em Educação Matemática, deslocando cada vez mais o foco da semiótica, da psicologia cognitiva, da percepção visual, que têm fundamentado a pesquisa em visualização matemática, para “acentuar cultura visual e visualidade como estratégia teórica e metodológica e como uma dimensão importante que abrange práticas do olhar na constituição de formas e experiências do olhar em matemática”⁴⁵.

A noção de cultura visual [em síntese] centra-se no visual como lugar onde se criam significados, priorizando-se a experiência cotidiana do visual e interessando-se pelos acontecimentos visuais nos quais se buscam informação, significado, prazer, conhecimento. Portanto, é uma estratégia para entender as relações do sujeito e das experiências visuais com a tecnologia do visual. Neste caso, entende-se como tecnologia visual qualquer forma de dispositivo desenhado para ser olhado e para construir o olhar⁴⁶.

No artigo, a autora expõe também, sistematicamente, suas primeiras proposições para incrementar a pesquisa em visualização matemática, assim como dar subsídios para as pesquisas desenvolvidas, sobretudo, no GECM. São elas: relacionar pintura, visualização e matemática, considerando o entendimento de cultura e de história; exercitar o olhar matemático em pinturas contemporâneas; compreender as diversas formas de olhar, de

⁴² Idem, 2013, p. 93.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ FLORES, 2010.

⁴⁵ Idem, p. 291.

⁴⁶ Idem, p. 279.

praticar a vista, considerando a cultura visual de diversas épocas e grupos sociais; analisar como aparatos técnicos modificaram a visão, tais como a técnica da perspectiva, as máquinas para ver, as máquinas fotográficas, os microscópios, a internet, entre outros; ler imagens criticamente, percebendo aí formas de dominação, de passividade, rotina, vigilância, relacionando saberes matemáticos na constituição dos sujeitos, induzindo formas específicas de olhar; analisar formas de representação do espaço da cidade, da escola, das fortificações militares; analisar o emprego de figuras geométricas na prática do professor, no livro de matemática para o ensino de geometria, possibilitando ver a prática e a manutenção de uma forma específica de ver, que tem seu início na invenção da técnica da perspectiva⁴⁷.

Partindo dessas proposições, e utilizando o termo visualidade, surgiram, então, outros trabalhos no grupo, sendo que alguns, naquele momento, já estavam concluídos, e outros, ainda em andamento. Entre eles, a dissertação de Débora Regina Wagner⁴⁸, que realizou um enlace entre arte, técnica do olhar e matemática para colocar em prática o modo perspectivo do olhar em matemática, refletindo, assim, sobre a problemática da visualidade no contexto da Educação Matemática.

Para isso, propôs o estudo dos conceitos básicos envolvidos na técnica da perspectiva a partir do *Tratado de Pintura de Alberti*, publicado em 1435, na tentativa de compreender os enunciados que formavam a trama discursiva daquela época, o olhar e a representação de imagens, além de se deter também sobre como constituímos e concebemos o conhecimento matemático.

A partir de quatro obras plásticas do Renascimento, a técnica da perspectiva central foi aplicada, tendo como base o método proposto por Alberti. Evidenciou-se que essa técnica se traduz num modo de olhar que foi tanto efeito quanto suporte para a realização das pinturas realistas daquela época⁴⁹. Desta forma, a autora demonstrou que nossa visão é construída por meio de práticas visuais, e que, dentre elas, está o modelo da perspectiva central.

A tese de Ivone Buratto⁵⁰ faz parte também dessa perspectiva, ao tratar do papel da historicidade e da visualidade

⁴⁷ FLORES, 2010.

⁴⁸ WAGNER, 2012.

⁴⁹ FLORES, 2007.

⁵⁰ BURATTO, 2012.

para a formulação de uma nova narrativa na Educação Matemática. Seu objetivo foi discutir e analisar de que modo essa nova narrativa poderia proporcionar uma compreensão do visual como construção cultural e histórica. Além do mais, seu estudo proporciona um texto para subsidiar novas pesquisas para a continuidade do estabelecimento de novas fronteiras na Educação Matemática.

Em seus estudos, ela procurou discutir acerca das condições que fizeram o artesão alemão Albrecht Dürer inventar novos meios para a aprendizagem da técnica da perspectiva, suas elaborações e demonstrações teóricas implicadas por uma condição da época, assim como a criação artística condizente com a representação realista necessária ao mundo renascentista.

Por fim, a dissertação de Liliane Medeiros⁵¹ também considerou que o nosso olhar é construído em meio a práticas e discursos visuais que se tornaram verdades estabelecidas histórica e culturalmente. Seu objetivo, no entanto, foi o de identificar quais eram os discursos predominantes e que emergiam da visualidade dos futuros professores de Matemática da UFSC quando se deparavam com imagens em anamorfose. Para isso, cartografou um grupo de cinco licenciandos e constatou que, para esse grupo, o discurso visual que prevalecia era aquele ligado à racionalidade, objetividade e transparência no que se vê.

Antes dessas leituras e desse engajamento no grupo não havia parado para pensar sobre as questões que envolvem o olhar, muito menos, nosso olhar matemático. Mas, as coisas estavam mudando em mim, na minha forma de me relacionar com a Matemática e, principalmente, com o olhar matemático.

Nas pesquisas feitas pela professora Cláudia Regina Flores e pelo GECM, o olhar é entendido como sendo formado em meio a discursos, técnicas, num movimento histórico, cultural, em que ideias e pensamentos matemáticos fazem parte dessa constituição.

Lembro que nas disciplinas que envolviam imagens e figuras, tanto na escola que frequentei quanto na graduação que realizei, apenas aprendíamos a olhar da maneira dita e imposta como “correta”, pois queríamos resolver algum problema ou discutir sobre algo já determinado. Não havia espaço para se pensar diferentemente. Mas, esse meu engajamento, e principalmente minha inserção como bolsista do PIBIC, possibilitaram repensar algumas verdades. Durante esse período me envolvi em duas

⁵¹ MEDEIROS, 2014.

pesquisas que faziam parte de projetos maiores coordenados pela professora Dra. Cláudia Regina Flores.

O primeiro trabalho se intitulava *Olhos da Matemática: Investigando Relações da Arte e da Matemática*, e integrava o projeto Arte e Visualidade: Outros Olhares para a Visualização Matemática⁵². O objetivo do projeto era articular os estudos sobre Arte e Matemática, ou mais especificamente, entre Arte e Educação Matemática. Já o do trabalho era catalogar e analisar características dos principais movimentos artísticos, desde o Renascimento até a Contemporaneidade, procurando identificar nas obras relações entre arte e matemática. Com ele, buscamos eleger e estudar também alguns dos conceitos matemáticos implicados nos discursos visuais, os quais nos levam a ver organização, estética, bom gosto e realismo. Por fim, realizamos um ensaio de entendimento de uma prática visual em uma pintura do artista catarinense Juarez Machado, a fim de exercitar o olhar matemático por meio da arte.

Cabe dizer que minhas primeiras tentativas de relacionar arte e matemática recaíam, mesmo sem intenção, sobre os habituais aspectos semióticos e da visualização tidos como processos mentais. Isso porque, até então, a única relação possível para mim era esta, pois eu não percebia ou não me permitia outra forma de pensar.

Já o segundo⁵³ trabalho tinha como título *Arte de Santa Catarina e Matemática: entendendo práticas visuais*, e integrava o projeto Práticas de olhar na pintura catarinense: discutindo sobre visualidade, arte e ensino de geometria⁵⁴. A ideia era desenvolver

⁵² Projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenado pela Prof. Dra. Cláudia Regina Flores. O projeto centra-se nos estudos sobre a cultura visual e a visualidade, relacionando o campo teórico e prático da pesquisa em visualização na educação e na educação matemática. Vincula cultura visual e visualidade para demonstrar a especificidade da visualidade matemática, construindo novos patamares de reflexão acerca da visualização matemática. O lugar de estudo se dá em manifestações artísticas, tais como a arte plástica, gráfica e técnica.

⁵³ Essa pesquisa foi confiada a outro aluno, cinco meses antes do seu término, devido à minha conclusão de curso.

⁵⁴ Projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenado pela Dra. Cláudia Regina Flores. Esse projeto considerou o conceito de visualidade, ao invés de visualização, em Educação Matemática, pautando-se nos Estudos Visuais e

exercícios envolvendo pinturas catarinenses e matemática com o propósito de ilustrar questões teóricas sobre o uso da imagem para se pensar princípios matemáticos, colocando em prática modos de ver instituídos em outros tempos.

Contudo, limitei-me a compreender sobre a potencialidade da imagem nas pesquisas em Educação Matemática, bem como fazer o levantamento de artistas plásticos catarinenses e refazer um pouco da trajetória artística do Grupo Sul⁵⁵.

Concomitante a isso, desenvolvi meu TCC⁵⁶ – Trabalho de Conclusão de Curso, inserindo-me nas propostas sobre como relacionar o pensamento matemático e as obras de arte que vinham delineando as pesquisas no GECEM. No meu caso, considerando, em particular, a noção de infinito, propus a análise de duas obras do artista catarinense Victor Meirelles, para colocar em ação práticas de olhar ao infinito instituídas séculos atrás, mas reelaboradas, no presente, pelo meu olhar.

Em 2013, iniciei uma nova etapa, o mestrado. E com ele, novos desafios. Primeiro, um estudo⁵⁷ sobre a trajetória histórica e epistemológica do infinito e sua problematização na arte em diferentes momentos artísticos, especificamente no contexto da pintura.

Em seguida, esse estudo integrou uma proposta de oficina, desenvolvida no XI ENEM – Encontro Nacional de Educação Matemática, realizado em Curitiba/PR, no período de 18 a 21 de julho de 2013. Essa proposta se distanciou daquelas recorrentes que articulam matemática e arte, ou que tratam do infinito, de modo geral, pois não se deu atenção apenas⁵⁸ às formas geométricas presentes na pintura, mas a um encaminhamento diferenciado, em

Cultura Visual. O lugar do estudo focava manifestações artísticas catarinenses, em particular, a arte plástica. Com o intuito de contribuir com reflexões pedagógicas e curriculares acerca dos conteúdos geométricos e das formas de ensinar geometria, afirmava a relação entre arte, visualidade e matemática como uma linha de pesquisa para a educação matemática.

⁵⁵ O Grupo Sul foi o movimento artístico que levou o modernismo a Santa Catarina, na década de 1950.

⁵⁶ SCHUCK, 2012.

⁵⁷ Desenvolvido juntamente com os colegas do GECEM e a professora Cláudia Regina Flores. MACHADO, R. *et al.* Aporética do Infinito: [des]caminhos na matemática e na pintura. *Alexandria*, Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v. 6, n.1, p. 283-317, abril 2013.

⁵⁸ “Apenas” não no sentido pejorativo.

que se buscou problematizar o pensamento e as verdades que praticamos em torno do olhar ao infinito.

Com esse movimento que perpassa a teorização denominada de *perspectiva da visualidade para a visualização na Educação Matemática*⁵⁹, proposta pela professora Cláudia Flores, posso dizer que passei, e ainda passo, por formações, deformações e transformações que me afetam e que hoje me constituem enquanto pesquisadora e professora de matemática.

De modo geral, percebo que nada é fixo em nós, de modo que passei a desconfiar de muitos discursos do campo da Educação Matemática que tomamos como naturalizados, especificamente aquele que diz respeito ao nosso olhar em matemática.

A visualidade assume um papel muito importante nesta pesquisa e no meu modo de olhar para as coisas em matemática hoje. O termo visualidade constitui-se em minha ferramenta de análise das práticas visuais⁶⁰ e, no caso desta pesquisa, em torno do olhar ao infinito. Por isso, faço algumas considerações relevantes em relação ao que sabemos acerca desse princípio proveniente da Cultura Visual⁶¹.

O termo visualidade vem sendo empregado em estudos visuais e descrito como “sendo a soma de discursos que informam como nós vemos, olhamos as coisas e para as coisas”⁶², conforme já citado. Assim, a visualidade é, por vezes, considerada como um fato social, que implica conhecer práticas visuais inseridas em processos culturais e históricos, sendo que tais determinações discursivas da vista estão imbricadas em meio a relações de poder, estabelecendo-se como regimes visuais.

Além disso, apesar de a visão ser entendida, muitas vezes, como apenas um elemento físico do nosso corpo e a visualidade como algo que faz jus apenas ao histórico e cultural, não devemos opô-las, pois visão e visualidade, no nosso ponto de vista, não são termos dicotômicos⁶³.

O conceito de visualidade obriga-nos a ficar atentos aos modos pelos quais nos tornamos sujeitos em meio a discursos

⁵⁹ FLORES, 2012, 2013.

⁶⁰ FLORES, 2013.

⁶¹ Uma discussão mais profunda sobre esse novo campo interdisciplinar de pesquisa, a Cultura Visual, pode ser encontrada em Dikovitskaya (2005).

⁶² FLORES, 2013a, p.3.

⁶³ Idem, 2010.

visuais⁶⁴, os quais moldam nosso modo de olhar, nossa forma de perceber e de nos perceber no mundo. E nesta pesquisa, especificamente, problematizaremos como moldam os modos de olhar ao infinito, isto é, como tais discursos, imersos em regimes de poder (religioso e científico) ainda hoje ecoam em nossa sociedade.

A adoção do conceito de visualidade também traz uma série de implicações para a pesquisa sobre visualização em Educação Matemática, “ressonando no modo como, normalmente, fazemos perguntas, aplicamos e elegemos metodologias de investigação ou de ensino, narramos procedimentos e produzimos resultados”⁶⁵.

Portanto, estou me submetendo a uma experiência que, de certo modo, é nova. Lanço mão de estratégias que nem sempre são conhecidas ou confortantes para mim, ao pretender buscar no termo visualidade a “compreensão de que tanto as práticas visuais, quanto as artísticas, assim como as práticas matemáticas, são imersas em história formando visualidades e transformando nossas subjetividades visuais”⁶⁶.

⁶⁴ FLORES; WAGNER; BURATTO, 2012.

⁶⁵ Idem, p. 43.

⁶⁶ FLORES; WAGNER, 2014, p. 254.

TORNAR-SE...⁶⁷

Minha primeira experiência de assumir uma postura cartográfica ocorreu com alunos de uma 8ª série, coordenada pela professora Rosana Arruda, da Escola Brigadeiro Eduardo Gomes, situada na Av. Pequeno Príncipe, 2939, no bairro do Campeche, em Florianópolis/SC. Eu os conheci enquanto oferecia⁶⁸ oficinas voluntárias no contraturno de suas aulas. Ao todo, 13 alunos aceitaram⁶⁹ a experiência proposta por mim. Eles foram divididos em dois grupos, de 6 e de 7 membros. Foram realizados dois encontros com cada um entre os meses de novembro e dezembro de 2013.

*Na opinião de vocês há alguma relação entre arte e matemática?*⁷⁰

Tem sim.

Sim, pra fazer a Monalisa eles fizeram um monte de cálculo...

Matemática é arte!

O tamanho das coisas.

Tem formas, retângulo, pentágono.

Para fazer desenho tem que fazer o cálculo.

Tem que saber o tamanho da folha.

Pra fazer uma reta a gente tem que ter uma régua também.

Pra fazer os desenhos tem que ter as medidas.

Ansiosa (despreparada?), ainda buscava naqueles encontros *comprovar* algumas verdades. Receosa — e ainda enquadrada em algum modelo da ciência moderna —, matutava métodos para

⁶⁷ “Podemos também imaginar que cartografamos, quando apenas representamos” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2012, p. 203).

⁶⁸ Juntamente com a Alice, também mestranda do PPGECT.

⁶⁹ Esta pesquisa cumpre com a Resolução CNS 466/2012, com aprovação no CEPESH/UFSC. Os alunos foram convidados e aceitaram voluntariamente fazer parte dela. Os termos livres e esclarecidos estão no Anexo A.

⁷⁰ As falas entre mim e os alunos serão destacadas em itálico, sendo as minhas grifadas em negrito. Optamos por não nomear os alunos, nem realmente, nem ficcionalmente. Os sujeitos serão tratados conforme foram afetando a escuta da pesquisadora.

“consolidar verdades-fim, definitivas”⁷¹, ou, pelo menos, aproximar-me, cada vez mais, delas. Contudo, chegar às respostas que, de alguma forma, desejava, implicava mais em uma representação do que em acompanhar o processo de como aqueles alunos afetariam e seriam afetados por modos de olhar ao infinito.

Saber se os alunos percebiam relações entre a arte e a matemática era, para mim, o pontapé inicial da conversa.

É possível relacionar coisas da arte com as de matemática, então?

Sim. Formas geométricas!

Pensar matemática e arte para a maioria das pessoas, e para mim, até pouco tempo atrás, reduzia-se a relacionar ou identificar elementos matemáticos, principalmente formas geométricas. Inclusive, um inventário feito por Cláudia Flores e Débora Wagner⁷² sobre as pesquisas brasileiras que envolvem arte e educação matemática aponta para algumas tendências, entre as quais, essa busca por “elementos matemáticos inerentes à própria arte”, ou mesmo “a tentativa de se servir da arte como um lugar de aplicação de conceitos [...] e também como um lugar em potencial para se investigar, discutir e analisar conhecimentos matemáticos e geométricos”⁷³.

Assim, tento desestabilizar a mim e a eles, ao perguntar:

E é possível ver apenas elementos de matemática?

Não. Dá de ver culturas!

Elementos de português, ciências, história, religião.

*Nesta imagem vejo Maria Madalena, círculo, castelo, religião,
quadradinhos.*

Isso aqui é a história, né, porque é do Egito.

Conta a história do Egito e da Índia lá.

Porém, por mais que eu não quisesse que eles elencassem elementos da matemática, queria fazer emergir um pensamento sobre o infinito. Isso, por corroborar com uma tendência mais atual que toma a arte para pensar a matemática e que considera as

⁷¹ LOBO, 2012, p. 17.

⁷² FLORES; WAGNER, 2014.

⁷³ Idem, p. 252.

obras de arte como um lugar propício para suscitar o pensamento matemático. Este pensamento seria, então, provocado antes por modelos de visualidade que formam as subjetividades em nossas culturas, do que pela obra em si.⁷⁴

Talvez tenha dado um tiro no próprio pé. Pensei que estivesse indo com a intenção de deixá-los falar a vontade, ou seja, indo aberta para deixar emergir subjetividades e visualidades, sem propor uma direção na conversa, apostando na “experimentação do pensamento”⁷⁵ e oferecendo-lhes tempo para que deixassem se afetar e afetarem aquelas imagens. Tinha confiança que as imagens que escolhi iriam reverberar em modos de olhar ao infinito. Afinal, eram imagens que eu havia me aproximado e a partir das quais construído alguns modos de olhar ao infinito, entre eles, aquele olhar voltado para o divino, para um Deus bondoso e infinito; outro representado em um ponto geométrico; outro como um lugar espiritual que alcançaremos, ou ainda, como expressão particular de Escher.

A ideia era cartografar como eles afetariam e seriam afetados pelos modos de olhar ao infinito produzidos por essas imagens. Tudo foi preparado e planejado, mas... Mas imaginei que cartografava, quando apenas representava⁷⁶. Afinal, “para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos”⁷⁷. Era preciso que eu praticasse a cartografia assumindo uma postura diferenciada, revertendo minha atitude naturalizada durante anos de formação⁷⁸.

O método da cartografia não opõe teoria e prática, pesquisa e intervenção, produção de conhecimento e produção de realidade. [...] Conhecer não é tão somente representar o objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas

⁷⁴ Idem, p. 252.

⁷⁵ PASSOS, KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 10.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem, p. 13.

⁷⁸ Idem.

pressupõe implicar-se com o mundo,
comprometer-se com a sua produção.⁷⁹

No entanto, ainda não sabia fazer diferente, pensar diferente, conceber uma pesquisa diferente. “Intervir para o cartógrafo não pode ser, portanto, conduzir ou dirigir o outro como se levasse nas mãos coisas”⁸⁰, mas, acho que foi isso que eu fiz.

E de matemática?

Quadrados.

Mais são as formas, né?

Aqui tem quatro pessoas, uma laranja pra cada um... tem que dividir.

A forma dos castelos, da parede aqui, ó... tem quadrados.

As casinhas foram calculadas.

Essa aí é embaçada! É uma montanha.

É cheia de quadrado...

Insistindo para *chegar* no que eu queria...

E vocês conseguem contar quantos quadrados tem?

Não, é um monte, um monte!

É como se estivesse rabiscado assim, professora!

(Fazendo um gesto de vai e vem com a mão)

Vocês acham que é limitado?

Sim.

Não, vai que não pegou a imagem toda.

Mas deve acabar em algum lugar.

Um monte de quadrados, rabiscos. Cézanne, em suas pinturas, desafia as regras ensinadas nas academias. Ele queria desnudar os detalhes superficiais e se aprofundar na análise daquilo que, para ele, era a geometria fundamental da natureza. Rigor geométrico que, mais tarde, influenciou novos artistas e foi responsável, em grande medida, pelo surgimento do cubismo⁸¹.

⁷⁹ ALVAREZ; PASSOS, 2012, p. 131.

⁸⁰ PASSOS; EIRADO, 2012, p. 123.

⁸¹ Movimento artístico que surgiu no século XX nas artes plásticas e que tratava as formas da natureza por meio de figuras geométricas, como o cone, a esfera e o cilindro. Assim, a representação do mundo passava a não ter nenhum compromisso com a aparência real das coisas.



Imagem 1 - **Mont Sainte-Victoire**, 1904-06.

Fonte: www.wga.hu

*Essa aí não tem matemática.
É só um monte de rabisco.
Não tem matemática porque ele desenhou do jeito que ele queria.*

Na verdade, ele não queria criar nenhuma ilusão em suas obras, apenas passar a sensação de solidez e de profundidade sem recorrer ao desenho convencional da época, ainda muito ligado à perspectiva cartesiana.

A montanha está longe ou próxima nesta imagem?

Tá longe.

E o que faz vocês pensarem que ela está longe?

Porque pintou lá atrás.

Como assim?

Pintou a montanha atrás das casas, bem lá atrás.

E o que te faz pensar que está lá atrás?

O espaço aqui do chão. (Apontando com o dedo)

A obra cubista passava, assim, a ser formada por um conjunto de infinitos planos que, por sua vez, são formadas por

infinitas retas, contendo, cada uma delas, uma infinidade de pontos⁸².

Parece uma mandala.

É lagartos.

São lagartixas.

E o que acontece nessa imagem?

Ela se distorce.

É que elas estão indo longe.

Elas estão crescendo.

Vai aparecendo mais.

Como assim vão crescendo?

Vai crescendo cada vez mais.

Diminuindo.

Aumentando a quantidade e diminuindo o tamanho.

E eu poderia diminuir mais?

Sim!

Professora, ela tem um monte aqui, só que daí vai ficando pequeno,

daí vai fazendo um buraco

E esse buraco tem fim?

Esse buraco não.

Vai além.

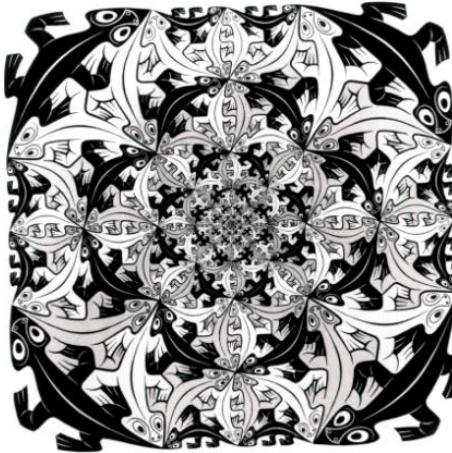


Imagem 2 - **Cada vez mais pequeno**, 1956.

Fonte: www.mcescher.com

⁸² SILVA; BERNUTTI, 2007.

As figuras com as quais esta gravura é construída reduzem a área da sua superfície para metade constantemente e radialmente dos lados para o centro, onde o limite do infinitamente grande e do infinitamente pequeno é obtido num único ponto. Mas esta configuração também permanece fragmentária, porque a sua fronteira pode ser expandida tão longe quanto se queira pela junção de figuras cada vez maiores.⁸³

As gravuras de Escher proporcionam outros modos de olhar ao infinito, como vemos nas falas provocadas acima. Em muitos de seus trabalhos, ele tentava aproximar-se do infinito tanto, e tão exatamente, quanto fosse possível, a ponto de seu último período artístico ser caracterizado por *aproximações ao infinito*. Para ele,

um plano, que podemos imaginar estendendo-se sem fronteiras em todas as direcções, pode ser preenchido ou dividido até o infinito, de acordo com um número limitado de sistemas, em figuras geométricas similares, contíguas, sem deixar qualquer espaço livre.⁸⁴

Um olhar ao infinito que vai além, que não acaba ali onde pensamos ver acabar, que é potencial.

Borboletas.

De várias cores.

Não... tem só 3 cores.

Tá encaixado perfeitamente.

E será que isso se dá por algum motivo matemático?

Sim.

Se não tivesse um motivo matemático não estaria encaixado.

Poderia continuar desenhando para todos os lados.

E eu posso desenhar quantas para cada lado?

A quantidade que tiver de papel.

⁸³ ESCHER, 1959 apud APM, 1998, p. 26.

⁸⁴ Idem, p. 24.

*E se eu tivesse quanto papel eu quisesse?
 Aí, pode desenhar tudo o que tu quiser.
 Poderia desenhar de 20 mil a 30 mil.
 E a que ideia que comentamos anteriormente isso se relaciona?
 Infinito.*

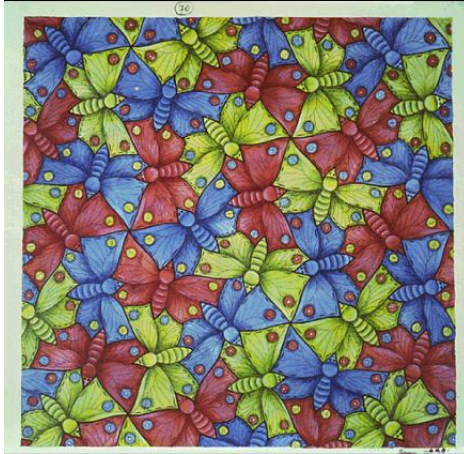


Imagem 3 - **Butterfly (No. 70)**, 1948.
 Fonte: www.mcescher.com

Esse pensamento, isto é, esse modo de olhar ao infinito enquanto potencialidade, é uma das práticas discursivas mais recorrentes nesta pesquisa. E por prática discursiva entendemos

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.⁸⁵

Tais regras e discursos são tidos, muitas vezes, como verdades absolutas, como fatos dados *a priori* para que possamos descobrir. Mas, para mim, e corroborando com Foucault, “a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a

⁸⁵ FOUCAULT, 2012, p. 144.

reproduzem”⁸⁶. Verdades estas que vão moldando nosso olhar matemático, nosso olhar ao infinito, e que vamos reproduzindo a ponto de acharmos que sempre foi assim, que é natural pensá-los dessa forma.

Por essa razão, saliento que

não se trata de interpretar o discurso para fazer através dele uma história do referente [...] de neutralizar o discurso, transformá-lo em signo de outra coisa e atravessar-lhe a espessura para encontrar o que permanece silenciosamente aquém dele, e sim, pelo contrário, mantê-lo em sua consistência, fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria.⁸⁷

Portanto, trata-se de trazer à tona tais discursos e problematizá-los como constituídos historicamente. Mas, além disso, vê-los em ação no presente ao sermos confrontados por imagens que provocam em nosso ser o sentido do infinito, ao mesmo tempo em que projetamos nelas um pensamento com ideias de infinito.

*Aqui tem cálculo só para fazer o tamanho da cabeça
em relação ao corpo.*

E todos têm esse mesmo cálculo?

Não.

Por quê?

Porque são pessoas diferentes, têm tamanhos diferentes.

Mas eles são proporcionais mesmo que em tamanhos diferentes?

Sim.

Esse aqui é maior, ele tá em cima de um trono, ele não tá em pé.

*É, mas ele está na frente porque os outros estão em baixo, tudo
pequenininho.*

*Mas é porque ele está na frente e os outros mais pra trás, por isso
ele tá maior.*

E quem é essa mulher? Vocês conhecem?

Não.

Maria?

⁸⁶ Idem, 2012a, p. 54.

⁸⁷ Idem, 2012, p. 58.

E quem estaria no colo de Maria?

Jesus.

E por que que ela está pintada maior ou mais à frente?

Porque ela é mulher de Deus.



Imagem 4 – Madonna Enthroned with the Child, St. Francis, St. Domenico and two Angels, s/d.

Fonte: www.wga.hu

Durante a Idade Média, o infinito em ato, ou o infinito absoluto, revestiu-se com bastante força de argumentos teológicos cristãos. A partir daí, a representação do infinito passou a ser apenas aquela que fazia referência ao divino. “A arte esteve a serviço da Igreja ou da fé particular. Na forma de ícones, as imagens adquiriram um inerente valor espiritual, com o visível simbolizando o invisível”⁸⁸.

Criavam-se mosaicos, afrescos, pinturas, ícones e esculturas religiosas para decorar igrejas e monastérios com cenas da vida e dos ensinamentos de Cristo. Os ícones tinham por objetivo criar uma ligação entre o humano e o divino, permitindo que o

⁸⁸ FARTHING, 2011, p. 9.

espectador se comunicasse diretamente com os personagens sagrados representados. Os ícones bizantinos se originaram da arte *acheiropoieta*, imagens criadas por intervenção divina e não por mãos humanas, por isso, os artistas, em geral, eram anônimos.

Ao mostrar outra imagem questiono:

E essa parte em volta em tom de azul, o que seria?

O céu.

O mar.

Não, o céu, cara.

E podemos relacionar o céu com algo da matemática?

Distância.

Altura.

Quantidade.

Mas sabemos qual é essa distância?

A parte azul que a gente enxerga não é o final ainda.

E o que tem depois?

O universo.

O espaço.

E ele acaba?

Não, ele continua por milhares de anos luz.

E isso lembra alguma ideia matemática?

Então, o número, o tempo, a distância.

Meio que uma massa infinita.

Hum... e nessa primeira imagem teria essa massa infinita?

Não, porque é só um local.

Aqui atrás seria só uma parede, então?

Uma janela.

O infinito, um inferno cheio de fogo.

Jesus é Satã agora?

Vai sabe, tu leu a bíblia, mas não quer dizer que seja real.

Mas não existe nada disso.

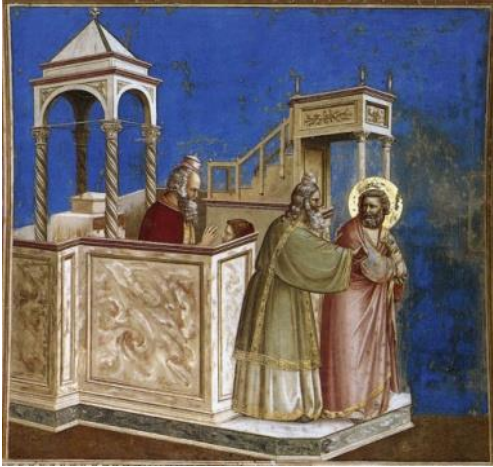


Imagem 5 - Scenes from the Life of Joachim:

1. Rejection of Joachim's Sacrifice, 1304-06.

Fonte: www.wga.hu

Ao ver uma imagem de Van Gogh:

Parece um milharal.

Aqui é um céu azul.

Não, verde.

Podia ser preto, de noite.

Onde vocês olham primeiro?

Pro céu.

Pra lua.

E por que vocês acham que olham para este lugar?

Porque é um lugar mais forte.

Porque os passarinhos estão ali.

Azul claro.

É corvo.

O número de passarinhos.



Imagem 6 - **Wheat Field with Crows**, 1890.

Fonte: www.wga.hu

Mesmo que a pergunta não tivesse uma clara relação com a matemática, a busca por contar coisas foi inevitável. Penso que isso mostra o quão não neutros somos ou fazemos pesquisa, pois, ao saberem que eu era professora de matemática, parecia que, de uma forma ou de outra, tentavam sempre fazer alguma ligação com a mesma:

Professora, aqui parece que tem uma estradinha.

Para onde esta estrada leva o olhar de vocês?

Pra lua, pro mar.

O que teria no final dessa estrada?

Uma toca.

A linha do horizonte!

Fim do arco-íris!

E o que vocês entendem por horizonte?

Que é uma coisa além.

Uma estrada pro céu, um caminho pro céu.

O horizonte é um lugar que é calmo.

Que é calmo? Mas vocês conseguem ver esse horizonte?

Não.

Não.

Não.

O horizonte é tipo uma paisagem que... que depois da paisagem...

O que tem depois da paisagem?

Um lugar calmo...ou não.

E esse lugar calmo, ele continua?

Ele... aham...

Quanto?

Ah, não sei.

Infinito.

Infinito?

Infinito.

Ah, o infinito!

Parecia-me que se não falassem a palavra infinito, não teria emergido nenhum outro modo de olhar ao infinito nas outras falas. Eu ainda o tomava como um objeto, mesmo sem querer, e muitas vezes não reconhecia os processos de emergência ligados à visualidade de cada um, ou da força de um grupo.

*Pensaria o infinito depois desse morro pra lá, depois do horizonte
(referindo-se à obra de Cézanne).*

O que vocês entendem por horizonte?

No mar tem um horizonte.

E aqui também tem?

*É mais ou menos o que não tem fim, porque a gente enxerga lá no
fundo e o fim vai ser a gente, porque ele dá a volta.*

Pra mim é uma linha que ninguém consegue ver o fim.

O horizonte é sem fim.

Pra mim tem fim.

Tu já conseguiu ver esse fim? (Um colega interroga)

Não.

Já fosse até ele? (Interroga novamente)

Não, mas tem.

Pra mim o infinito não tem fim e o horizonte tem fim.

*Tá, e então, como que tu quer fazer um ponto e ver o infinito? Que
tu falo?*

Porque talvez esteja atrás.

Mas se o infinito não tem fim? (Interroga mais uma vez)

*Tá, talvez você não enxergue, o horizonte tu olha pro mar tu vai
conseguir ver o fim? Não, mas tu sabe que continua.*

*Tipo, se for até a ilha do Campeche, a gente consegue ver pra lá,
entendeu? Daí a gente consegue ver mais pra lá. Se a gente for até
onde a gente enxerga, e aí, ir de novo, a gente vai sempre enxergar
mais.*

Olhando outra obra de Escher...

Parece uma construção no Egito, Moisés.

Como que é o nome daquele cara que prevê o fim do mundo?

Os Maias...

E tem algo que causa estranheza nessa imagem?

Aqueles quadrados estranhos lá em cima.

Parece um paredão.

É uma cachoeira?

Ah, tem o bagulho de água.

O que acontece com o curso da água?

Vai subindo assim, ó. (Apontando para o curso)

Parece estar reto, mas vai subindo.

Passa aqui, aqui, aqui, aqui, sempre fazendo o mesmo caminho.

Sempre o mesmo caminho? Vocês acham possível uma construção assim?

Sim, se eles fizeram é porque dá.

Parece que a água vai pra cima, só que ali ela tá descendo.

Isso aqui faz a água subi, ó. (Apontando para a roda)

A roda da força pra água ir.

Parece que aqui, se tu olha pra cá, ela tá alta, e quando tu olha pra cá, ela tá reta.

Eu penso numa casa.

Ta... mas não tem como a água subi!

Não?

Mas ela tá subindo...

Parece que isso aqui tá fazendo energia para empurrar a água.

E vocês acham que tem alguma ideia de matemática aqui?

Acho que sim.

Qual?

Velocidade.

Parece que tá reto, mas se a cachoeira desce é porque tá subindo.



Imagem 7 – **Waterfall**, 1961.

Fonte: www.mcescher.com

Na categoria dos *ciclos*, Escher propõe múltiplas formas. “Um ciclo é um fenômeno que ocorre sempre que, por deslocções para cima ou para baixo através dos níveis de um sistema hierárquico qualquer, nos encontramos surpreendentemente de volta ao ponto de partida”⁸⁹.

Parece um mosaico.

De peixes.

Girinos.

Tem tipo uma renda lá atrás?

E com que ideia matemática vocês relacionam?

As formas.

É como se fosse uma bola, ela vai ficando pequenininha.

E poderíamos diminuir mais?

Aham.

Infinitamente.

No centro ou na borda?

Na borda.

⁸⁹ APM, 1998, p. 23.

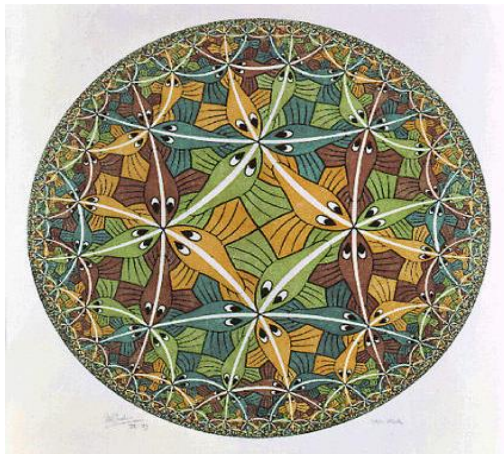


Imagem 8 - **Limite circular III**, 1959.

Fonte: www.mcescher.com

Na categoria *limites* temos as pavimentações mais complexas. Escher passou a preencher o plano com figuras cada vez mais pequenas, através do auxílio de uma lupa. Para isso, seguia progressões geométricas e tentava alcançar o limite do infinitamente pequeno, de modo a simbolizar o infinito em sua totalidade.

Nesta imagem (Imagem 4) vocês pensam no infinito?

Não.

Não mostra nada de infinito.

E esta, tem profundidade (Imagem 9)?

Tem.

O mesmo tipo de profundidade?

Não.

Mais ou menos.

Que diferença teria?

Que essa é maior (Imagem 9) e aquela ali é menor (Imagem 4).



Imagem 9 - **Sposalizio (The Engagement of Virgin Mary)**, 1504.

Fonte: www.wga.hu

Essa aqui (Imagem 4) não aparece o céu.

O que seria aqui atrás, então?

Uma parede.

Para além dessa parede não há nada?

Deve ter gente.

Pode ser o inferno.

*É a mesma coisa que depois dessa janela, só que aqui não é
seguido.*

O que quer dizer com seguido?

Que não é direto pro infinito, tem uma barreira antes.

Existem barreiras de árvores, casas.

Quando aproximávamos do fim do encontro...

E o que vocês entendem por infinito, então?

Que não tem fim.

Tipo o nada.

O nada também é infinito?

Aham.

O que é o nada para vocês?

Uma coisa que não existe.

Tá, então, o infinito não existe? Porque tu acabô de fala que o infinito é que nem o nada e nada é uma coisa que não existe (um colega interrogando o outro).

Mas o infinito não existe cara, vou ter um infinito de dinheiro agora?!

É, é, o infinito não existe.

Vou até o infinito?! (em um tom que não concebe o infinito).

Mas e os números, vocês não falaram que era infinito?

Os números são infinitos, mas do jeito que ele tá falando, não tem infinito.

Ninguém consegue contar de 1 até o infinito.

A gente sabe que tem até o bilhão, trilhão e depois ninguém mais sabe.

Será?

Quinquilhão.

Então, quando chegar 9 vai ser 9 quilhão?

Talvez.

Tá e depois?

[...]

Vocês relacionam o infinito com algum sentimento?

Não.

Talvez.

Quando você conhece alguém diz que o amor é infinito, mas aí tu morre e acaba, daí não é infinito.

Talvez existisse, mas não aqui.

Não existe amor infinito, depois que morre não tem mais nada.

Acabo, vai embora, tchau.

Mas vocês disseram que havia um inferno e tal...

Não existe!

Nem o céu?

O céu tá aqui, ó (apontando para fora da janela da sala).

Tá... então, se eu passa o céu assim... eu vou ver um monte de gente morta andando nas nuvens, e que aí vai ter um portão... não acredito nisso!

Morreu, morreu!

O amor de mãe é só até os 18, porque depois você pega o seu carrinho... e tchau, vai embora.

Nem o amor de mãe é infinito?

Não.

Espera ela morrê pra tu vê.

Eu amo ela, mas depois que eu morro, não amo mais.

Então, não é infinitamente.

Amo meu pai e minha mãe infinitamente (diz a única menina do grupo).

Vocês acham possível pintar o infinito?

Não.

Por quê?

Porque é infinito.

Porque é infinito e não vai ter tinta.

Porque nem toda tinta do mundo dá pra pintar até o infinito.

Mas posso fazer um pinguinho na folha e seria uma imagem que pode significar o infinito e que poderia aumentar infinitamente, assim como os lagartos estão expandindo, poderia acontecer a

mesma coisa com a tinta.

E vocês entendem o infinito enquanto uma ideia matemática?

Sim.

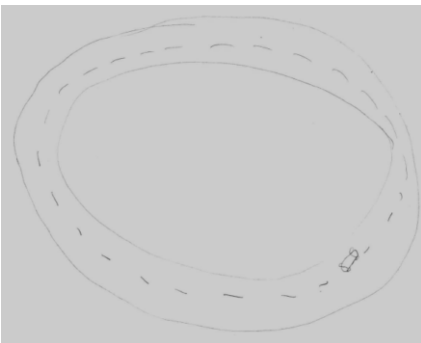
Porque não tem fim.

É que nem os números, eles são infinitos.

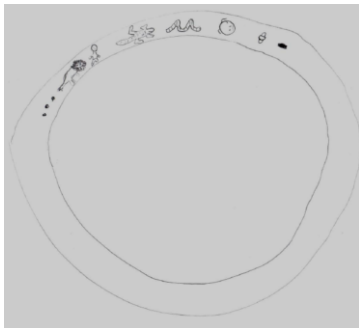
Para vocês os números são infinitos?

Mas é claro, 1, 2, 3, 4, 5, 6, etc.

A partir da discussão: “tenho ou não tenho como representar ou propor no papel o pensamento sobre o infinito”, foi proposto um segundo encontro com cada grupo para que pudessem experimentar e argumentar como seria esse olhar ao infinito.



Um carro andando em círculo vai ser infinitamente, porque não tem como ele terminar.



Eu fiz um círculo e fiz a mosca, aí fiz o sapo que come a mosca, a cobra que come o sapo, o lagarto que come a cobra, o humano que come o lagarto, e o leão que come o humano, e assim vai, o ciclo alimentar é infinito.

INFINITO AMOR?

Não há amor infinito.

O amor acaba.

Vocês sentem um amor infinito por ninguém?

Pela minha mãe.

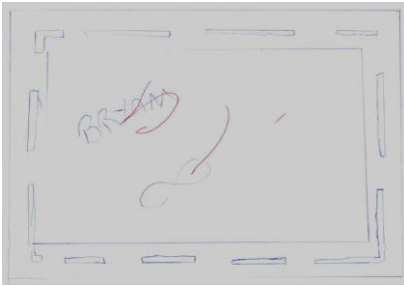
Apenas família.

Por comida.

Por computador.

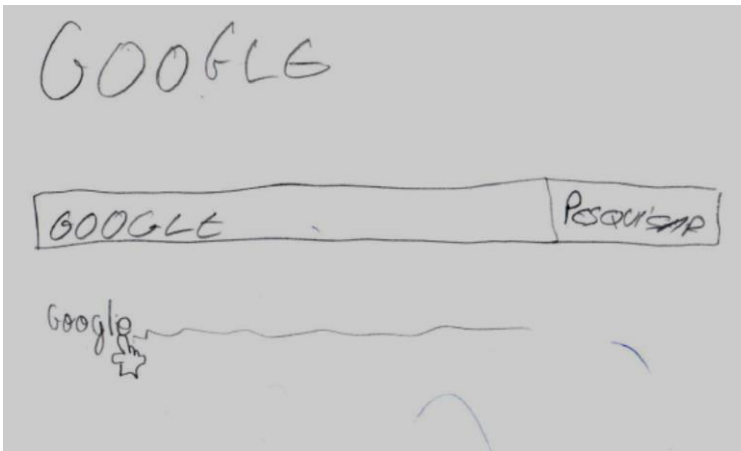


Eu fiz a praia porque na praia eu consigo ver a linha do horizonte. Pra mim é infinito a linha do horizonte.



*Eu fiz uma ruazinha que nunca vai ter fim.
E a outra imagem que tu fez ali no centro?
Aqui é o infinito.
Por que vocês acham que essa imagem representa o infinito?
Porque ela nunca vai ter fim.*

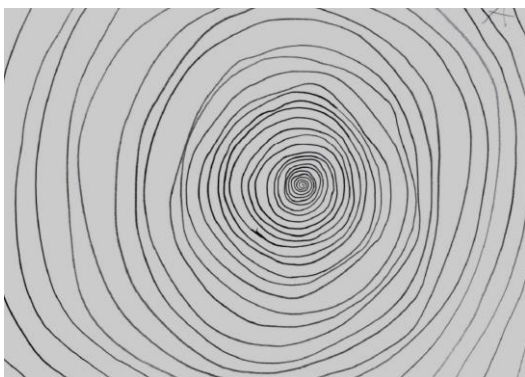
*As pessoas fazem com que esse símbolo vire o símbolo do infinito.
Alguém, sei lá, inventou, porque o infinito não ia se inventar.*



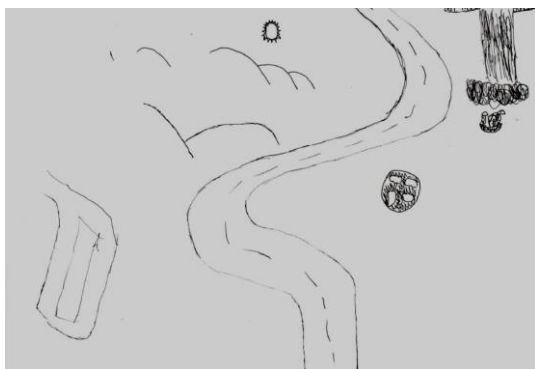
Eu fiz o Google. O cara tá no Google e pesquisa o Google no Google e clicou no Google, aí foi pro Google e ele sempre vai fazer isso, daí isso é um ciclo de vida viciante que nunca vai ter fim.



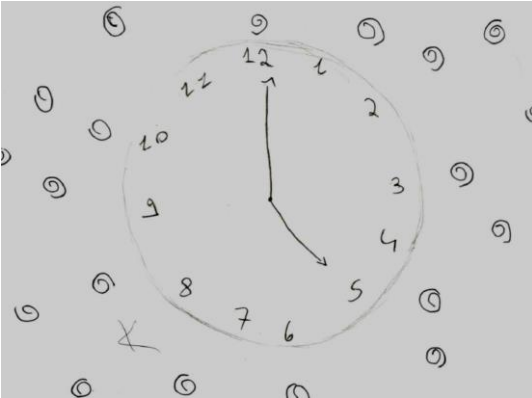
*Isso pode ser um buraco
que nunca vai acabar.
E os quadradinhos
menores que você fez?
Também são infinitos.*



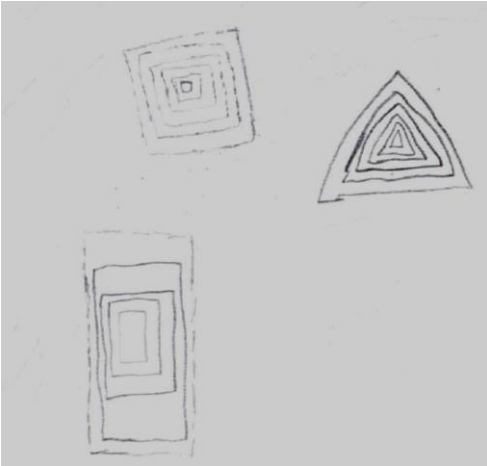
*Um buraco. Um
buraco negro.*



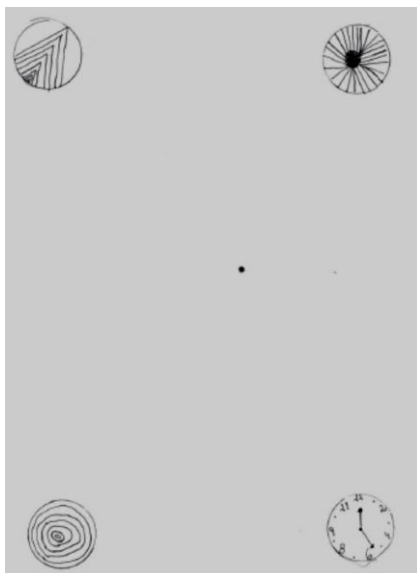
*Essa estrada que não
acaba, porque ela
vai passando por
todos os lugares.*



O tempo é infinito.



Túneis que não têm fim.



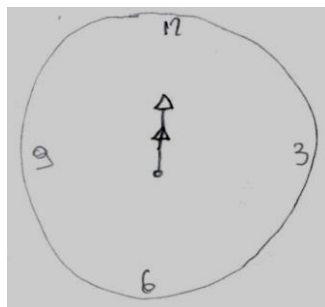
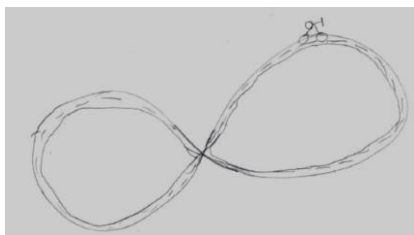
Debaixo desse ponto (no centro) pode ter uma parada infinita para além do papel.

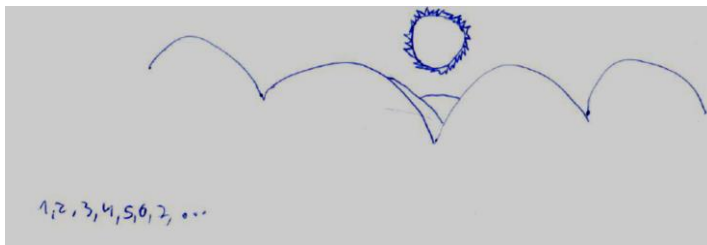
E as outras imagens nos cantos?

Essa não sei (imagem do canto superior esquerdo), não sei (superior direito), não sei (inferior esquerdo), mas o tempo pode ser infinito, porque os ponteiros giram, giram, giram...

Mas e os outros?

Essa aqui tem um buraco (superior direito) e esse aqui dá pra ir desenhando infinitamente (superior esquerdo).





Ao fim e ao cabo, não me parece que os alunos não se afetaram. Seus registros, em forma de desenho, demonstram as sensibilidades elaboradas no confronto com as imagens. E ainda que todas elas (as imagens) dirigiam seus olhares e pensamentos, assim como meu desejo para problematizar formas de se conceber, olhar e representar o infinito, os alunos deixaram impressos no papel suas marcas dos encontros. Desenharam a forma do seu pensamento, daquilo que naturalmente concebem, que pensam ser o infinito. Claro, no momento em que eles marcaram no papel o pensamento, isso pulou do seu sentido, da sua experiência, para o seu racional.

Contudo, fica claro que a cartografia trata sempre de “investigar um processo de produção [...]”. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método *ad hoc*⁹⁰. Por isso, não se trata mais de coletar dados, mas sim, de produzir dados. No entanto, como *cartógrafa iniciante* penso que mais coletei dados, através de um experimento com imagens, do que os produzi através de uma experiência com imagens.

“A atitude investigativa do cartógrafo seria mais adequadamente formulada como um ‘vamos ver o que está acontecendo’, pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto”⁹¹. Em outras palavras,

o desafio é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro. Nesse sentido, usando as palavras de Suely Rolnik, do cartógrafo se espera que ele mergulhe nas intensidades do presente para ‘dar língua

⁹⁰ KASTRUP, 2012, p. 32.

⁹¹ Idem, p. 45.

para afetos que pedem passagem'. Essa atitude, que nem sempre é fácil no início, só pode ser produzida através da prática continuada do método da cartografia e não pode ser aprendida nos livros⁹².

Assim, “cuidávamos estar perto do porto, mas somos lançados em pleno mar alto”⁹³.

⁹² BARROS; KATRUP, 2012, p. 57-58.

⁹³ DELEUZE, 1996, p.2.

EXPERIMENTANDO O PERTENCIMENTO...

Por estar aberto ao encontro, um cartógrafo não conhece o caminho a ser percorrido de antemão. Inicialmente, isso gerou insegurança em mim, mas aos poucos fui percebendo que “as regras prévias são valores móveis que não existem de modo rígido e universal”⁹⁴. Assim, ao assumir essa postura de abertura, abro espaço para o relato a seguir, fazendo uma “calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa”⁹⁵.

Eram três ônibus para retornar⁹⁶ à Escola Brigadeiro Eduardo Gomes. Era uma manhã de sexta-feira e eu havia combinado com a professora Rosana de conversar sobre as novas intervenções que eu pretendia realizar na escola. Ao me aproximar dela, já ouvia aquele barulho peculiar dos alunos correndo de um lado para o outro, ao final do intervalo. Fui diretamente à direção e perguntei por ela, e Rosana estava no refeitório produzindo um cartaz. Enquanto traçava algumas linhas, me pediu que eu fosse contando que tipo de atividades eu gostaria de fazer e com quem. Conforme eu ia falando, sentia nela certa empolgação, mas também preocupação, principalmente quando citei a ideia de sair com os alunos para caminhar e desenhar na areia, afinal, a praia ficava ao lado da escola.

Em seguida, conversamos com a diretora Carla, uma das pessoas mais dedicadas que conheci na escola. Apesar de sua aprovação, ao pensarem nas possíveis turmas e professoras, chegaram à conclusão que talvez ali não fosse o local ideal para minhas intervenções, pois provavelmente essas professoras não aceitariam a proposta. E eu pensava, mas por quê? Será que minhas propostas não eram boas?

E elas disseram o seguinte: *as nossas professoras de matemática e de artes são bem tradicionais, estão quase se aposentando e não gostam de estagiários na sala*. Penso que meu desânimo foi notável, por um momento pensei que esta pesquisa não seria viável. Naquele mesmo momento, porém, elas me olham

⁹⁴ ALVAREZ; PASSOS, 2012, p. 131.

⁹⁵ PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 13.

⁹⁶ Durante o exame de qualificação, ocorrido em 11 de junho de 2014, foi proposta pela banca a realização de novas intervenções, com um caráter mais performático.

e dizem quase juntas: *Mas eu sei quem adoraria desenvolver esse trabalho contigo!* Imediatamente perguntei quem seria essa pessoa e me responderam: *a Marion, que trabalhou até pouco tempo atrás aqui na escola. Tenho certeza que vocês conseguiriam fazer um ótimo trabalho. Vamos encontrar o telefone dela!* Um pouco mais esperançosa perguntei em que escola ela estava dando aula no momento. Elas não sabiam tudo ao certo. De toda forma, saí de lá com dois pesos, um de que bem provável eu teria encontrado um lugar em que eu pudesse realizar o que buscava, e o outro, sobre que lugar seria esse!

Foi, então, quando me deparei com uma proposta desafiadora. A escola, não era bem uma escola, mas um outro espaço, um espaço que, para mim, era diferente. Era a diferença que se colocava no meu caminho. De início não fazia nenhum sentido — eu só pensava assim: estou preocupada, “presa” à educação, à educação entendida como aquela regular, dos bancos escolares. Mas por outro lado, pensei, *o que é pesquisar dentro desse meu referencial teórico?*

Pesquisar é criar. Exige desequilibrar, fazer delirar, gaguejar, sair dos trilhos, inventar uma pura anomalia como um mundo de híbridos, abertura aos movimentos e às lutas do fora-texto, ampliá-las, duplicá-las num meio estranho, desenvolvê-las permeando o pensamento com as lutas sociais contemporâneas. [...] O que interessa é criar o novo, criação da diferença, na diferença, o que corresponde à mutação das posturas existenciais que assumimos.⁹⁷

E não é melhor nem pior que outras, é outra. A ideia foi debatida e julgada válida no GECM. Assim, bastou uma ligação atenciosa para um encontro ser marcado com a Marion. Foi em uma quarta-feira nublada, no horário do almoço, que ideias e mais ideias se constituíram após um encontro no muro, sim, no muro que ganhava novas cores. Marion, educadora de arte no Centro de Atenção Psicossocial – CAPS⁹⁸, abriu as portas para esta pesquisa.

⁹⁷ BARROS; ZAMBONI, 2012, p. 121.

⁹⁸ Localizado na Rua José Cândido Silva, 125, no bairro do Estreito, em Florianópolis.

Ela me mostrou o espaço, as produções de cerâmica feitas com os participantes, suas ideias, sonhos, imaginações. São vasos, na verdade, pés e mãos que ganham formas no barro. Pés que viram vasos, e vasos que viram pés, e que pude tocar e ajudar na organização de um canteiro de flores. Pois bem, é esse o espaço que agora esta pesquisa se colocou, no CAPS. Não mais como pesquisa propriamente dita, mas como uma intervenção.

Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga.⁹⁹

Ao acompanhar um processo “o objetivo é justamente cartografar um território que, em princípio, não se habitava. Não se trata de se deslocar numa cidade conhecida, mas de produzir conhecimento ao longo de um percurso de pesquisa”¹⁰⁰. É preciso estar no campo, ser afetado por aquilo que os afeta, sem procurar por nada específico, aliás, pelo contrário, é preciso permanecer numa espécie de atenção concentrada e aberta¹⁰¹.

Como coloca Suely Rolnik, o cartógrafo se define por um tipo de sensibilidade: “entender, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima — céus de transcendência —, nem embaixo — brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão”¹⁰².

Fragmentos vividos...

Há uma prática preciosa para a cartografia que é a escrita e/ou desenho em um diário de campo ou caderno de anotações. Os cadernos

⁹⁹ PASSOS; BARROS, 2012, p. 30.

¹⁰⁰ KASTRUP, 2012, p. 45.

¹⁰¹ BARROS; KASTRUP, 2012.

¹⁰² ROLNIK, 2007 apud BARROS; KASTRUP, 2012, p. 61.

são como os hipomnemata, que Michel Foucault discute ao apresentar as práticas de si dos gregos. Com o objetivo administrativo de reunir o logos fragmentado, os hipomnemata “constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas [...] Formavam também uma matéria-prima para a redação de tratados mais sistemáticos”. Podemos dizer que para a cartografia essas anotações colaboram na produção de dados de uma pesquisa e têm a função de transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer. Há uma transformação de experiência em conhecimento e de conhecimento em experiência, numa circularidade aberta ao tempo que passa. Há coprodução.¹⁰³

Diários de campo. Anotações. Fragmentos vivenciados. Fragmentos compartilhados. Fragmentos diários que, mediante palavras, e através das quais, tentei materializar meus afetos, as forças que me atravessaram e me movimentaram. Os relatos “acompanham-me nos registros dos fatos e das provocações em campo, dizem dos afetos mobilizados, dizem de uma postura, de ações e reverberações”¹⁰⁴. Convido a lê-los, ressignificados, e a conhecer com meus olhos e sentimentos o CAPS. Meu desenho propõe “movimentos que não são completamente apreendidos, mas, seguidos por uma atenção flutuante”¹⁰⁵.

Ao invés de leis abstratas o que realmente importa são as cores, odores, sabores, caprichos, texturas, velocidades e outras veleidades mundanas. [...] pesquisar com a cartografia é encontrar-se com reentrâncias fugidias de dimensões mínimas que abrem problemáticas ilimitadas, sem espaço para binarismos advindos da partição abstrata do mundo em categorias estanques.¹⁰⁶

¹⁰³ BARROS; KASTRUP, 2012, p. 69-70.

¹⁰⁴ BARROS, 2013, p. 47.

¹⁰⁵ COSTA; ANGELI; FONSECA, 2012, p. 45.

¹⁰⁶ Idem, p. 47.

Entre mandalas e mosaicos...

Foram manhãs frias, manhãs quentes, manhãs... Por sete manhãs me fiz presente no CAPS para participar das atividades do ateliê de artes da Marion. Pertencer àquele lugar se fazia necessário. Quando lembro do primeiro dia, parece que sinto em meu corpo a



Fotografia 1 –
A identificação.

Fonte: arquivo pessoal.

mesma sensação daquele momento — um estado de não pertencimento, de estranhamento, de total diferença. Dias antes eu tentava imaginar o local, as pessoas, como eu poderia construir uma relação com elas. Mas, ao virar a esquina da Rua José Cândido Silva, me deparei com uma situação inesperada. Eram muitos. Uns trinta homens aguardavam ao lado de fora do CAPS. Muitos estavam fumando. Alguns em pé, outros sentados nos muros da casa ao lado. Nada daquele som rotineiro ao chegar próximo da escola, nada daqueles corpos de crianças de adolescentes. No entanto, o desenho da placa de identificação me chamou a atenção. Ele me fez lembrar dos desenhos de escola, onde pintar alguém de verde ainda acontecia e os cortes e formatações para se desenhar a “realidade” se iniciavam. Ela quebrava a sensação de um ambiente-diferente, numa espécie de acolhimento das diferenças.

Era 4 de agosto de 2014, quando realizei meu primeiro encontro com os participantes do CAPS, acordei cedo para não correr o risco de chegar atrasada ao local. Desci em um ponto de ônibus próximo às referências que Marion havia me passado por telefone. Num



Fotografia 2 –
O que fica de fora.
Fonte: arquivo pessoal.

primeiro momento fiquei sem ação e me questionando: onde fui me meter? Passei por eles normalmente, cumprimentando só com o olhar, enquanto todos me olhavam ao entrar pelos portões do CAPS. Senti-me uma intrusa ali. Porque, na verdade, depois vi que o estranho não eram eles, mas eu — eu era a estranha num espaço que era deles.

A primeira coisa que se encontra, logo após o portão, é uma lixeira para jogar bitucas de cigarro, antes de entrar no ambiente. Quando a vi, aquela sensação de desenho infantil perdeu espaço para o mundo adulto (apesar de muitos adolescentes fazerem uso desta ou outras drogas) e, aí sim, a realidade que eu imaginava retornou ao meu pensamento juntamente com uma dose elevada de ansiedade. Uma vez lá dentro, fui me encontrar diretamente com Marion, que estava no ateliê de artes organizando as atividades da manhã, juntamente com a Viviane, que faz parte da equipe do CAPS e que conheci naquele momento. Aliás, conheci outros funcionários, como a Tania, a Cássia (minha xará), a Vera e outros que, nesse primeiro encontro, não consegui guardar o nome. Revi também o Edemir e o André que participaram da primeira reunião comigo. A Marion, com seu jeito meigo e acolhedor, logo me deu um forte abraço e foi comigo guardar minhas coisas e buscar o data show, o computador e outros materiais.

Estava um clima muito agradável no ateliê, diferente do que senti na entrada, quando cheguei. Instalei o data show, o computador, separei as cores de azulejo para os mosaicos, decidi algumas cores, conheci os armários, o local de cada coisa. Mas minha tarefa mesmo foi grudar um pedaço de papel pardo na parede para projetar uma mandala, que deveria ser copiada.



Fotografia 3 –
Minha primeira mandala.
Fonte: arquivo Marion.

Boa parte do tempo fiquei exatamente como apareço na fotografia ao lado. Aliás, quero dizer que trago várias fotografias neste trabalho, as quais têm a provocação de fazer sentir/estar lá. Cada círculo ou semicírculo que traçava era carregado de múltiplas sensações, às vezes, de entusiasmos, outras, de

apreensão. Meu olhar se dava no entre. Entre eu e o papel, na maior parte do tempo.

Inicialmente, os participantes tiveram outras atividades, de tomar café a fazer relaxamento, das quais não pude participar diretamente, mas logo todos foram chamados a uma sala onde Marion e Viviane estavam, quando, então, fui também apresentada para eles. Senti que haviam gostado da minha presença, pois todos me olhavam carinhosamente, sendo saudada com palmas, ou seria o ato de aplaudir alguém que vem de fora um hábito no local, na sociedade? Depois, cada um foi chamado pelo nome e deveria escolher entre duas atividades, ou ateliê de artes ou uma caminhada. Mais ou menos 9 homens e 2 mulheres ficaram para as atividades do ateliê de artes. Mais ou menos porque alguns saíam e outros chegavam nesse meio tempo — não era fixa, portanto, a escolha.

Fez-se um círculo inicial e eles foram convidados a se sentar e ver algumas fotos tiradas pela Marion em 2010 de postes e lixeiras da Lagoa da Conceição de Florianópolis que tinham mosaicos aplicados. Segundo ela, era uma inspiração, pois, num projeto de dois anos, eles conseguiram dar uma nova “cara” ao pátio do CAPS, e agora iriam partir para as ruas, com a ideia de que os participantes devem cuidar de si e também do que está ao seu redor.

Depois de verem as fotos, cada um buscou uma mesa e uma atividade para fazer. Uns foram terminar um grande mosaico que ainda estava em desenvolvimento, outros iniciaram mosaicos de espelhos em formato de coração e estrela, e outros ainda os que serão posteriormente fixados nos postes da rua onde se localiza o CAPS.

O rapaz de olhar minucioso¹⁰⁷ continuou seu trabalho com algumas pequenas cerâmicas. Suas mãos as tratavam com muito cuidado. Algum tempo depois, a mulher inquieta chegou e também foi experimentar essa atividade, mas acabou desistindo, alegando que não tinha o pulso firme para um traço preciso. O rapaz de olhar

¹⁰⁷ O ateliê de artes é um lugar onde sempre encontrei alguém novo e deixei de ver alguém que havia conhecido. Nesse fluxo, muitas vezes troquei afetos com pessoas que nem cheguei a saber o nome, mas que me marcaram por seus pertencimentos, seus modos de ser e agir, e de se apresentar para mim. Por isso, nesta pesquisa não me refiro aos participantes do CAPS pelos seus nomes, ou por nomes fictícios, como de costume, mas por aquilo que deixaram marcado em mim.

minucioso tentou dar alguns conselhos, como o de apoiar a mão na mesa, mas, mesmo assim, ela achou melhor buscar outra atividade para fazer.

Isso tudo eu fui acompanhando enquanto traçava com giz de cera uma mandala. As atividades foram regadas do início ao fim por um fundo musical. Em instantes, eu já estava na minha segunda mandala, parecia que o tempo passava muito rápido ali. E, como foi prazeroso fazer aquele desenho. Parecia que, aos poucos, começava a me sentir parte daquele lugar.

O homem de toca na cabeça comenta sobre a música, diz ser o fundo musical de um filme de guerreiros. Eu não consegui identificar o nome do filme, pois a música estava alta e eu um pouco afastada dele, o que gerou uma pequena conversa sobre filmes, em que o homem de toca e outro se disseram muito apaixonados por assistir filmes.

A minha ideia inicial era registrar fotograficamente todos aqueles momentos para poder compartilhar com imagens minha experiência. Porém, com aquela primeira impressão, senti-me acuada para pegar a máquina, ficando, naquele primeiro momento, sem ação e sem registros imagéticos, embora depois tenha me apropriado das fotos feitas nesse dia pela Marion.

Após 40 minutos, Marion chamou todos para formar um círculo e falar algumas palavras de despedida, para que batêssemos “palmas para o artista que está dentro de cada um de nós”¹⁰⁸. Alguns se dispuseram a recolher os materiais enquanto outros já se encaminharam para a assembleia que acontece toda segunda-feira, na qual os participantes podem falar sobre as atividades que gostam ou que gostariam de fazer, bem como aquelas que não gostam.

Uma vez organizado os materiais, despedi-me de todos, especialmente de Marion. Saindo do portão, primeiro tentei me localizar. Precisava encontrar um ponto de ônibus. Ao vê-lo, vieram os sentimentos de angústia, medo, desespero e total insegurança. Por um momento, tive vontade de voltar para o meu porto seguro, retornar a uma escola.

¹⁰⁸ Marion propôs essa saudação ao final de quase todas as oficinas do ateliê de artes.

Segundo dia entre mandalas...

11 de agosto foi meu segundo dia no CAPS. Cheguei por volta das 9h no local e apenas dois homens estranhos a mim ainda não haviam entrado, pois fumavam do lado de fora. Ao me aproximar, cumprimentei e entrei. Por ali estavam três funcionárias e o segurança que, mais uma vez, não me sabia dizer onde estava a Marion. Mas, como era de se prever, ela se achava no ateliê de artes, juntamente com a Viviane e a Tania.



Fotografia 4 – A espera lá dentro.

Fonte: arquivo pessoal.

Nesse dia, eu mesma fotografei o espaço reservado para nossas atividades no ateliê. A manhã estava ensolarada e algumas mesas já estavam colocadas, mas ainda havia muito para se arrumar. A Marion me perguntou se eu não gostaria de desenhar mais algumas mandalas, eu logo aceitei e fui atrás das coisas necessárias. Guardei minha mochila no armário da Tania, que o havia oferecido para mim.

Os participantes estavam sentados na mesma salinha onde havia sido feita a chamada na semana anterior, e talvez sempre ocorram ali, imaginei. Instalei os equipamentos, coleí o papel na parede para a mandala e ajudei a Viviane com alguns azulejos dos mosaicos.



Fotografia 5 – A mandala do dia.

Fonte: arquivo pessoal.

Logo, Marion pediu para que todos fizessem um círculo antes de iniciar as atividades. Aliás, no início e no final, sempre fazíamos um círculo. No início, para pedir silêncio, que sintam a música e para explicar o que deverá ser feito; no final, para agradecer ao trabalho de cada um, por cada artista que ali se propôs a ser, seguido de palmas.

O homem de toca topou continuar o mosaico de flores que estava fazendo na semana passada e que seria colado nos postes da rua do CAPS. Como estava próxima dele, escutei-o convidar outro participante para que se sentasse ao seu lado e o ajudasse, dizendo: *eu começo daqui pra cá e você de lá pra cá*. Achei muito gentil da parte dele. Quando precisei trocar de papel para fazer outra mandala, quem me ajudou foi ele também.

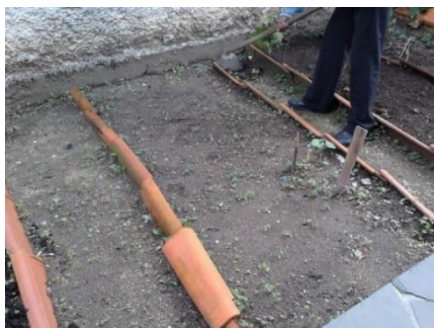
Troquei algumas palavras com o homem prestativo, que sempre chega antes para ajudar e que se propõe a ficar no final para guardar as coisas, e o chamei para me ajudar a traçar a mandala, mas ele disse que não levava jeito e que acabaria me atrapalhando. Falei que não ia atrapalhar, que iríamos nos organizar para não causar sombra na projeção e que os dois poderiam traçar, mas ele preferiu fazer argila no sol, até porque era uma manhã muito fria.

O homem atrasado fez uma brincadeira comigo, ele tapava a projeção e via que eu não podia continuar, porém, como passavam pessoas a toda hora para chegar ao tanque, onde havia uma torneira com água, eu nem me preocupei em olhar, mas quando percebi que

não era algo natural, olhei para trás e ele deu risada. Acabei por rir junto, pois havia ficado um pouco sem jeito por não haver percebido antes.

A Viviane me contou que um homem que estava no alongamento próximo a nós havia matado dois de seus familiares com um machado e que, um tempo depois, a mãe dele acabou se suicidando e que, por isso, ele se sentia bem culpado. Ela me contou isso porque dizia que numa oficina de pintura em caixas de madeira ela havia tentado ensiná-lo a usar a mão mais leve e ele não gostou, disse que não queria mais pintar, e ela ficou sem saber o que fazer.

Das mandalas aos mosaicos...



Fotografia 6 – **Os sabores.**

Fonte: arquivo pessoal.

Em 13 de agosto conheci um homem que beirava os 60 anos de idade. Ele chegou limpando tudo, cuidando da horta e contando histórias. Com seu jeito simples, pegou a enxada e foi capinar as pestes que invadiam os canteiros que vemos entre essas telhas de barro. Falou do frio, dos passarinhos e que não

devemos reclamar em acordar cedinho, em dias de frio, para trabalhar. Falou que, para chegar ao CAPS, passa por ruas alternativas que não ventam tanto. Suas conversas lembravam os costumes do interior, o que, por sua vez, tocou a mim e a Tania, pois nos sentimos à vontade para também compartilhar algumas experiências de nossas cidadezinhas. Percebi que o homem gostava de um bom papo, e que ficou satisfeito por termos lhe dado atenção.



Fotografia 7 – **O trabalho de várias mãos.**

Fonte: arquivo pessoal.

Passado algum tempo, eu e Viviane fomos conferir como se achava o traçado do mosaico que estávamos fazendo juntas. Era um grande mosaico, de fato, um trabalho feito a várias mãos, pois muitas pessoas passaram por ele e percebi que é uma grande conquista para o ateliê. Como já o estávamos concluindo, pedi para que ela me fotografasse, afinal, também pertença a esse grande mosaico que será fixado.

Nesse dia, apenas quatro participantes se arriscaram no frio para trabalhar no ateliê de artes. Isso havia sido lembrado pela Marion na roda de boas-vindas. Cheguei no CAPS por volta das 9h da manhã, tendo deixado minhas coisas na sala dos funcionários e ido ajudar a organizar as coisas no ateliê.

O dia estava nublado e apenas uma mesinha havia sido colocada no pátio, sendo que ali acontecia uma das atividades que mais me comoviam. Sem pensar duas vezes, fui rapidamente fotografar aqueles rostos impactantes. Era o homem de olhar minucioso que dava cores e vida para aqueles pequenos vasos em formato de rostos.



Fotografia 8 - **Vasos em formato de rostos.**

Fonte: arquivo pessoal.

Nesse mesmo dia, contaram-me a lenda ao redor da casa alugada para o CAPS. Dizem que a família que morou nela antigamente, perdeu a filha ainda bebê, afogada na banheira, uma história muito triste. Porém, Marion ressaltou que se alguém comprar a casa vai perceber que nela não há mais essa imagem ruim, em vista do cuidado com o ambiente, a reumanização do pátio, que é muito salientada por ela e que mostra o engajamento de todo um grupo.

Outro senhor mais velhinho e com um ar carinhoso, que chamarei de o senhor pintor, se propôs a pintar uma das paredes do pátio de azul, na verdade, terminá-la. Ele havia manchado sua calça e seu moletom de tinta, mas, na roda final, disse não se importar e que gostava daquela atividade, e que gostaria de continuar pintando embora o tempo das atividades no ateliê houvesse acabado.

Outro rapaz, o curioso, se propôs a traçar mandalas, fez duas e depois ficou batendo papo. Ele me disse: *não faz muito tempo que tu estás aqui, né?* Eu respondi que era minha segunda semana ali, e aproveitei para perguntar se ele frequentava há muito tempo o CAPS, e ele me disse que fazia mais ou menos um mês. Com a música, eu não conseguia ouvir muito bem, aliás, nem era para estarmos conversando, pois a proposta era *silenciar e deixar fluir o artista que havia dentro de cada um de nós*, dizia a Marion, a fim

de que os pensamentos ruins fossem embora e se aproximassem apenas os bons, através da atividade com as mãos.

Depois, eu e Viviane terminamos o grande mosaico. Conversei bastante com ela nesse dia, em tom baixo, enquanto terminávamos o mosaico. Ela me mostrou fotos de sua graciosa filha. Contou-me também acerca de uma briga que havia ocorrido entre dois participantes na última quinta-feira. O motivo havia sido um jogo de futebol, e isso ocasionou a recusa por parte de um deles em continuar as atividades no CAPS.

Esse foi o dia de menos contato com a Marion que, na roda final, perguntou se alguém queria falar algo, e Tania fez um agradecimento a Deus pelo friozinho que fazia e pela oportunidade de participar daquele momento.

Encaixar certinho para ficar bonito...

Em 18 de agosto cheguei no CAPS e fui direto para a sala dos funcionários. Acho que já não era alguém tão estranha lá dentro. Marion e outros funcionários estavam lá. Cumprimentei a todos e ficamos ali um tempinho. Ela me mostrou algumas fotos suas de quando havia chegado ao centro e outras mais recentes. A transformação do espaço é inacreditável, pois ficou muito mais aconchegante e acolhedor com os trabalhos que foram e estão sendo desenvolvidos por ela. Antes as paredes eram todas mofadas, sem vida, sem cor... e agora, tudo é muito colorido, enfeitado com os trabalhos desenvolvidos ali e muito mais alegre. Discutimos também algumas possíveis atividades que eu poderia desenvolver.



Fotografia 9 –
O trabalho do senhor perfeccionista.
Fonte: arquivo pessoal

Nesse dia trabalhamos com mosaicos novamente. Conheci um outro senhor, o senhor perfeccionista, e montei um mosaico com ele. Era difícil entender o que ele falava, mas compreendi que se preocupava porque queria que as pedrinhas ficassem bem *certinhas* para ficar

bonito. Ao olhar novamente a fotografia que tirei do seu trabalho, lembro de como ele colava e descolava as peças até conseguir deixar o mínimo de espaço entre cada pedaço de azulejo. Enquanto ele falava, eu me perguntava: por que só se ficarem *certinhas* é que vai ficar bonito? Isso me fez lembrar e pensar por alguns instantes acerca de algumas leituras e trabalhos que li sobre o uso da matemática, especialmente das noções de harmonia e proporção, para proporcionar “beleza” a obras de arte.



Fotografia 10 - Mosaico de flores.

Fonte: arquivo pessoal.

de outro senhor bem alto, o senhor das ideias, bastante simpático, que quebrou os azulejos da cor que eu queria, e da forma que eu queria. Enquanto ele os martelava, contava-me que era dependente químico. Ele me pareceu uma pessoa agradável e dava dicas de como devíamos colocar as peças do mosaico para que ficassem *certas*. De mesa em mesa ele passava conversando e dando suas ideias.

O senhor pintor novamente ficou pintando o muro de azul, todo empolgado. Na fotografia, posso ainda sentir a vida que aquele tom de azul

Outro participante, o homem das cores, que estava sentado do lado de fora do ateliê, pediu para ver a fotografia que eu havia tirado do seu trabalho. Ao vê-la, ele salientou que, para ele, as cores branca e amarela se destacam mais que a vermelha e a verde.

Tive também ajuda



Fotografia 11 - Muro azul.

Fonte: arquivo pessoal.

proporcionava ao ambiente. Ao fim, o grande círculo de agradecimento ao artista dentro de cada um e uma salva de palmas.

O mosaico que me tocou... o grande mosaico que se fixou...

Cada vez que sento para escrever meu diário, relembro várias cenas. Era 20 de agosto, o dia estava nublado, um dia daqueles que não dá vontade de sair de casa, mas quando pensei que iria continuar meu mosaico (meu? de todos!), uma atividade que me identifiquei muito, me animei.

Os ônibus sempre demoram, geralmente perco meu segundo ônibus e tenho que esperar outro devido à interminável fila que, geralmente, ocorre nas rótulas da UFSC. Hoje reparei o quão movimentado é o terminal do centro da cidade, não para de sair e chegar ônibus, mas, no fim, sempre chego no horário combinado, ou antes.

Como de costume, deixei minha bolsa na sala dos funcionários e fui para o ateliê de artes. Lá os preparativos já estavam a todo vapor. Seria o dia em que o grande mosaico seria fixado na parede dos fundos do CAPS, junto à horta.

Especialmente no dia de hoje havia muitos participantes na roda de boas-vindas. Marion solicitou a quem já tivesse trabalhado no ramo de pedreiro para que ficasse no grupo que fixaria com argamassa o grande mosaico, sendo que metade se prontificou enquanto os demais procuraram outras atividades nas mesas. Uma mulher de mãos cuidadosas foi pintar, juntamente com a Tânia, algumas peças de argila; outros dois, ainda estranhos a mim, montaram corações em mosaico de espelhos; outra mulher iniciante me perguntou como era para fazer o mosaico; e o rapaz que frisou bem seu nome, pois disse que muitas pessoas erram, sentou na outra mesa de mosaico onde eu já havia iniciado o meu trabalho.

Quando terminei minha flor de mosaico, fui fotografar o trabalho de fixação do grande mosaico. Ao sair da mesa, o rapaz que frisou bem seu nome perguntou se eu iria deixá-lo sozinho, dizendo que não queria ficar só. Falei que tiraria algumas fotos, mas que voltaria para dar continuidade ao trabalho com ele. Como não havia cadeira, ele foi providenciar uma para mim a fim de que pudéssemos conversar. Ele me contou que tem um filho de 8 anos, que é bom em matemática, isso porque ele me perguntou no que eu era formada, depois de eu ter perguntado a ele, pois ele já havia

mencionado que estava triste por ser formado em música na UDESC, ter uma família com boas condições financeiras e ter caído nas drogas. Conforme ele ia me contando suas angústias, me sentia sem saber o que fazer, tentei valorizar o fato de ele estar procurando ajuda, de persistir em ficar bem. Ele também me contou como haviam surgido o AA, e depois o NA, sugerindo que eu buscasse mais informações também na internet. Mas comentou brevemente que surgiu quando dois amigos dos EUA, um deles já sóbrio e o outro com um grave problema de alcoolismo, decidiram criar uma comunidade de entreajuda, para apoiar os que sofrem desse problema e, ao mesmo tempo, eles próprios.

Outra coisa que me tocou foi o fato de que, de vez em quando, ele chamava a Marion para avaliar se estava fazendo o mosaico direito, pois queria encaixar o mais próximo possível, já que, segundo ele, não ficaria bonito se fosse o contrário. Ele chegou a arrancar algumas pedras que já estavam coladas para “arrumar”. Isso eu notei também em outros participantes, sempre uma busca em deixar tudo certinho, mas também outros que simplesmente colavam e que sequer seguiam a cor das formas.

O trabalho em grupo foi lembrado pela Marion várias vezes, pois os participantes teriam que entrar em um consenso para erguer e fixar o mosaico. No fim, tirando uma mão machucada, tudo deu certo e o espaço estava apto para continuar sua revitalização, já contando com o mosaico.

Conto-lhes melhor o processo de fixação do grande mosaico a partir e com as imagens que fotografei.



Fotografia 12 – **Fragmentos se encaixam.**
Fonte: arquivo pessoal.



Fotografia 13 – **A argamassa é lançada.**
Fonte: arquivo pessoal.



Fotografia 14 – **O caminho vai sendo possibilitado.**
Fonte: arquivo pessoal.



Fotografia 15 – **A argamassa encontra os fragmentos.**
Fonte: arquivo pessoal.



Fotografia 16 – Os fragmentos se alinham.

Fonte: arquivo pessoal.



Fotografia 17 – Os fragmentos se fixam.

Fonte: arquivo pessoal.

Ao fim, nos reunimos na roda final de agradecimento ao artista dentro de cada um. Um participante perguntou quando seria a oficina de pintar caixas de madeira, pois ele gostava daquilo. Aliás, cada um tinha uma atividade que gostava mais, e por isso,

muitas vezes, de longe, eu ouvia alguém perguntando sobre uma ou outra atividade.

O senhor pintor deu continuidade ao muro de azul, aliás, descobri que ele é, de fato, pintor. Mesmo tendo acabado o tempo das oficinas, Marion chamou três participantes, entre eles, o homem prestativo, para fixar também outros mosaicos de espelhos, aproveitando a argamassa que havia sobrado do grande mosaico. Fixamos uma lua e três estrelas no próprio CAPS, e oito corações em dois postes da rua em frente ao centro.



Fotografia 18 – Mosaicos de espelhos colocados pelo homem prestativo.
Fonte: arquivo pessoal.



Fotografia 19 – **Corações que se alinham, mãos que se entrelaçam.**
Fonte: arquivo pessoal.

No último poste, os três já estavam ansiosos e pedindo para fumar. Marion pediu que esperassem um pouco, mas foi só dar um tempo livre, entre um olhar e outro, que eles já estavam fumando. Ela pediu que apagassem para que pudéssemos terminar a atividade.

Nesse momento, pude conversar e trocar algumas ideias sobre a atividade que estávamos realizando com eles. Senti que, ao final, eles já falavam comigo, olhando-me mais à vontade, ou mesmo puxando o assunto ou fazendo brincadeira.

Ao retornar ao CAPS, o homem que beira os 60 anos de idade e que gosta de conversar estava no pátio. Passei por ele, que não havia participado do ateliê naquele dia, e o chamei pelo nome seguido de um *Bom dia!* Percebi que ao chamá-lo assim, ele se sentiu valorizado, abrindo um sorriso e dizendo: *Bom dia!*

O rapaz que frisou bem seu nome, ao fim, veio agradecer a minha companhia, e senti que foi importante alguém tê-lo ouvido, mesmo em um momento que era para ficar em silêncio.

Um encontro no ônibus...

No dia 25 de agosto, quando entrei no ônibus, avistei ao longe uma fisionomia que não me era estranha. Porém, ela estava de costas para mim, impossibilitando saber se a conhecia realmente. Chegando próximo ao ponto de ônibus do CAPS, levanto-me e confirmo que, de fato, tratava-se de um participante do centro, o homem que, no último dia do ateliê, havia machucado a sua mão ao fixar a grande malha de mosaico na parede. Descemos juntos e logo perguntei se sua mão estava melhorando, quando ele a mostrou para mim já sem faixa e quase sarada. Perguntou meu nome novamente e me questionou sobre o que eu estava fazendo ali. Contei que era formada em matemática e que iria propor algumas atividades no ateliê de artes ligadas ao olhar ao infinito. Ele se mostrou bastante interessado, deixando-me à vontade para convidá-lo a participar das atividades.

Todas as manhãs, o segurança se senta em uma cadeira bem na porta de entrada do CAPS. Pergunto pela Marion, mas, como sempre, ele não sabe. Pergunto se posso deixar minha bolsa na sala dos funcionários e quando entro lá, encontro-a. Antes de organizar as mesas de trabalho, como em toda manhã, discutimos na sala quando e como poderia ser feito o Dia Mundial da Saúde Mental. Foram propostos lugares e atividades.

Depois montamos as mesas de mosaico e uma mesa específica para reciclar a argila. Um dos participantes, ao fim, já estava dando forma à argila, transformando-a numa espécie de vaso. Ali também estava o rapaz que frisou bem seu nome. Ele me chamou dizendo que me havia trazido um livro, fiquei empolgada, pois isso significava, a meu ver, que ele havia se tocado pela nossa conversa. Porém, ao fim da roda de encerramento, ele foi para a

assembleia e não o encontrei mais. Fiquei sentida, queria saber de que livro se tratava.



Fotografia 20 –

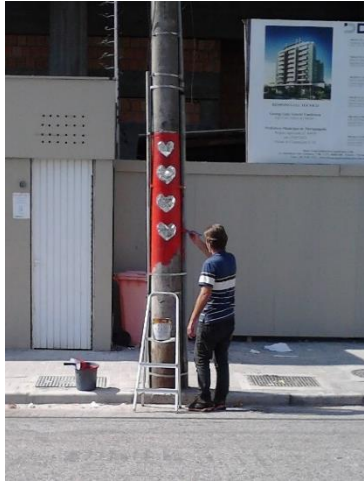
Estrelas e corações em espelho.

Fonte: arquivo pessoal.

Nesse dia também tentei fazer mosaicos com espelhos, esses corações e estrelas que fotografei e que me marcaram pela sua dificuldade de encaixe, uma vez que, ao quebrar, sempre sobram pontas afiadas

e que dificilmente se encaixam com acerto. Assim também me vejo ao escrever esta dissertação. Vários cacos, várias informações, diferenças a serem sentidas, trabalhadas, montadas e produzidas.

Nesse mesmo dia acompanhei o senhor pintor na pintura de uma faixa vermelha nos postes onde havíamos fixado os corações de espelhos. Uma discussão sobre a estética se instaurou, porque Marion queria pintar até o chão, enquanto eu, o senhor pintor e Viviane, até uma parte. Ao final, concordamos em pintar até a metade.



Fotografia 21 - **O senhor pintor.**

Fonte: arquivo pessoal.



Fotografia 22 – **A sombra de si.**

Fonte: arquivo pessoal.

Ao final do ateliê, o homem prestativo ficou amassando uma pequena porção de argila sobre seu braço esquerdo. Ele me contou que há alguns meses havia perdido o movimento de uma das mãos. A imagem dele, sentado ali sozinho, reciclando aquela argila, me

chamou bastante a atenção, e como já não éramos mais estranhos um ao outro, pedi permissão para fotografar o seu trabalho. Ao rever a fotografia, algo me tocou, pois detalhes saltaram aos olhos, produzindo diversos sentimentos em mim. A sombra, o enrugado do tecido, os seus dedos sofridos enegrecidos com a argila. Que pessoas e que histórias se atravessam e se produzem naquela fotografia?

Cheiro de manjerição...

Em 27 de agosto, o amanhecer foi gelado, passei muito frio ao esperar o ônibus. Ao entrar na sala dos funcionários, Viviane e Tania estavam ali, onde deixei minha bolsa e fui ao encontro de Marion, que estava no ateliê. Lá encontrei o senhor das ideias que havia me ajudado a quebrar pisos para os mosaicos. Ele me cumprimentou com um aperto de mão e um beijo no rosto, perguntando como eu estava. Marion já havia organizado algumas mesas com as tiras de mosaico que seriam coladas nos postes em frente ao CAPS.

Ao passar pela sala que fica antes do ateliê, o rapaz que frisou bem seu nome, me avistou e falou bem alto: *Bom dia companheira, como está?* E logo depois se propôs a fazer a mesma tira de mosaico que eu já havia iniciado, porém, logo saiu para uma consulta. Ele gosta muito de conversar, aliás, todos gostam, mas a proposta do ateliê é a de se manter em silêncio, já que atividades de conversa são oferecidas pelo CAPS em outros momentos. Aliás, justo nesse dia, Marion precisou chamar a atenção de muitas pessoas por conversarem alto ao invés de curtir a música ambiente e relaxar.

Um senhor que eu já havia visto por ali se aproximou antes do início das atividades, me parecia impaciente, talvez talvez catatônico, se mexia o



**Fotografia 23 - Do corpo que dobra,
das dobras que dobra o corpo.**

Fonte: arquivo pessoal.

tempo todo, coisa que não havia percebido antes quando havia me sentado ao seu lado para fazer os mosaicos de espelho. Ele me contou que foi diagnosticado como esquizofrênico. Mais tarde, Viviane apareceu e falou comigo a respeito, dizendo que ele havia recebido bem a notícia se comparado a outras pessoas. Ele se propôs a reciclar argila, ficou a manhã toda do ateliê amassando aquela argila com vontade.

As atividades havia ganhado também um cheiro diferente nesse dia, pois, em uma das mesas, a proposta era arrancar folhas de manjeriço, fazendo com que o aroma se espalhasse pelo ateliê. Ao sentir o cheiro, o rapaz que frisou bem seu nome salientou que sabia fazer um macarrão dos deuses com esse tempero. A senhora impaciente que fora designada para tal atividade gostava muito de conversar, pois havia saído do sol, entrado na parte coberta do ateliê e saído de novo só para conversar com o outro senhor. Segundo o que ela dizia, possuía madeiras que poderiam ser vendidas para ele construir uma canoa.

O ateliê começou com apenas 4 ou 5 pessoas, ao fim, éramos mais de 20. O motivo foi que não houve uma atividade paralela. E isso também influenciou na tentação da conversa.

Ao sair, vi que uma produção de argila estava sendo feita. Fiquei curiosa e me aproximei para perguntar como ele havia feito aquele recipiente que pedi para fotografar. O homem da argila me contou que é preciso ir modelando aos poucos conforme a base gira, assim como é esse o movimento que vai dando forma à argila. São os movimentos desta pesquisa que me constituem como pesquisadora, bem como são os movimentos, atropelamentos e atravessamentos, os que vão modelando as nossas vidas.



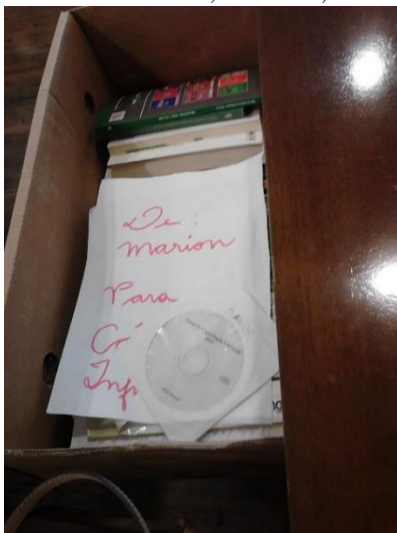
Fotografia 24 – **Do movimento que movimenta a vida.**
Fonte: arquivo pessoal.

Da caixa que surpreende e dos cacos que se juntam...

Esses cacos/fragmentos/diários ressignificados, mais do que descrever um pouco de como funciona a rotina do CAPS, de seus participantes e dos encontros, buscam trazer à ordem do dito os afetos que ali passam. Não é preciso identificá-los como categorias ou pontos a serem destacados, mas sentidos conforme você, leitor, vive/revive cada um desses encontros comigo. Pertencer, nem que por poucas semanas, àquele espaço, me chocou, não só pelas histórias de vida que ouvi, mas pelos olhares tristes que vi. Por outro lado, foi uma coisa da qual eu saí transformada¹⁰⁹. Uma experiência no sentido foucaultiano. Senti no ar, como cartógrafa, “uma mistura nebulosa de potência e fragilidade”¹¹⁰.

Quando decidi que iria me lançar nesse desafio cartográfico com os participantes do CAPS, tive vontade de conhecer um pouco mais sobre como ele funcionava. Fiz algumas buscas na internet, mas encontrei poucas coisas.

No entanto, Marion, mais uma vez, me surpreendeu.



Fotografia 25 – Da caixa que surpreende.

Fonte: arquivo pessoal.

Marcamos um café para conversarmos longe da correria das atividades do CAPS, e eis que ela surgiu no café com um caixa enorme, cheia de livros e artigos. Foi muito bom, para não dizer emocionante, saber que podia contar com ela em tudo ali dentro. Uma parceira de pesquisa.

Enfim, pude ter acesso a alguns materiais sobre os sujeitos que ali circulam, sobre as substâncias psicoativas, seus contextos e a abordagem psicossocial. Com os materiais, entendi um pouco mais o espaço

¹⁰⁹ FOUCAULT apud LOBO, 2010.

¹¹⁰ ROLNIK, 2014, p. 85.

onde estava circulando, o seu caráter normativo e sobre alguns discursos que ouvia lá dentro.

Interessante que o uso, por seres humanos, de substâncias que alteram o sistema nervoso central, data desde a Pré-História, seja para medicar, para experiências espirituais ou simplesmente para divertir. E raramente esse uso era visto como uma ameaça à sociedade ou ao próprio sujeito.

Isso mostra que a droga assume distintos significados em diferentes ocasiões. “Leis e costumes, que funcionam como controles sociais formais e informais de seu uso, são impostos ou reforçados por diferentes agentes culturais”¹¹¹, que podem ser líderes políticos ou religiosos, familiares, empregadores, vizinhos, médicos, membros de órgãos de repressão, dentre outros. Nota-se, assim, que cada contexto “traz seu próprio sistema de valores e regras que afetam os modos e as finalidades do uso, produzindo diferentes efeitos, tanto subjetivos quanto sociais”¹¹².

No Brasil, uma série de características negativas foi atribuída às drogas ilícitas e a seus usuários que, geralmente, são concebidos de maneira estereotipada, como alguém “irresponsável e incapaz de gerir adequadamente a sua vida [...]. É ele o responsabilizado por todos os problemas que afligem a sociedade”¹¹³. Mas isso, sem levar em conta os problemas estruturais da sociedade, como a má distribuição de renda, as deficiências dos sistemas de educação, saúde e segurança pública.



Fotografia 26 – **Marion, uma parceira de pesquisa.**

Fonte: arquivo pessoal.

¹¹¹ BRASIL, 2014, p. 29.

¹¹² Idem, p. 29.

¹¹³ Idem, p. 37.

Inclusive, esse modo estereotipado é algo que afeta os participantes. Alguns falavam para mim sobre o modo como as pessoas olham para eles com preconceito, com medo, com desprezo, como se estivessem ali para serem *corrigidos*. Lembrome da minha primeira reação ao vê-los e também das práticas que visam gerir e controlar a conduta dos sujeitos das quais nos fala Foucault.

“Sob o pretexto de combatê-lo (o usuário) e ao tráfico que lhe sustenta, são propostas medidas repressivas que, de fato, servem, primordialmente, para a manutenção do sistema político-econômico”¹¹⁴. Exemplo disso, foi a proibição da maconha no Brasil que serviu, inicialmente, para justificar a intervenção das forças de repressão à população negra e, mais recentemente, prestou-se à repressão de grupos que faziam oposição cultural à ditadura. Com isso, as políticas de drogas acabam, muitas vezes, “servindo para reforçar as estruturas socioculturais vigentes e para o controle de grupos vistos como ameaçadores à ordem instituída”¹¹⁵.

Os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS “são constituídos por equipes multiprofissionais e acompanham pessoas com sofrimento ou transtornos mentais graves e persistentes, incluindo aquelas com necessidades decorrentes do uso de álcool, crack e de outras drogas”¹¹⁶.

O CAPS-AD foi inaugurado em 2005, sendo que, inicialmente, atendia crianças e adolescentes que possuíam problemas relacionados ao álcool e drogas. A partir de 2006, reorientou sua atenção para pessoas adultas, percebendo a grande demanda dessa população para o serviço. De acordo com o Ministério da Saúde, o CAPS-AD oferece atendimento diário aos pacientes que fazem uso prejudicial de álcool e outras drogas¹¹⁷. São desenvolvidas atividades diárias como atendimento individual (medicamentos, psicoterápico, de orientação) e em grupo, oficinas terapêuticas (como o ateliê de artes) e visitas domiciliares.

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ Idem, p. 41.

¹¹⁶ Idem, p. 258.

¹¹⁷ Mais informações em: <http://capsnossavoz.blogspot.com.br/>.

“QUEBRANDO A CABEÇA”, AFETANDO OLHARES...

No momento da produção de dados no CAPS¹¹⁸, o método de intervenção precisou ser inventivo para potencializar afetos. Deste modo, foram criadas quatro intervenções com imagens, as quais se tornaram platôs dentro desta pesquisa. Todas elas foram gravadas¹¹⁹ e transcritas, porém, a transcrição aqui não serve de objeto de análise, uma vez que elas fazem parte da própria pesquisa. Sim, há vários coautores nesta pesquisa! Uma pesquisa que me lembra os mosaicos, pois são vários cacos/fragmentos que vão compondo essa escrita.

Manipular as imagens através de quebra-cabeças foi uma das formas que produzi para isso. Essa estratégia possivelmente permitiria que cada participante pudesse pensar sobre as imagens e com elas.

Silêncio, encontro, conversa, experiência. A ideia não era mais da “ordem do desvelamento, do desocultamento de uma dimensão profunda, toda pronta e recalçada”¹²⁰, pois estava mais para a problematização das verdades que ali emergiriam através dos afetos que poderiam ser provocados, lembrando que “as condições de posição de um problema não desaparecem com a sua solução, pois ele persiste para além das soluções que eventualmente venha receber”.

Como disse anteriormente, “a escrita é o traço ou dobras que o sujeito dessa aventura deixa [...] a escrita tende para a troca e a duração”¹²¹. Assim, gostaria de falar sobre aquilo que ainda não se achava na esfera do já sabido. Quero falar da experiência, dizer dos afetos, fazer conexões entre as imagens e a visualidade de cada participante.

Para isso, trago cacos/fragmentos e detalhes daquilo que vivenciei enquanto pesquisadora nessas intervenções criadoras.

¹¹⁸ A Autorização da Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis se encontra no Anexo B.

¹¹⁹ Para fazer as gravações, contei com o auxílio da Thaline, integrante do GECEM.

¹²⁰ PASSOS, EIRADO, 2012, p. 116.

¹²¹ LINS, 2010, p. 62.

Na verdade, trata-se da possibilidade de habitar os pontos de vista em sua emergência, sem identificação e sem apego a qualquer um deles. Ser atravessado pelas múltiplas vozes que perpassam um processo, sem adotar nenhuma como sendo a própria ou definitiva conjurando o que em cada uma delas há de separatividade, historicidade e fechamento tanto ao coletivo quanto ao seu processo de constituição.¹²²

24 de setembro de 2014. Trovoadas... Muita chuva... No ônibus aquela música “Cai a chuva, chove sem parar...”¹²³ me confortava, ou melhor, me distraía. Estava tudo planejado para uma instalação artística ao ar livre no CAPS, mas, dois dias antes, a previsão do tempo alertava para a chuva. Então, eu precisava acionar o Plano B.

Há algum tempo havia me dedicado à construção de sete quebra-cabeças com obras do artista Escher. As imagens integravam sua fase intitulada *aproximações ao infinito*, em que ele, incessantemente, buscou pôr no papel o infinito. Suas tentativas organizam-se em três categorias: ciclos, preenchimento de superfícies e limites¹²⁴. Para mim, tais imagens poderiam potencializar uma discussão entre os participantes presentes e permitir dizer como eles afetam e são afetados por olhares ao infinito com e a partir daquelas imagens.

Inicialmente fizemos um mutirão de organização do espaço do ateliê com a ajuda de alguns participantes do CAPS que já estavam por ali. Em seguida, organizei seis quebra-cabeças sobre as mesas, deixando um para entregar ao grupo que terminaria de montar primeiro. Nesse momento, a Jane, que estava por ali limpando algumas coisas, se aproximou e começou a mexer nas peças e tentar identificar do que se tratava. Ela manuseava com cuidado e atenção sem perguntar nada, tendo ficado vários minutos ali, até que os participantes começaram a se aproximar. Depois, ela se retirou.

Havia chegado a hora do círculo inicial das atividades, quando 14 participantes se encaminharam ao ateliê. Logo que a

¹²² PASSOS, EIRADO, 2012, p. 116.

¹²³ Estrofe de uma canção da banda Biquini Cavado.

¹²⁴ APM, 1998.

proposta de brincar com imagens começou a ser explicada e comunicado que as falas seriam importantes para a pesquisa, dois deles preferiram participar de outra proposta que sempre ocorre paralelamente ao ateliê de artes. Nesse instante, *tremi na base*, pois muitas coisas me passaram pela cabeça, enquanto havia um trânsito de afetos entre meu corpo e os outros corpos, os ritmos, as falas e não falas. Seria falta de confiança? Será que eles não gostaram? Sentiram-se acuados? O que os fez desistir tão cedo?

Mas a proposta devia continuar, e assim, os demais participantes foram se sentando ao redor da mesa. Mais do que optar pelo quebra-cabeça, eles optaram pela companhia. Dois homens e uma mulher, a única entre eles, pegaram as peças de um dos quebra-cabeças e levaram para a outra mesa.



Fotografia 27 – **Quebrando a cabeça.**

Fonte: arquivo pessoal.

Inicialmente eles espalharam as peças e buscaram compreender que imagem seria aquela. Os olhares eram atenciosos para as peças, mesmo quando a conversa era sobre sua vida particular ou sua luta para viver um dia de cada vez sem drogas. As peças iam e vinham com agilidade para uns, e com muita paciência, para outros.

Do ciclo infinito...

A obra *Queda d'água* foi pega pelos três participantes que mudaram de mesa, o rapaz acanhado, o homem confiante de si e a única mulher que estava presente no grupo, a moça do hip-hop.

Vamos quebrar a cabeça! (cantando)

Acho melhor sentar assim, ó.

Senta aí. Senta aí.

Queres essa cadeira aqui?

Não, não. Pode ficar.

Será que é assim?

Essa aqui é aqui, ó.

Aham.

Esse aqui é aqui. Esse aqui é aqui.

Isso.

Essa aqui é aqui. Vamo colocar aqui bem no meio porque a gente não sabe pra onde vai, né?

Quebra-cabeça mesmo.

Aqui faz uma curva.

Opa.

Olha, que esperto!

Cara, eu faço aposta para brincar com meu filho de quebra-cabeça!

Essa parte aqui, agora, precisa de uma coluna lisa.

Não, não é essa aqui porque tem isso aqui, ó.

Tem certeza?

Tenho. Tem que ser uma coluna reta.

Poxa! Tem certeza absoluta que não é essa daqui?

Tenho! Porque tem esse detalhe aqui, que já está lá em cima e tá repetindo. Deve ser essa daqui, ó. Essa daqui.

Uhum. É bem essa! Tem razão.

Uma estrada, uma estrada pra cá, ó. Essa estrada tá aqui, ó.

A estrada tá ali.

É assim?

Certinho. Por onde é que tá, cai... Tá caindo uma água aqui. Daí ela deve... essa curva deve tar vindo aqui... mais pra baixo aqui, ó.

Aí?

É!

Assim mesmo!

Essa aqui.

Isso.

É aqui?

Não é. Não é. É porque tem aguazinha aqui, ó.

Mas não tem curva aqui, ó.

É aqui.

Aqui. Bem aqui. Nossa! É isso aí!

E esta daqui? Esse aqui é...?

Acho que mais pra baixo.

É mais pra baixo.

Isso aqui é água?

É.

Aí ó, olha só, caralho, demais. Agora tem que ver a janela ali.

Onde tem uma roda com dente assim, ó?

Isso! Manero! Tá ficando manero!

Agora a água tá vindo pra cá, ó... a água tá vindo pra cá.

Não.

Não.

Mas tem uma água vindo pra cá.

Ah, aqui, ó. Não. De jeito nenhum.

Aqui, ó.

É?

Claro que é.

Aqui, ó.

Não, não, não, não é.

Aqui.

É uma dessas.

Cadê aquela água que tinha?

É aqui.

Essa aí é.

Essa aqui é aqui.

Então, essa aqui é em cima.

Nossa, legal!

Essa aqui continua aqui, ó.

É bem essa mesmo.

Tem mais uma coluna aqui, ó.

Uma coluna?

É.

Isso aí.

*Onde é que tem um desenho com losango aí? Um pedacinho
 com losango.
 Tá aqui, ó.
 É bem esse aí mesmo.
 O certo é montar...
 Essa mureta que segue aqui... que é a casa... essa casa deve
 tá... não.
 É uma dessas!
 Hum...
 Ela vai descer mais, esse desenho ainda vai descer bastante.
 Preciso dessa parte aqui ó.
 Aqui ó. Não é essa?
 É. Pode crê.
 Claro! Isso mesmo, aí aqui... viradinha. Foi, isso aí!
 Então, tá. Cadê a pessoa.
 Essa aí deve ser aqui, pra fechar.
 Tem que ver o pedaço das pernas daquela menina.
 As pernas tão aqui.
 Acho os pedacinho?*



Fotografia 28 – **Concluindo a montagem de *Queda d'água*.**
 Fonte: arquivo pessoal.

*Aqui a escada continua aqui, ó. Isso aqui é aqui. Essa
 escada vai pra onde? Essa escada vem daqui.
 Aqui ó, não é?
 Uma janela e uma... não.
 Essa aqui é aqui. Essa aqui é aqui.
 [...] (discussão sobre a disposição das peças)*

*Agora é só fazer aqui, não é?
Esse aqui é o meio do telhado. Ah, meu Deus.
Agora foi.
É, ele vai só nas pontinha, né? (risos).
Tá de cabeça pra baixo essa aqui também.
Já era! (aplausos)*



Fotografia 29 – **Já era.**
Fonte: arquivo pessoal.

O trio foi o primeiro a terminar de montar.

E aí, como que foi?
Legal!

E o que mais impactou, assim, na imagem?

Descobrimo ela. No começo não dava pra entender o que essas coisas aqui tinham a ver com o castelo. Não entendia o que isso tinha a ver com o castelo, pareciam que eram desenhos diferentes.

Parece que eles tão tudo isolado.

Mas montando, um foi interagindo com o outro e foi montando uma imagem só. Porque no início pareciam desenhos totalmente aleatórios entre si.

E vocês repararam no castelo?

Sim. Parece que ele é isolado, não tem nada.

Eu reparei que ele é um castelo muito louco na verdade.

É, bem doido.

Por quê? Qual é a loucura desse castelo?

Meio psicodélico.

A loucura do castelo começa por esses lances aqui, essas imagens geométricas ali em cima e parece que ele, ao mesmo tempo que ele é meio medieval, ele usa uma tecnologia de abastecimento de água, que também gera energia pra ele mesmo, o moinho ali.

Essa água tá subindo ou tá descendo para mover o moinho?

Tá fazendo os dois.

Os dois? E como a água pode fazer as duas coisas?

Eu não consegui entender também. Como que ela chega lá em cima?

Sei lá.

Por isso que o castelo é louco! Por isso é louco! (risos).

Porque o moinho joga água pra cá e devolve pro próprio moinho.

A força do moinho alimenta ele mesmo.

E esse movimento termina?

Não, é cíclico, né! E ele não é um castelo, na verdade, ele faz parte de uma vila eu acho. Aqui tem uma casa, aqui tem outra. Lá atrás tem uma plantação.

Ao mostrar de quem era a obra e mostrar uma foto do Escher pintando outra imagem, um dos participantes comentou:

Viu como ele tem um jeito doido de fazer obra.

Uhum. Bem doido, olha aí a outra obra que ele tá fazendo.

Ele transforma o ciclo da água em uma coisa totalmente incomum.

Não existe isso.

Gostaram da imagem?

Gostei.

Gostamos.

Em suas falas emergem aquilo que podemos chamar de “práticas de pensar matematicamente”¹²⁵. Ao propor que o movimento é cíclico, eles expressam um olhar ao infinito que, nesse caso, era uma das propostas de Escher. Além disso, eles também fazem da matemática algo “complexo” ao elencar os elementos geométricos como culpados de uma certa loucura na imagem. Depois de montada a obra, a proposta era desenhar o que tocou da imagem, o que marcou. Porém, o rapaz acanhado...

¹²⁵ FLORES, 2015, no prelo.

*Não quero desenhar. Por favor.
Mas tem alguma parte que você gostou mais?*

Essa aqui.

Por quê?

Parecem corais.

***Você gosta do mar? Quando você vai pro mar o que você
costuma fazer?***

*Eu gosto de olhar pro mar. Fica lá olhando, viajando. Nós
ia lá pra lagoa quando era mais novo e ficava lá a noite
todinha só fazendo nada. É muito bom.*

Hum. Se você quiser mostrar outra parte é só me chamar.

Tá, mas eu não vou desenhar, não.

Mas você gostou da imagem?

Adorei.

Nisso, a moça do hip-hop que fazia parte do trio comentou:

*Ah! Que sem graça. Por que você não gosta de desenhar,
cara?*

Porque não sei, sou burro.

Ah, nada a ver.

Não gosto.

Tu gosta de olhar o mar.

Uhum.

É a melhor coisa que existe na real.

É massa, né?

Dá uma tranquilidade... mas o cara tem que tá bem de boa.

Enquanto caminhava pelos outros grupos, o trio conversava sobre paqueras, aborto, separação, ciúme das drogas, mãe que não deixava um dos participantes ver os filhos, participante que tinha atualmente duas mulheres, de quantos dias estavam sem drogas, até que um deles salientou: *Eu conto só o dia de hoje. Só por hoje.*

***Você separou essas quatro peças. O que te chamou a
atenção nelas (pergunto ao rapaz acanhado)?***

*Ah, porque eu tenho uma tatuagem muito parecida. Quando
comecei a montar as primeiras que me chamaram atenção,
foram essas aqui, que parecem corais.*

Quando a moça do hip-hop acabou seu desenho, ela compartilhou com o colega que não quis desenhar.

O que que pra ti parece (mostrando seu desenho)?

Uma estrada.

Uma estrada? Sério? Achei que ia conseguir ver uma pessoa sorrindo.

O homem confiante de si que fazia parte do trio me disse o que da imagem o afetou e que o fez desenhar.

Tive a ideia da cascata, como ela interagiu de uma forma meio louca com tudo, e peguei a ideia do outro quadro dele, que apareceu na foto ali, ele pintando as formas geométricas, e trouxe a cascata para um... uma forma de cascata, ela me lembra também cabelo de mulher, que também ele trouxe formas humanas naquela cascata que vai pra cima e pra baixo e não para o ciclo dentro de uma civilização. Então, essa mulher é a parte humana da loucura dessa cascata aqui.

Aqui é a parte que... tipo, como ele colocou na parte do castelo aquelas formas geométricas, tô usando a mesma ideia.

Na verdade, isso aqui é uma visão da mulher, né...

É porque eu tô vendo aqui que parece uma continui...

É uma continuidade, cai na viagem dele, né, eu pintei um quadro uma vez.

Você é artista?

Não, minha mãe pinta e ela me ensinou umas técnicas, e é fácil pintar, daí eu tô pra trazer pra Marion ver, só falta acabar a parte de cima dele que ainda não acabei, mas aqui tá feito nas coxa.

E aqui?

Aqui eu ia fazer o yin yang, símbolo do equilíbrio da obra, porque aqui, na verdade, tem natureza, tem pessoa e tem o... a minha cabeça é assim, tá ligado, e o detalhe é que as coisas aqui não se repetem (detalhes da espiral).



Fotografia 30 – **De um infinito cíclico.**

Fonte: arquivo pessoal.

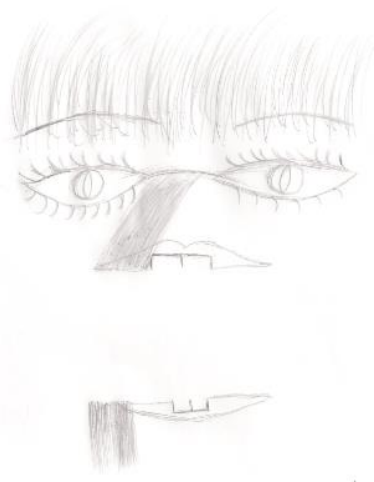
Este desenho feito no papel, feito por ele, materializa, ou melhor, diz de seus afetos. *A minha cabeça é assim, tá ligado.* Algo insistiu nele, ao intensificar sua ação, seu modo de pensar, de olhar, levando-o a entender seus agenciamentos como cíclicos. Uma possibilidade de se olhar ao infinito.

E a sua (pergunto para a moça do hip-hop)?

A minha eu já nem sei mais o que tá virando aqui.

Mas você se inspirou na imagem ou é alguma coisa que você estava pensando?

Foi alguma continuação que eu tava pensando e acabo que... que eu fiz uma coisa mais livre, mais... que sei lá... tirei da cabeça.



Fotografia 31 – **Descaminhos.**

Fonte: arquivo pessoal.

A aproximação entre o pensamento visual de Escher e sua proposta de representar o infinito a partir de um *ciclo* provocou certa intriga nos participantes que montaram a obra *Queda d'água*. *Ele transforma o ciclo da água em uma coisa totalmente incomum. Não existe isso*. Se quiséssemos alguma explicação para tal desconforto, poderíamos dizer que, em sua obra, “Escher fere o Princípio da Conservação da Energia (conteúdo de Física estudado na primeira série), mostrando a água vencer sozinha a força gravitacional, e indo cair numa roda d'água”¹²⁶, mas esse não é o ponto. O que eu penso é que ele fere um de nossos discursos tomados como verdadeiro e natural, afinal, aprendemos que a água não venceria sozinha a força gravitacional gerando um ciclo que podemos entender como infinito, ou seja, há uma historicidade¹²⁷ na forma como olhamos e na forma como nos afetamos ao olhar e sermos olhados.

Do monte de peixes ao amor infinito de Deus...

Isso aqui tá parecendo o fundo de um mar, sei lá... isso aqui parece peixe pra mim, não sei... um monte de peixe... pode ser um monte de peixe dentro de um aquário...

Tá mais pra uma rede, né?

Por que pra uma rede?

Ah, porque tão muito junto, né.

Vocês acham que eles estão todos juntinhos?

Tão. Se não tão, parecem.

E assim, o homem devoto e o homem de jaqueta de couro continuaram a montar a obra *Limite circular III*, manipulando aquelas peças a fim de encaixá-las ao som da chuva e de uma

¹²⁶ BERRO, 2008, p. 14.

¹²⁷ “A historicidade, de fato, nem é uma representação do passado, nem uma representação do futuro (ainda que suas várias formas utilizem tais representações): ela pode ser definida, antes de mais nada, como uma percepção do presente como história, isto é, como uma relação com o presente que o desfamiliariza e nos permite aquela distância da imediaticidade que pode ser caracterizada finalmente como uma perspectiva histórica” (JAMESON, 1997, p. 209).

música de fundo. O assunto tratado pela dupla foi em relação a buscarem ajuda para largar as drogas. Eles afirmaram que sozinhos não conseguem deixá-las e que se apegam a outras coisas e pessoas para superarem essa fase. Um deles, o homem devoto, convida o outro para ir a uma igreja com ele, dizendo que a fé é o seu porto seguro e que ela o ajuda a superar as drogas. E lamentam que o pior de tudo é a recaída.

*Isso aqui me deu até vontade de comer um peixe!
Camarão?! (risos)*

*Nesse monte de peixe o que não tem é camarão. Tem tudo,
sardinha, tainha, garoupa, salmão só não tem é o camarão.*

*Essa pecinha vai pra lá (um deles fala bem baixinho).
Sabe que isso aqui me deu uma ideia de compra uns quebra-
cabeça e montar e fazer um quadro em casa.*

*No que você acha que o Quebra-cabeça ajuda? (Marion
passa e pergunta)*

Oh, estimula a mente, trabalhar o cérebro.

*Que imagem vocês acham que esta imagem está
representando? (Marion insiste)*

Um monte de peixes indo pra panela (risos)

É eu acho que parte dos peixes maior pro menor. Eu acho.

Falta a cabeça desse daqui, ó.

Falta um olhinho e esse pedacinho aqui, ó. Não é esse, não.

Mas assim, será que é um quadrado?

É. Só que parece um círculo que fecha num quadrado.

Mas será que é assim?

Deu pra ver que é redondo.

É interessante ver que Marion, ao perguntar sobre o que a imagem representa, o homem de jaqueta de couro disse o que sentiu ao olhá-la, reafirmando seu desejo de comer algum prato feito com peixe. Nessa dupla, momentos de fala se intercalaram com momentos de silêncio absoluto. Ouviam-se, muitas vezes, apenas algumas falas como: *essa é aqui, né? Ainda falta a pontinha amarelinha aí, não, não é esse não né, porque é verde, vermelho e amarelo.*



Fotografia 32 – **Fome.**
 Fonte: arquivo pessoal.

*Depois de montar vou levar pra casa!
 Bom se tivesse uma foto disso aqui, né? Pra olhar...
 Seria bem mais fácil!
 Ô!*

*[...] aqui tem uns peixinhos que não chegaram nem na forma
 de peixe adulto, né. Eles estão acabando com a nossa baía com
 essas redes de pesca.*

*Tem que vir aqui uma peça que tem o corpo todo vermelho.
 Que tal essa?*

*A tendência agora pelo que tô vendo é diminuir os peixes. É
 aí que termina o aquarizinho como tu falo.*

Será que termina? Circulei e sentei um pouco com cada dupla ou trio. E quando passei novamente por essa dupla, um deles me disse:

*Aprendi que a paciência é a chave.
E a paciência acaba ou não acaba?
 Nunca acaba (risos).
Isso significa que ela é o que?
 Permanente.*

A pedido de Marion, levei um pequeno cartão com algumas informações de quem havia feito aquelas obras de arte.



Maurits Cornelis Escher (Leeuwarden, 17 de Junho de 1898 — Hilversum, 27 de Março de 1972) foi um artista gráfico holandês conhecido pelas suas xilogravuras, litografias e mezzotints (*mezzotints*), que tendem a representar construções impossíveis, preenchimento regular do plano, explorações do infinito e as metamorfoses - padrões geométricos entrecruzados que se transformam gradualmente para formas completamente diferentes. Ele também era conhecido pela execução de transformações geométricas (isometrias) nas suas obras.

Figura 1 – Cartão com informações do artista Escher.

Fonte: elaborado pela autora.

Isso aí a gente não consegue compreender (apontando justamente para a frase “explorações do infinito”).

Por quê?

Porque isso aí é coisa de Deus, uma coisa divina preencher o infinito.

Por quê? (insisto)

Porque Deus é perfeito, a gente só falha.

Enquanto estava na dupla ao lado, uma pergunta me foi dirigida pelo homem devoto:

O que é o infinito pra ti?

O mar. E pra você o que é o infinito?

O céu.

Por quê?

O céu não tem dor.

Ei, você está escondendo as peças? Está contra nós? (risos)

É que eu também quero montar um pouquinho.

E essa imagem fez pensar algo sobre o infinito?

Eu penso! Penso que nossa baía tá falecendo, porque se tu olhar em volta tão acabando com o pescador artesanal

E você?

Eu sou meio tímido!

[...] então dá de ver que tem uma questão política aí, eles criam as indústria que tomam conta do espaço.

Eles viram os peixes, grandes e pequenos, mas também a sua própria baía morrendo, tiveram fome e lembraram do gosto de peixe e de camarão. Eles pensaram com a imagem!

Distante dessa dupla, perguntavam por mim: “onde está a menina com quem eu falei do infinito”? Assim como havia dado “nomes” a eles conforme aquilo que me marcou de cada um, eu também fui “nomeada” por eles como a menina que fala do infinito.

Alguém me chamou?

Sim, tu falou que o mar é infinito.

Pra mim...

Mas eu vou te falar que o mar tem fim.

Por quê?

Se uma ilha na mão de Deus é um grão de areia, então, quer dizer que o mar tem fim. A única coisa que não tem fim é o amor.

Eu não entendi o que ele quis dizer, mas, nesse momento, todo mundo largou um: “*hummmmm*”. Isso o constrangeu e ele disse que ia parar de falar. Mas tentei dar continuidade, pois queria entender o que ele havia me dito. Porém, o homem de jaqueta de couro falou:

Se existisse amor, não existiria sofrimento.

Não pensa assim, cara.

Toda relação um dia acaba, uma pessoa morre na relação ou tu vai sofrê, então, pô, pra mim o amor tinha que ser infinito, mas ele não é, né.

O amor é infinito!

Pra mim, não.

Cada um tem a sua opinião.

O que é amar pra ti?

Pra mim amar é, sei lá, nunca amei ninguém na minha vida, só a mim mesmo.

Então, hoje eu digo que pra mim sair do meu vício eu tive que me amar, se eu não me amasse, como eu poderia estar falando isso aí. O amor é infinito porque ele se encaixa de várias maneiras em qualquer colocação que tu fizer, tuas barreiras...

Eu não creio nessa história de amor, não.

Eu creio, cara. Imagina se Deus não tivesse amor por nós como que ele daria o filho dele?

[...] como que você consegue amar o seu filho?

A gente aprende. Convívio.

(Silêncio)

Tá faltando uma peça!

Vamos finalizar, assim, então?

Pode vê que uma peça tá no bolso dela (se referindo a mim).

Chama ela.

Acho que essa peça tá errada.

Não, tá certa.

É, tá certa, tá certa.

Ó, tá faltando peça.

A gente não tá conseguindo terminar esse.

Mas é pra estar tudo aí!

[...] a ponta ali tem que ser azul.

Tá faltando peça!

Aqui é um rabinho verde, tem que estar do outro lado.

Esse peixe verdinho vai ser aqui, ó.

Acho que tem uma peça errada ali, ó.

Se tiver uma peça errada tá tudo errado.

É aqui, né.

É.

Acho que é esse aqui que vai encaixar ali.

Que peça é essa aqui virada?

Escondendo o jogo!!!

Visse, estava embaixo do braço dele!

Escondendo peça.

Garanto que ele queria botá por último ali e dizer: ó, fecho!

Estratégia, né.

Agora esse branco aí, vamos terminar.

Eu acho que a Cássia tá com a última peça, ela quer que a gente monte tudo e aí ela vem e diz, ó, deu! (risos).

[...] e agora com a imagem pronta, o que vocês têm a dizer?

Eu tenho a dizer que quebrei a cabeça legal pra montar.

Me deu uma vontade de comer peixe. Sério, cara.

Visse como o amor é infinito! Como que o amor resolve (mostrando o quebra-cabeça pronto)?

Viu! Toca aqui!



Fotografia 33 – **Com amor.**

Fonte: arquivo pessoal.

Depois de pronto, o combinado era fazer um desenho ou uma escrita sobre o que marcou da imagem. Porém, essa dupla não gostou da proposta.

Você quer que eu desenhe?

Então, tu fala e eu desenho (combinam entre si).

Vocês querem canetinha, lápis, giz de cera?

Pode ser lápis, não sei se vão entender minha letra, mas...

(com o material em mãos) tá, tu vai fala e eu escrevo amigo?

Vamo lá?

Mas tu entendeu da mensagem da ilha?(me pergunta enquanto

entrego os materiais)

Tem outra coisa além do amor de Deus que é infinito?

Não, só ele. O amor de Deus é infinito porque se tu tá triste, ele vai

lá e te acolhe, se estiver cansada, ele vai lá e te acolhe, por isso é

infinito.

Vamos desenhar ou escrever então o que ficou dessa experiência?

Ah, não, não sei desenhar.

Vocês podem escrever também.

Não sei se tu vai entende minha letra depois.

Aqui é um presídio.

Vô bota. (risos)

Aqui é um círculo, né?

Tá (som do lápis a escrever).

Diz que tem um monte de peixe amontoado.

Aqui é um círculo.
Um círculo, né? E dentro desse círculo...
Escreveu?
E dentro dele tem... um desenho formado por peixes, né?
Vários peixes.
Haja folha ô Paulo Coelho. (risos)
[...] ô infinito (me chama)! esqueci o nome dela...
Aqui tem peixes machos e peixes fêmeas, sabe o que o peixe falou
pra peixa?
Não.
Que está apeixonado! (risos)

O que sinto é que nessa dupla houve vários pensamentos com a imagem, tendo perdurado a ideia de um infinito absoluto, que nos coloca diante de um discurso que, durante a Idade Média, teve suas condições potencializadas após Aristóteles ter concluído que apenas o infinito potencial poderia ser concebido. Assim, o infinito em ato, ou o infinito absoluto, ganhou força de argumentos teológicos cristãos.

O silêncio do olho...

Outras quatro obras de Escher foram montadas completa ou parcialmente. Três delas individualmente e uma pela dupla composta pelo homem de camisa vermelha e pelo homem de toca. Contudo, esses participantes permaneceram a maior parte do tempo em silêncio, talvez por ser um hábito do ateliê ou por serem mais tímidos.

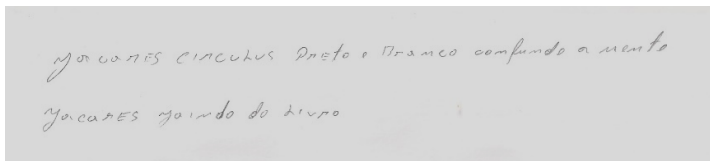
O senhor de boné com detalhes verdes, que montou a obra *Répteis*, mostrou-se bastante atraído pela atividade. Ele manuseava as peças com cuidado e interesse em encontrar a sua posição. Quando eu me aproximava para falar algo, ele respondia bem baixinho, embora suas respostas se resumissem a *sim*, *não*, *aham*.



Fotografia 34 – **Répteis confusos.**

Fonte: Arquivo pessoal.

No entanto, em sua escrita sobre a imagem, ele deixou emergir o seu olhar ao infinito, um olhar circular e, de certa forma, curioso, pois, segundo ele, a imagem lhe confundia a mente.



Fotografia 35 – **Escrita do participante que montou a obra Répteis.**

Fonte: arquivo pessoal.

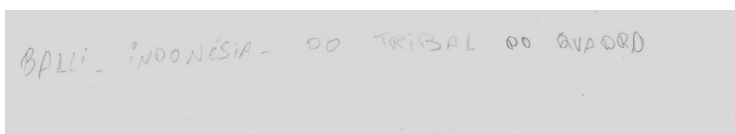
O participante que montou a obra *Cada vez mais pequeno*, o homem do tribal, também se entusiasmou com o manuseio das imagens, embora tenha dito que era muito difícil encaixar as peças. Eu quase não compreendia o que ele dizia, mas vi que ele apenas formou duplinhas de peças que se encaixavam, sem tentar construir a obra como um todo.



Fotografia 36 – **Partes que se juntam.**

Fonte: arquivo pessoal.

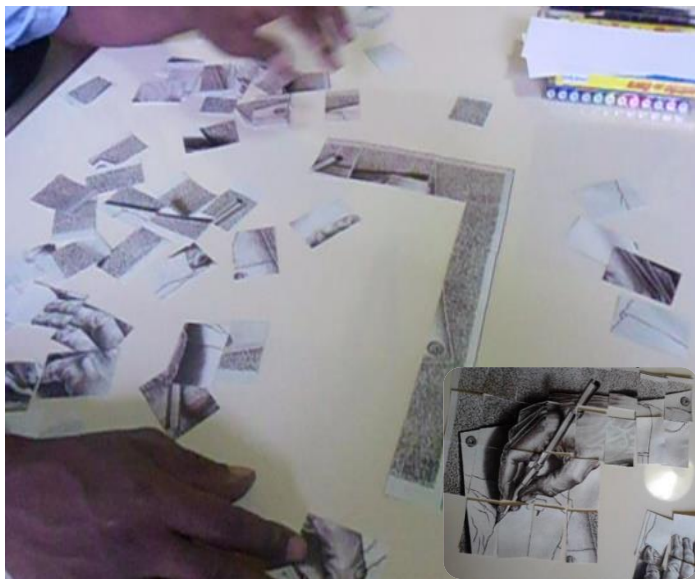
A sua escrita fazia referência, pelo pouco que compreendi, à sua vida ligada ao mar e ao surf antes das drogas.



Fotografia 37 – **Escrita do homem do tribal.**

Fonte: arquivo pessoal.

A obra *Mãos desenhando-se* foi montada por um rapaz de poucas palavras. Ele parecia bastante aflito, não sei se com a atividade ou se estava passando por alguma dificuldade relacionada às drogas, por isso, Marion sentou-se ao seu lado a fim de auxiliá-lo.



Fotografia 38 – **Mãos desenhando-se.**

Fonte: arquivo pessoal.

O homem de camisa vermelha e o homem de toca tentaram montar a obra *Borboletas*. Eles também falaram muito pouco, e sequer conversavam entre si. Apenas deixavam escapar algo sobre a junção perfeita entre os desenhos que compunham a imagem.



Fotografia 39 – **Borboletas.**

Fonte: arquivo pessoal.

O fato é que “cartografar é pesquisar o acontecimento acontecimentalizando [...] traçados sempre provisórios e frágeis de um ‘sempre em processo’, o inacabado de *um como*. Investiga-se como, produz-se com”¹²⁸. Ainda ao som da chuva, me perguntei: Como afetamos e somos afetados por olhares ao infinito? Que afetos foram provocados com esse encontro? No encontro comigo, com os outros, com as imagens?

Minha pretensão não é criar categorias, ou blocos de modos de olhar, tampouco explicá-los. Mas, sim, de dar vez e voz aos afetos que pedem passagem. Afetos cujos modos de olhar afetaram aquelas imagens e que também foram afetados por elas. Afinal, quando nos referimos à visualidade, ao modo como olhamos para alguma coisa, consideramos um olhar construído em meio a práticas e discursos que não possuem nada de essencial. Portanto, não quero representar uma suposta realidade sobre os olhares ao infinito, mas me deixar atravessar por processos de invenção, de afetos.

Nesse encontro, a meu ver, emergiu um olhar ao infinito que aprendemos a identificar como potencial. Uma ideia de processo sem fim, cíclico, que está impregnado em nossas práticas visuais e discursivas. Isso me remete ao pensamento de Aristóteles quando ele dizia que “era necessário descobrir se existia algo no mundo natural que fosse infinito e ainda se esse algo poderia ser profundamente analisado”¹²⁹. Mas também emerge um olhar ao infinito em ato, absoluto.

Assim, tanto potencial quanto atual, esse pensamento matemático acerca do infinito hoje parece estar incrustado em nós, em nosso modo de agir, pensar, olhar e agenciar decisões, ainda que esse pensamento seja, no presente, ressemantizado.

Retomando as ideias de Guattari, vemos que a subjetividade é por ele compreendida como um processo de produção no qual comparecem e participam múltiplos componentes. Esses componentes são resultantes da apreensão parcial que o humano realiza, permanentemente, de uma heterogeneidade de elementos presentes no contexto social. Nesse sentido, valores,

¹²⁸ COSTA, ANGELI e FONSECA, 2012, p. 46.

¹²⁹ MACHADO et al., 2013, p. 290.

ideias e sentidos ganham um registro singular, tornando-se matéria prima para expressão dos afetos vividos nesses encontros. Essa produção de subjetividades, da qual o sujeito é um efeito provisório, mantém-se em aberto uma vez que cada um, ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva. É nessa dinâmica mutante que os processos de subjetivação vão tomando forma, contando com a participação das instituições, da linguagem, da tecnologia, da ciência, da mídia, do trabalho, do capital, da informação, enfim, de uma lista vasta que tem como principal característica o fato de ser permanentemente reinventada e posta em circulação na vida social. Assim, esses componentes ganham importância coletiva e são atualizados de diferentes maneiras no cotidiano de cada vivente.¹³⁰

Portanto, acredito que cada sujeito desta pesquisa, e por que não dizer, cada um de nós, constrói a sua visualidade, constitui o seu modo de olhar para as coisas, o seu modo de olhar ao infinito de acordo com aquilo que o afetou durante a sua vida. E tais discursos que nos formatam, por sua vez, não foram definidos por alguém *a priori*, mas sim, criados historicamente por todos nós.

Essa discussão que emergiu da proposta daquelas imagens — aproximações ao infinito — nos convida a pensar também que a matemática não é um corpo de conhecimento fechado em sua cientificidade. Ela está, antes, conectada às relações e aos usos que fizemos dela e principalmente de seus conceitos. O infinito e o olhar que provocamos fazem parte de algo mais complexo, de um rizoma, de onde não pegamos algo em sua essência, desprovido de qualquer outra forma de pensar e relacionar, mas sim, de algo construído em nós e por nós. Não é à toa que se empregam palavras dotadas de significados matemáticos, tais como o quadrado, o círculo, o redondo, ou o círculo que se fecha num quadrado, para dizer de um pensamento que não está, necessariamente, atrelado

¹³⁰ MANSANO, 2009, p. 111.

aos elementos abstratos e conceituais da matemática, mas para colocar a forma de um pensamento que se dá por uma condição matemática, geométrica¹³¹.

¹³¹ FLORES, 2015, no prelo.

UM OLHO, COMPONDO INFINITOS OLHARES...

“Cada corpo porta uma história multivetorializada de encontros, marcas e afetos”¹³². Nosso olho faz parte do corpo. Afirmação trivial? Talvez sim, talvez não. O fato é que nosso olho não é apenas físico, uma parte do corpo, pois ele também porta e produz marcas, afetos e técnicas que se materializam na forma do olhar.

A proposta do encontro era: Todo mundo vendo com um olho só! Como assim? Fechando um dos olhos e deixando-se tocar pela imagem que te aguarda lá no fundo do monóculo. O que você vê? O que te faz pensar o que você vê?

Bem, antes do início das atividades no ateliê de artes, muitos participantes se dirigiram até lá para ver o que estava acontecendo. Havíamos montado uma trama com monóculos suspensos no ar — uma espécie de instalação artística.

*Ô, que massa!
Já tinha visto?*

Não.

É os mais jovens não conhecem.

Não viu nem na casa de pessoas mais velhas?

Não.

Então, está convidado a olhar todos!

O homem de toca chama alguns participantes para ver um monóculo específico.

Gostaram desse aí?

Sim!

Sim!

O que tem aí dentro?

É uma moto.

Uma moto?

Uma Harley-Davidson.

Meu sonho ter uma dessa aí.

¹³² BARROS, 2013, p. 43.



Imagem 40 – **A moto dos sonhos.**

Fonte: acervo pessoal.

A previsão para esse dia era de muita chuva novamente. Durante a noite muitos relâmpagos riscaram o céu de Florianópolis, mas o dia amanheceu sem chuva, apesar das nuvens e de algumas aparições tímidas do sol.

*Que calor que está agora.
Com essa terra molhada sobe um vapor aí.
De madrugada também, né, como choveu.
Acordei várias vezes com as trovoadas.
Vocês souberam lá da Lagoa da Conceição?*

Não.

Não.

Eu moro bem perto, a minha filha ligo e falo: ô, pai não sai de casa, porque aconteceu uma tragédia, foram lá e jogaram dois tambor de óleo, tanto na subida quanto na descida.

Fiquei sabendo.

Sério?

*Mas tem a ver com esses atentados que estão ocorrendo?
Não sei. Visse a delegacia lá do Campeche, né (referindo-se à onda de atentados em Florianópolis)?*

E o senhor da Lagoa continuou por um tempinho falando de ladrões que moravam próximos à sua casa e que lucravam milhões ao ordenarem ataques de dentro de casa ou das prisões.

Esses acontecimentos que, em algum outro momento, poderiam não fazer parte desta pesquisa, aqui se fazem presentes. Afinal, me interessa fazer com que os encontros possibilitem somar experiências e compor relações, trazendo à tona o que se passa

entre o grupo e no grupo; os atravessamentos daquele momento que, provavelmente, provocam diferentes afetos.

*Tem uma ordem para olhar?
Não, fique à vontade. Olá. Que bom te ver de novo
(vejo o homem devoto)!*

De fato, vamos ao início da atividade. Marion nos reúne em um círculo.

*Pessoal, tudo certo aí? Gente, devagarzinho vamos começar a atividade? Vamos fazer nosso círculo aqui, é um desenho que a gente faz, né. Isso! Ninguém quer ficar no sol gente? Choveu tanto ontem à noite. Temos que agradecer o sol. Isso, vamos lá, gente!
Vamos fazer um círculo gente, de forma ombro no ombro pra mostrar nossa força coletiva? Pessoal, bom dia!
Bom dia!
Bom dia!
Bom dia!*

*Sejam bem-vindos ao ateliê de artes nessa manhã de sol, depois de uma grande chuva, a semana da primavera. Hoje no ateliê de artes a gente tá com uma surpresa boa. Que é uma atividade diferente, criativa, inventiva. Todo mundo tá sendo convidado... chega aí! Agradecemos a Cássia que trouxe essa atividade pra gente de imagens penduradas no ar. Chega aí, Jane!
Chega aí, Jane! Então, o convite hoje é a gente se abrir pra essa aventura de tá vendo essas imagens. Só para dizer também, que essa atividade tem a ver com a nossa Semana Mundial da Saúde Mental, o que produzirmos hoje vai tá sendo levado para o parque de Coqueiros, dia 14, nossa festa, nossa celebração. Cássia gostaria de falar?*

Quero agradecer a presença de todo mundo e deixo o convite, então, para que hoje a gente olhe por um olho só, não sei se vocês conhecem esses objetos... alguém conhece?

Eu (outros erguem a mão).

Conhece de onde?

Do colégio, quando era criança, né, minha vó tinha.

Eu conheço, o olho da porta!

Bom, então, esse é um convite de lembrar e ter um momento particular com a imagem. Ver o que está acontecendo ali dentro e ver o que ela nos faz pensar. Ok?

Então, esse primeiro momento é um convite a vocês estarem olhando a imagem com bastante cuidado, né, com tempo, e tudo o que vocês olharem vai ser importante para depois irem pra mesa e responderem a essas mensagens. Então, são três momentos, primeiro vamô olha todo mundo as imagens.

Mata a curiosidade (diz um participante).

Mata a curiosidade, depois ir pra mesa, guardar essa imagem no coração, com qual imagem foi afetado, qual te atravessou, que te perfurou, que te fez tirar o chão e ir pra mesa e soltar aquela sensação que veio dentro de vocês, e depois a gente leva pro painel pra fazer um painel bem bonito, tá certo? Bonito assim, no sentido de sensação. Vamo lá, gente? Sejam bem-vindos à nossa atividade.

Nesse momento, todos os participantes ali presentes começaram a circular pelas imagens. Menos um que estava sentado ao fundo do ateliê, de modo que fui até lá para convidá-lo.



Fotografia 40 – **O rapaz indiferente.**

Fonte: arquivo pessoal.

Não queres olhar as imagens?

Eu olhei.

Olhou todas?

Nem todas.

E as que tu olhou, o que você achou, o que ela te fez pensar?

Em mosaico.

Mosaico? E mais alguma coisa?

Tatuagem.

Nesse instante, a Marion o convidou para ver um monóculo específico.

*Vem ver esse aqui que tu vai gostar.
O que que te garante que eu vá gostar dele?
Vê lá, experimenta!*

Aguardei um tempo para que se movessem livres, e depois, um pouco de atenção a cada um. “A atenção assim, revela-se potente numa posição à espreita de algo, de um não sei o quê muitas vezes indeterminado, e tem relação direta com os movimentos (afetos) de um território”¹³³. Pois, “a atenção tateia, explora cuidadosamente o que lhe afeta sem produzir compreensão ou ação imediata”¹³⁴. Mas, ao escrever essas dobras, sinto que as imagens desencadearam pensamentos¹³⁵, e mais do que isso, “práticas de pensar matematicamente”¹³⁶.

Circulando entre eles, dirijo-me ao senhor simpático e ao homem solitário...

***E aí, o que tem aí que vocês
estão discutindo?
Esse aqui é bem colorido,
parece um caracol.
Esse aqui tem um passarinho
bem do lado, assim, né?
Tem um passarinho?
Descreve pra mim que eu não
alcanço aí.***

Eles queriam sempre que eu olhasse quando eu perguntava alguma coisa.

*É tipo um... como que é o
nome disso aí que sempre
esqueço o nome... tipo um
túnel.*

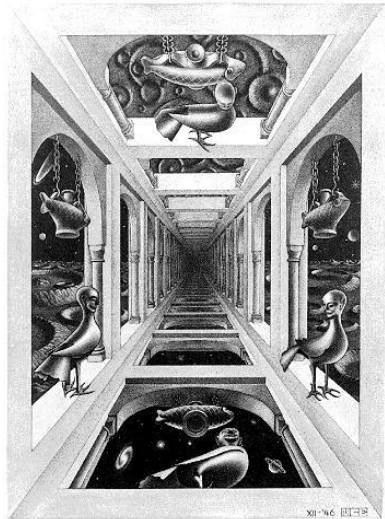


Imagem 11 - Galeria.
Fonte: www.mcescher.com

¹³³ BARROS, 2013, p.68.

¹³⁴ KASTRUP, 2012, p. 40.

¹³⁵ FLORES, 2015, no prelo.

¹³⁶ Idem.

Um túnel?

É um túnel que entra por baixo assim.

Entra e vai onde?

Tipo uma galeria, assim. Uma galeria, uma galeria.

E você se imagina dentro dessa galeria?

Aham, imagino, justamente, aham.

E o que você estaria fazendo ali dentro da galeria? Desse túnel?

Até nem sei o que taria fazendo, mas ele é muito bonito.

Após ouvir sobre a galeria, que se parece com um túnel, perguntei ao homem solitário:

E aí?

Aqui tem uma floresta, um pomar.

Tem frutas?

Ainda não tem, mas vai dar.

A que eu mais gostei foi esse aí, quer ver?

Claro! Por que você mais gostou desse?

(Indo em direção ao tal monóculo)

Esse aqui tem muito a ver comigo.

Por quê?

Minha caminhada de recuperação, os meus dois anos e quase três meses de recuperação.

E onde você está indo nessa caminhada?

Tô descobrindo em cada passo que eu dô nessa escada aqui.

Sempre descobrindo coisa nova que me dá mais prazer do que a droga.

Que bom!

Substituí ela. Tá bem apagada já.

E essa escada tem algum fim?

Não. É eterna. Quero que dure pra sempre!

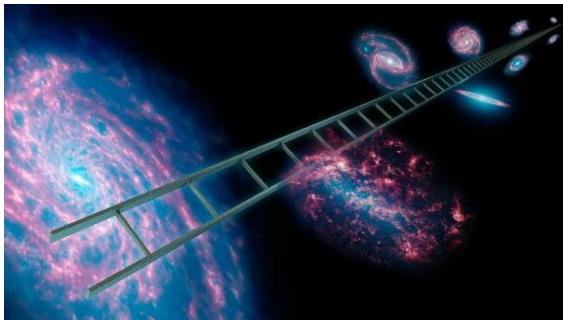


Imagem 5 – Escada eterna.

Fonte: acervo pessoal.

Essa escada eterna, de que fala o homem solitário, diz de seus afetos com a imagem e proporciona um olhar ao infinito ligado à vida eterna. Nesses momentos em que um deles me indicava esse olhar, e que, de alguma forma, se justificava a partir de suas experiências de vida, eu me sentia sem ação. Por vezes, meus pensamentos desviavam o foco da pesquisa, me sentia perdida num lugar que precisava de carinho, de atenção. Aí me movia, buscava novos olhares.



Imagem 13 – Beira Mar de Florianópolis/SC.

Fonte: arquivo pessoal.

*E você qual gostou
mais?
Eu vi a Beira Mar
ali.
Onde?
Naquele ali.
E o que você
lembrou?
Das minhas
caminhadas.
Você costuma
caminhar na Beira
Mar?
Aham.*



Imagem 14 – **Bombinhas/SC.**

Fonte: arquivo pessoal.

*Legal né, cara?
O que você tá vendo
aí?
Paisagem. Uma praia.*

*Aqui é o símbolo do
infinito, né? (Alguém ao longe fala)*

Onde?

Eu acho que é o símbolo do infinito.

Você já tinha visto esse símbolo em algum outro lugar?

Já.

Onde?

Numa reportagem da TV UFSC.

Sobre o que falava?

*Sobre os símbolos. Eu sempre vejo, porque tô indo pra
universidade.*

Você faz que curso lá?

*Vô fazê, eu tô fazendo um projeto daqui lá e vô fazê técnico em
enfermagem.*

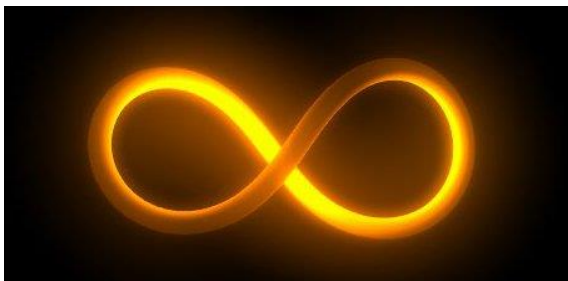


Imagem 15 – **Símbolo do infinito.**

Fonte: acervo pessoal.

*Que legal. E as outras imagens, o que te fizeram lembrar?
 Ah, essa aqui... tudo aquilo que eu perdi e agora tô reconstruindo
 na vida. Minha casa, família.
 E tem alguma coisa que te causa estranheza nessa imagem?
 (Depois de um tempinho...)
 De onde tá vindo essa água aqui?
 Tá circulando, vai lá, volta, não tem fim.
 Não tem fim?
 Não tem começo... (fala pausadamente). Ela tá em círculo.*



Imagem 16 – **Waterfall, 1961.**

Fonte: www.mcescher.com

Nisso, o senhor simpático se aproximou de mim e falou:

*É bonita essa aqui.
 É bonita?
 Ô!
 Por quê?
 Tem a lua.
 E o que a lua te faz pensar?
 Ô! Muitas coisa boa. Muitas coisa boa, memo.
 Você costuma ver a lua?
 Quando eu morava na Serra, lá, nós saía à noite, assim, nós ia
 caça tatu na lua cheia. Ô, nós adorava sair à noite, assim.*



Imagem 17 – A lua das coisas boas.

Fonte: acervo pessoal.

Em seguida, o homem devoto me chamou para ver um monóculo que estava distante. Tentei convencê-lo a me contar por que aquele teria sido o monóculo que mais havia lhe chamado a atenção, mas não obtive sucesso. Sua fala foi em um tom incisivo:

Que que tu vê?

Primeiro me diz o que tu vê, depois te conto o que eu vejo.

Prefiro saber o que tu vê.

Bom, isso me lembra nossa conversa da semana passada.

Aquela conversa já foi (ele me corta), agora é outra. Tu reparasse nos detalhes? O que tem aqui?

Um símbolo, uma pessoa.

Que símbolo você vê ali?

Hum... um oito deitado (tento não falar em infinito).

Tu acha que é um oito deitado (fala em um tom irônico)? A mensagem diz que o infinito pode ser definido pela seguinte frase: O amor de Deus por mim. Um amor vindo do céu. Esse oito deitado na verdade é uma corrente...

Uma corrente?

É, uma aliança que Deus tá contigo, caminha contigo.

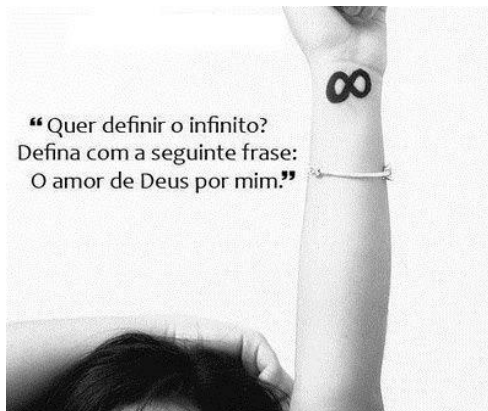


Imagem 18 – **Aliança com Deus.**

Fonte: acervo pessoal.

Mais uma vez o homem devoto reafirma sua crença em Deus. Apontando para uma corrente entre ele e Deus. Uma aliança! Pergunto ao participante próximo:

Gostou dessas imagens?

Adorei.

O que te fizeram pensar?

Tipo... é como ele disse, depende do estado de espírito, ela vai fazer pensar certas coisas. Como a imagem dos morcegos...

Por que essa imagem chamou mais a atenção de vocês?

Pela forma que ele colocou eles juntos, né.



Imagem 19 – **Limite circular IV.**

Fonte: www.mcescher.com

De longe vejo o homem solitário e me dirijo até ele.

E aí, qual você gostou mais?

De todas... essa aqui.

Descreve ela pra mim?

*Aqui tem um... eu acho que é um rio, o pôr do sol e a lua
e algumas nuvens.*

E o que ela te fez pensar que você gostou tanto dela?

*É o caminho, né. O rio representou um caminho. Lá na frente
encontrando boas energias.*

E você se vê nesse caminho de encontrar energias boas?

Sim. Já tô entrando nesse caminho. Tô fazendo novas amizades.



Imagem 20 – **O caminho para boas energias.**

Fonte: acervo pessoal.

Aqui o sol, a lua, o rio e dos lados tá mais escuro.

E esse rio tá indo pra onde?

*É tipo assim, pra mim ele representou a minha vida, o meu
caminho, passa os obstáculos pra chegar no paraíso, um lugar
legal, que é o sol que ilumina a minha vida. Eu senti muitas
dificuldades, passei por várias dificuldades. Perdi família, meus
familiares, agora tô sozinho, precisando de ajuda, né, e tudo isso é
novo.*

Pedi para que o homem solitário desenhasse, então, algo que
dissesse desses seus afetos.



Fotografia 41 – **O caminho do paraíso.**

Fonte: arquivo pessoal.

O homem do tribal chegou um pouco atrasado, mas logo vi que ele havia olhado demoradamente para várias imagens.

E você qual gostou (pergunto a ele)?

Essa aqui!

O que tem ali?

Um relógio. (risos)

E que horas está marcando nesse relógio?

Tá marcando vinte pras nove. (risos)

E este é um relógio comum?

Não.

O que tem de diferente nele?

E agora? Parece que ele tá começando e aumentando, tá ligado. É os mesmos números 1, 2 ,3, só que um menor, e assim vai rodando.

Rodando?

É, que vai aumentando, né.

E esses números têm fim?

Não, não.

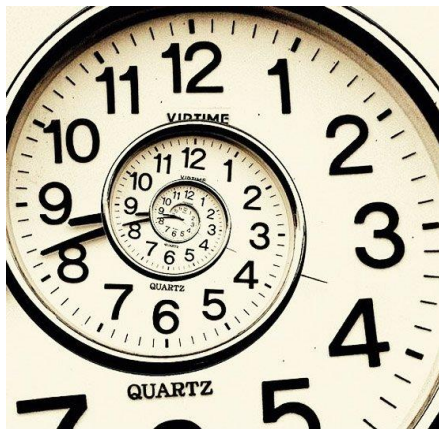


Imagem 21 – O relógio que roda.

Fonte: acervo pessoal.

E tem mais alguma que você gostou?

Tem aquele do trapiche ali.

O que te chamou a atenção nela?

Ah, que ele não tem fim, né?

Não tem fim?

Sem fim, né? (olhando novamente pelo orifício do monóculo).



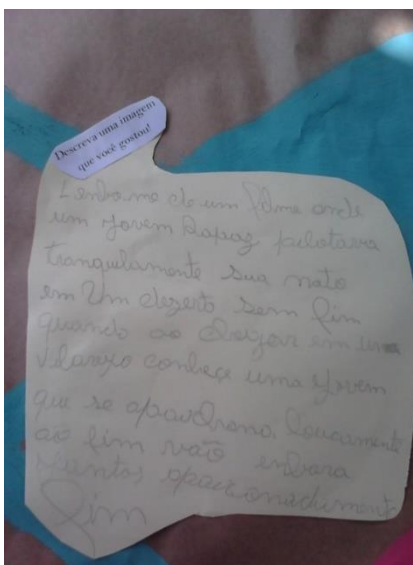
Imagem 22 – O trapiche sem fim.

Fonte: acervo pessoal.

*Também gostei daquela moto.
Pra onde aquela moto parece ir?
Em direção ao pôr do sol, né?*

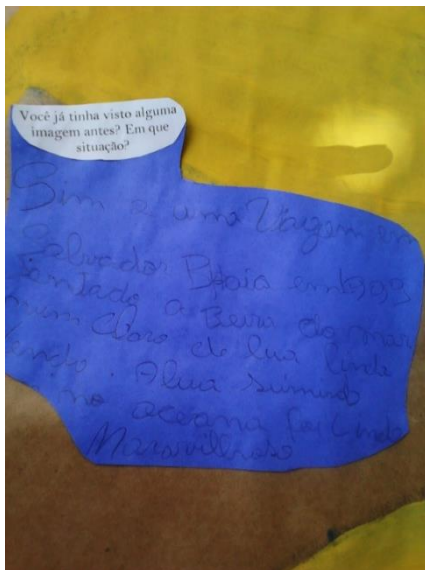
Nesse instante, o homem de toca se aproxima de nós, enquanto falávamos da moto.

*Me sinto andando num deserto de Harley-Davidson.
Você dirige moto?
Já me quebrei todo.
E tu, qual gostou mais?
Daquela da moto e da que a lua tá sumindo no oceano.*



Fotografia 42 – **Dos afetos do homem de toca.**

Fonte: arquivo pessoal.



Fotografia 43 – **Sobre a lua sumindo no horizonte.**

Fonte: arquivo pessoal.

O homem de toca falou novamente de sua paixão por filmes, o que eu já havia percebido na primeira vez que fora ao ateliê. Ele era um daqueles participantes que faltava muito pouco enquanto eu havia pertencido àquele local. Ao lembrar de um filme, ele citou um deserto sem fim, aquela sensação de que a estrada não acaba nunca. Já ao falar da lua, disse que ela some no oceano. Com suas palavras, ele falou de seus afetos e também de seu olhar ao infinito enquanto uma potencialidade, que ora não tem fim, ora faz a lua sumir.

O senhor simpático ficou o tempo todo por ali, e cada vez que eu passava por ele, abria um sorriso e me falava alguma coisa:

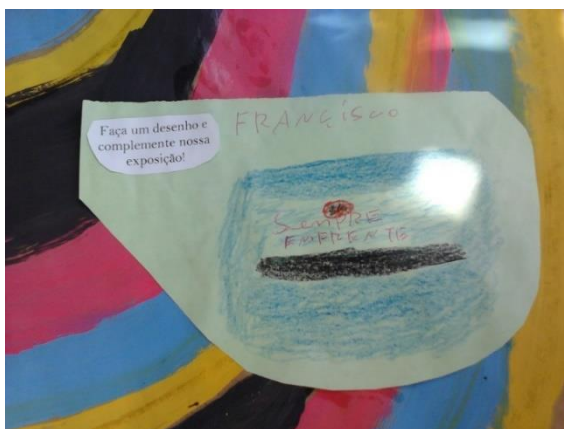
Essa “Sempre em frente” é bonitinha, né?



Imagem 23 – **Sempre em frente.**

Fonte: acervo pessoal.

Ao expor seu interesse por essa imagem, falei que ele poderia deixar um desenho ou alguma coisa escrita sobre o motivo pelo qual ele havia achado essa imagem bonita. E assim, ele me deixou este desenho:



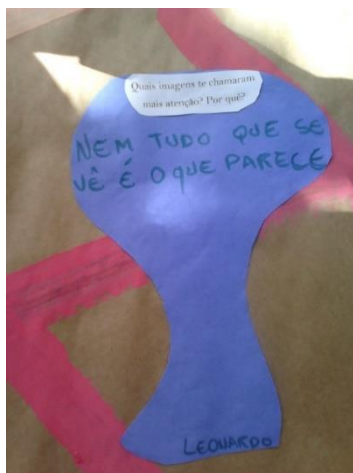
Fotografia 44 – **Sobre o senhor simpático.**

Fonte: arquivo pessoal.

Passado algum tempo, vi o senhor de toca, o senhor simpático e o rapaz indiferente sentados numa mesa. Perguntei a eles que título dariam à exposição, e eis que o rapaz indiferente imediatamente respondeu:

Translucidez!

Porém, quando pedi, então, que registrasse, ele deixou esta mensagem:



Fotografia 45 – **Nem tudo o que se vê é o que parece.**

Fonte: arquivo pessoal.

Assim, “se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade”¹³⁷. Enquanto isso, na pintura...

Como que está a pintura?

Isso aqui tá bem parecido com aquele relógio.

Por que você achou parecido?

Por que ele roda assim, tá ligado? Começa pequeno, vai rodando e aumentando (fazendo gestos com as mãos).

¹³⁷ LARROSA, 2001, p. 8.

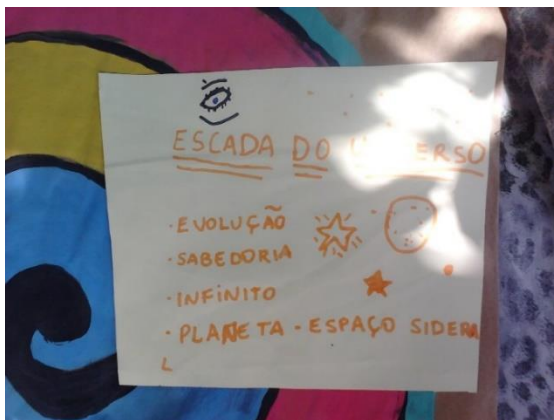
Quase ao final das atividades, vi um rosto diferente olhando imagem por imagem com muita calma, era o homem atencioso, a quem me dirigi e perguntei:

E aí, gostou das imagens?

Gostei, são bem legais.

Quais você gostou mais?

Sempre em frente.



Fotografia 46 – **Escada do universo.**

Fonte: arquivo pessoal.

Qual é a ideia de infinito que circula nesse seu desenho?

A ideia de evolução, de estarmos em busca da espiritualidade, dos valores morais. Estamos sempre em busca dessa evolução, né?

Espiritual, moral. Estamos aqui pra aprender, pra passa o conhecimento, passa que existe uma vida além dessa vida, né. Que Deus habita dentro de nós, Ele está sobre todas as coisas, Ele rege, não fazemos nada sem o consentimento dele. Se tiver que cair uma folha, apaga uma estrela Ele que intervém, Ele tá presente. Ele é o mestre criador de tudo, criou a terra. Não precisamos ir longe porque Deus tá dentro da gente. Às vezes, a gente procura, procura, procura Ele, a vida, né? Nossa vida é que mostra que Ele realmente existe. Nós temos que senti, ama Ele sobre todas as coisas. Amar o próximo como a ti mesmo. Somos nós que nos afastamos dEle e não ele de nós. Ele é bondoso, justo, correto. Nós que se afastamo dEle. E Ele tá sempre do nosso lado, não

abandona ninguém. Quando uma ovelha se desgarrar d'Ele, Ele se preocupa, que botá de volta no rebanho. Independente de quem quer que seja.

Em seguida, o rapaz indiferente, e que me pareceu ouvir de longe a conversa (não se mostrando tão indiferente quanto pensei), me chamou para falar que ele tinha uma ideia diferente, não tão baseada em Deus.

Minha ideia é diferente talvez.

Meu ponto de vista é outro.

Eu acredito na ordem natural dos fatos.

Como assim?

Na ordem natural dos fatos, né. Os animais, eles seguem a ordem natural dos fatos. O ser humano... o ser humano, já acho que é a nossa natureza, sabe... se o ser humano fosse uma máquina, se o mundo fosse uma máquina, qual peça seria o ser humano? Qual órgão seria o ser humano? O que seria o ser humano? Onde ele vai, ele destrói... Mas infelizmente essa é nossa natureza, né?

Cada um é que tem que fazer sua parte, né?

Os animais, por exemplo, eles possuem uma língua universal.

Você acha?

Eles se comunicam entre eles, eles se entendem. Pode ver que o ser humano não, ele não consegue conviver, ele não respeita essa ordem, por isso que acontecem certas coisas por aí.

Diferentes formas de pensar, diferentes formas de olhar, diferentes formas de se afetar e ser afetado. Não tenho a intenção de julgar pontos de vista, entendimentos acerca do infinito ou de modos de olhá-lo, muito menos impor algum entendimento. Até porque “a regra universal, ao pretender englobar a totalidade dos indivíduos, comprometendo-os com a obediência, simplesmente inviabiliza o contato com a diferença e com a criação de novas possibilidades de existir”¹³⁸. E esta pesquisa, em seus movimentos e encontros, busca uma nova possibilidade de existir, em que “as imagens são os lugares onde se põe em prática modos de pensar, onde se exercitam visualidades”¹³⁹.

¹³⁸ MANSANO, 2009, p. 114.

¹³⁹ FLORES, 2015, no prelo.

Por isso, cartografar essas visualidades

é um convite a adotar uma certa maneira de estar no mundo, de habitar um território existencial e de se colocar na relação de conhecimento (...) todavia, a recusa da crença num sujeito e mundo dados não é de modo algum trivial. Assumir essa postura requer uma virada, uma reversão da atitude naturalizada e que exige, em princípio, um esforço.¹⁴⁰

E que esforço! Habitar esse lugar, tão estranho a mim, me afetou de várias maneiras, e entre elas, compartilho esse modo de olhar ao infinito, que passa pela evolução e busca pela eternidade de uma maneira bem singular. Da maneira daquele grupo!

O homem atencioso me falou, ao final:

*Muitos pintores, muitos músicos são inspirados pela espiritualidade, né. Você tem o dom, mas tudo tem um toque de Deus, né. Você acha que está fazendo sozinho, mas a obra é inspirada pela espiritualidade.
Deus dá o dom.*

Às vezes, a leitura de fragmentos insiste em nos confundir, em nos jogar de uma história à outra de forma drástica, deixando-nos perdidos. Poderia ser um problema de escrita talvez, mas registro que o que você sentiu nesse jogo de olhares ao infinito foi exatamente o que eu senti lá, na maior parte do tempo. Uma menina que falava do infinito e que também se fragmentava. Assim, “as experiências vão então ocorrendo, muitas vezes fragmentadas e sem sentido imediato”¹⁴¹.

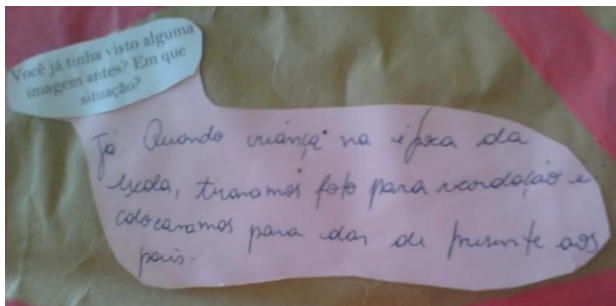
“Cartografar é uma aposta na experimentação do pensamento e um método que não é para ser aplicado, mas experimentado e assumido como atitude pelo pesquisador”¹⁴². Entrar em contato com o diferente... Experimentar o pensamento... mas o que é pensar? “Se constitui em um ato criativo produzido na

¹⁴⁰ PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2012, p. 202-203.

¹⁴¹ KASTRUP, 2012, p. 39.

¹⁴² PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, op.cit., p. 10-11.

perturbação”¹⁴³. Forças nos afetam, nós produzimos forças que afetam, é um movimento entre, onde é possível criar uma rede de pensamentos e experiências.



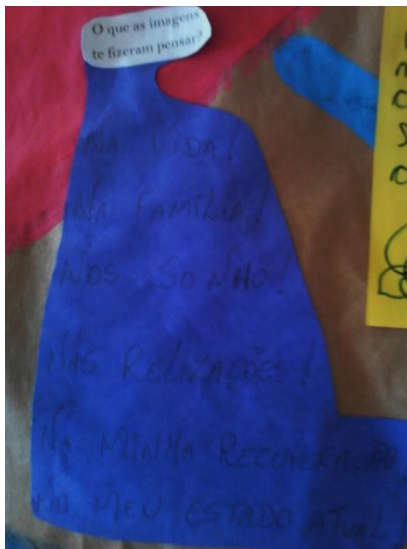
Fotografia 47 – Nostalgia.

Fonte: arquivo pessoal.

O espaço performatizado também gerou curiosidade, nostalgia, como nos diz a fotografia acima, e vários modos de olhar ao infinito. São os afetos e as experiências de cada um que vêm à tona, mesmo que fragmentados. Pois a imagem, “ao ser tocada naquele que vê, ela afeta o corpo de maneira intensa, levando-o a problematizar, questionar, enfim, a falar sobre verdades marcadas em formas de pensamento [...] formas de pensar matematicamente”¹⁴⁴. Assim, os olhares vão sendo produzidos e reproduzidos nessa trama de monóculos.

¹⁴³ LEMOS, ROCHA, 2012, p. 183.

¹⁴⁴ FLORES, 2015, no prelo.



Fotografia 48 – **Sobre o que as imagens fizeram pensar.**

Fonte: arquivo pessoal.

As imagens dos monóculos me pareceram forçar um discurso sobre o desejo de mudança de cada um ali naquele espaço. Falavam sobre evolução espiritual, evolução cotidiana para ficar longe das drogas, num sistema de encontros e velocidades, de intensidades afetivas entre eles.

Muitos falaram e desenharam uma escada de evolução. E, a meu ver, essa evolução me diz de um olhar ao infinito específico daquele grupo. Lutar dia após dia para ficar longe das drogas. Potencialmente! Criando uma subjetividade visual¹⁴⁵ própria. Desta forma, não apenas a intervenção ressignifica o espaço no qual se insere, mas também é por ele ressignificada.

¹⁴⁵ Idem.

OLHARES NO ARCO-ÍRIS

“Para pesquisar é preciso acompanhar deslocamentos, mudanças. Talvez pousar nos movimentos, discernir como surgem articulações e como o social, como um verbo, vai ganhando corpo no mundo através do trânsito entre múltiplos afetos”¹⁴⁶.

07 de outubro de 2014. O ateliê de artes ocupava novos espaços ao iniciar a semana de comemoração¹⁴⁷ ao Dia Mundial da Saúde Mental. O dia começou exigindo bastante esforço físico. O espaço do Instituto Arco-íris, infelizmente, precisava urgentemente de reparos. Quando entrei fiquei assustada ao ver aquelas paredes literalmente se desmanchando. Foi quando entendi porque Marion havia planejado forrar as paredes com tecido colorido.

Na parte da manhã, juntas, iniciamos a organização do espaço. O homem solitário, que já estava lá, nos ajudou segurando a escada para fixarmos as faixas de tecido na parede. Foi um trabalho árduo, e conforme o grampo prendia o tecido, parte do reboco da parede cedia e caía no chão. Separamos as mandalas produzidas pelos participantes para fixá-las com alfinete no próprio tecido.

Minha proposta, nesse dia, era montar do lado de fora do instituto um labirinto em formato espiral, onde seriam fixadas várias imagens com potencialidade de pensarmos o infinito. Assim, uma estrutura foi pensada. Juntei, no condomínio onde moro, vários galões de água cheios de areia que a Marion havia providenciado. Enchi um por um e, ao final do décimo quinto galão, não suportava mais de dor nas costas. Dentro de cada um colocamos varas de bambu de mais ou menos dois metros de comprimento. Feito isso, organizei-os na rua em forma de espiral. Faltava prender o tecido que comporia o labirinto, mas, ao prendê-lo na primeira vara, desanimei ao perceber que a areia colocada nos galões não seria suficiente, e que sendo assim, o vento iria derrubar tudo.

Vendo minha aflição, Marion propôs que organizássemos um local dentro do instituto para que o labirinto fosse montado. Nesse mesmo momento convocou alguns participantes que ali estavam para me ajudar.

¹⁴⁶ BARROS, 2013, p. 49.

¹⁴⁷ A programação da Semana da Saúde Mental encontra-se no Anexo C.

Montado o labirinto, colocamos¹⁴⁸ as imagens de forma aleatória com alfinetes. A programação nesse dia era para que começássemos às 14h, mas como alguns participantes já estavam ali, e outros vieram e saíram, iniciamos as atividades do ateliê, sendo que uma das propostas era passar pelo labirinto.

Marion pediu para que todos formassem um círculo. Inicialmente ela agradeceu à presença dos oito participantes e das demais pessoas que estavam ali. Depois, falou da proposta, salientando que havia sido feita com muito carinho e que se tratava de uma atividade interativa.

Quero fazer um convite especial para que vocês entrem na obra pensada pela Cássia e que foi executada por todos nós. Todo mundo ajudou. Ia ser ali fora na rua e agora está aqui dentro. Então, assim, um convite para que cada um entre devagarzinho, olhe cada imagem. E eu lanço uma pergunta: Qual imagem que mais te tocou (batendo no peito), qual imagem que mais te atravessou, qual imagem que você pode sair dessa exposição e falar assim, eu me lembrei dessa imagem, alguma coisa da tua vida que você ligou a ela. Então, tem uma mesinha ali do lado para vocês deixarem uma partilha, colocarem no papel uma palavra, um sentimento sobre a imagem que vocês escolheram. Tá bom?

E assim, um a um, eles foram entrando no labirinto...



Fotografia 49 – **Labirinto de imagens.**

Fonte: arquivo pessoal.

¹⁴⁸ Nesse dia, Thaline e Piersandra, integrantes do GECEM, me auxiliaram na montagem.

Depois de alguns minutos, entrei no labirinto também...

Alguma imagem te chamou mais atenção?

A santa ceia.

É? E o que ela te fez pensar?

Em coisa boa.

Alguma outra?

Aquela lá também, da Monalisa. Ela tá sorrindo.

Você vê alguma semelhança entre elas?

Tá séria e sorrindo ao mesmo tempo, tipo eu, assim, que mudo de uma hora pra outra.

O homem de humor instável, inicialmente descreveu como ele via a Monalisa, e depois, o seu modo de ser. A imagem fê-lo pensar no seu próprio comportamento. Nisso, outro senhor comentou acerca de outra imagem:

Me remeteu, assim, a um estado intermediário entre a terra e o céu, um coisa bem... nem um santo e nem pecador, sabe uma coisa... um abstrato... bem interessante...

E tem alguma outra que te deu essa impressão?

Não. Por enquanto só esta. Bem bacana... vou ver as outras.

Ok. Fique à vontade.

Esse participante era bem engraçado quanto ao seu modo de falar, além de muito simpático. Mas o que dizer sobre o seu intermediário, abstrato? Outro homem mais jovem me apontou a imagem de um relógio:

Essa aqui.

Essa aqui? O que tem de interessante nela?

Ela representa o tempo, assim, a hora.

Você acha que está marcando algum horário aí?

Tá marcando aqui (apontando para o número doze) meio dia e (apontando para o seis) seis.

E nesse aqui de dentro?

É o mesmo.

E no outro lá dentro?

É o mesmo.

E você consegue ver mais algum?

Consigo. É o mesmo.

É o mesmo?

É. Então, a nossa vida é um relógio, né. Nossa vida corre como o relógio corre. Se você ficar parado é como o relógio, se você tirar a pilha dele, ele fica parado.

Tem alguma outra que também te chamou a atenção?

A santa ceia.

Por quê?

É a união de Jesus com os seus discípulos, né. Ainda que mostre aqui o Judas que vai trair Jesus. É a vinda de Jesus na Terra para pagar pelos nossos pecados.

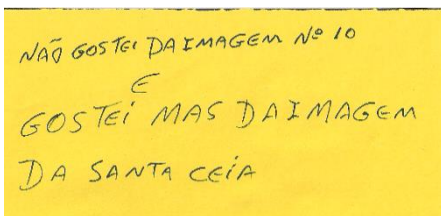
E você viu alguma relação entre as duas?

Vi.

O quê?

A ideia foi que Jesus estava esperando a hora dele chegar para ir pro lado do Pai, né. Quando a hora dele chegou, ele reuniu os seus discípulos e avisou: ó, aqui vai ser a última vez que vou tá com vocês. Depois daqui eu vô e vocês vão ter que se virá. Foi onde se tocaram e aí saíram pra pregar o Evangelho.

E depois, ao me aproximar de outras pessoas:



Fotografia 50 – **O repúdio.**

Fonte: arquivo pessoal.

Qual imagem

gostaram mais?

Eu não gostei foi daquela ali (referindo-se à imagem de Cézanne, The Large Bathers).

Você não gostou

daquela lá? Por quê?

Dá a impressão do fim do mundo, sei lá.

Fim do mundo?

Perdição. Festejando e tudo caindo. Eu não gostei. E olha que gosta, eu gostei de todas, a única que não gostei foi essa aí.



Imagem 24 - **The Large Bathers**, 1900-05.

Fonte: www.wga.hu

Ao sair do labirinto, o homem incomodado pela imagem registrou:

E o conjunto das imagens o que fizeram vocês pensarem?

Numa paz, né?

Paz?

Tem tanta coisa que a gente não conhece, né?

Tem uma especial que é a santa ceia.

Ela te faz lembrar algum momento?

As pessoas tudo junto. Uma paz. Um encontro.

A vida é um relógio, disse o rapaz do meio-dia, e Jesus aguardou a sua hora. Outro participante, o qual eu chamei de homem que busca paz, propôs sentimentos de paz e de encontro, ao falar das imagens. Cada qual, ao seu modo, foi tocado por aquelas imagens. E, sem expor explicitamente um olhar ao infinito, novamente me provocaram uma ideia bem recorrente acerca dos que ali passavam. Um olhar ao infinito que se diz potencial, pois cada segundo, cada minuto, sugere a potencialidade da vida. Uma vida onde eles buscam paz. Uma paz que, muitas vezes, é reforçada na eternidade da vida, em um infinito que, algum dia, aprendemos a chamar de absoluto. Um infinito absoluto que se ressignifica pelos afetos de cada um que se permite tocar.

Logo, outro participante comentou:

Achei curioso que tem imagens surreais, junto com imagens religiosas, com abstratas... bastante Escher.

Você conhece Escher?

Conheço. Já reconheci aqui, lá (apontando algumas obras).

E tem alguma ideia que perpassou todas elas?

Dele com as outras?

Não. A ideia dele mesmo.

Uma ideia de padrão, principalmente nessa aqui. Não tem aquela clássica da mão, né? Lembra? Uma mão desenhando a outra (tenta fazer com as suas mãos a imagem). Qual que é a ideia do infinito? Que tipo, dá de ver Escher, infinito e religião.

Entre essas três situações que tu levanta, não tem nenhuma ligação pra ti?

*Talvez transcendental, talvez. Todas transcendem a realidade sensorial, assim. A religião, o quesito espiritual transcende, assim, sei lá, essas coisas mais sociais, a ideia de Deus. O Escher transcende tipo... as formas, o delineamento das coisas e o infinito transcende a própria realidade das coisas...
pensa assim...*

Você consegue pensar o infinito?

Então, aí que tá, né? (risos). A gente acha que pensa sobre o infinito, mas nunca chega, né? (risos, novamente). Agora, as de religião, ali o infinito é meio complicado.

Ah, é?

Ah, essa aqui é clássica!

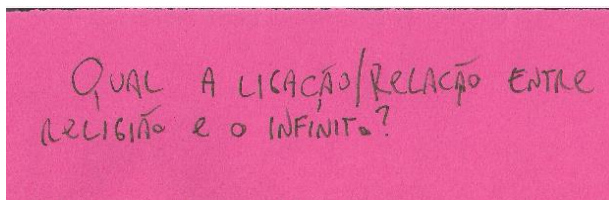


Fotografia 51 – **Sem começo ou fim.**

Fonte: arquivo pessoal.

*Você não vê onde que começa e onde termina. Também a ideia do infinito. Agora, religião com infinito, tu me pegou. Qual que é a tua ideia (risos)?
Quero saber a sua (risos)!*

Na saída do labirinto, coloquei uma mesa com folhas e canetinhas coloridas para que registrassem um pensamento acerca do que havia ficado das imagens. Muitos registraram e saíram dali sem que eu pudesse conversar com eles. Mas, acredito que a mensagem do rapaz que conhecia o Escher, não poderia ser outra:

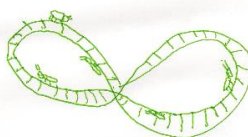


Fotografia 52 – **Religião e infinito?**

Fonte: arquivo pessoal.

*ME SINTO L FORMIGA COM O NINHO DESTRUIDO
E HOJE RECONSTRUINDO MINHA VIDA.*

Marcio A.W.



Fotografia 53 – **O ninho destruído.**

Fonte: arquivo pessoal.

Não sei se pelo cansaço da montagem em si, ou se pela ajuda dada para armar o labirinto sem as imagens, mas, ao final, senti que muitos participantes passaram rapidamente pelas imagens, isto é, não se deixaram tocar ou não se permitiram experimentar e conversar.

Nesse dia, saí do instituto um tanto desanimada, pensando que minha proposta não os havia tocado. Sabia que isso poderia acontecer, mas sempre pensamos e torcemos para que “dê certo”.

Na quinta-feira da mesma semana houve uma oficina para pintar mais mandalas, da qual participei. E, para minha surpresa, alguns participantes haviam chegado com um psicólogo, indo direto à instalação. Prontamente, Marion os reuniu em círculo para explicar do que se tratava:

A proposta, o convite, seria que vocês entrassem nesse labirinto e olhassem com carinho cada imagem, com atenção, pois, trata-se de uma pesquisa sobre que imagem mais tocou vocês...

Nisso, um participante a interrompeu, dizendo:

*Eu já digo. Aquela cinco ali já me tocou.
Vamos entrando devagarzinho, então?*

Nesse momento senti que, diferentemente do grupo anterior, eles tinham um brilho no olhar, uma curiosidade de entrar logo para ver as imagens. Assim, procurei me aproximar para saber por que a imagem cinco havia chamado a atenção daquele homem desenvolto que, tão prontamente, se dirigiu a ela.

*Você disse que já sabia qual imagem te tocou mais...
É, eu olhei e já me chamou a atenção.*

E por quê?

*Porque vi a expressão das pessoas. É pessoas ou anjos. Não,
mas aquele ali é Jesus Cristo.*

Qual deles é Jesus Cristo?

O da direita ali, sentado. Me chamou muita atenção.

Mas tem alguma coisa em especial...

Não, eu bati o olho e gostei muito. Chamou atenção direto.

***E se eu pedisse para você descrever ela, como você
descreveria?***

*Jesus ali embaixo conversando com algum anjo. Na
realidade, é um anjo porque aquela sombra lá é uma asa.*

E além dos dois personagens, o que tem?

A paisagem lá no final.

Final?

É, bem lá na janela, naquela saída ali.

Há uma luz no fim do túnel.

Esse túnel tem fim?

Esse túnel não tem, é infinito. E tem outra que me chamou a atenção. Que nossa amizade seja infinita. Porque é o que o pessoal aqui tá precisando, né.

Todos nós, né?

Pra gente que faz tratamento, na sociedade a gente é louco, né.

Infelizmente.

Temos que mudar esse pensamento!

É, mas as duas que me chamaram mais atenção foram estas. A dos apóstolos lá, eu já conheço.

Você já tinha visto em algum lugar?

Já, é um quadro que me acompanha desde

a infância. Ah, e que seja infinito o que nos faz bem também.

Por quê?

Porque a pessoa tem que procurar se afastar do que faz mal, o que é ruim, tu te afasta. Porque se tu continuar perto de uma pessoa que vai te fazer mal, vai fica poluído, entendeu? Então, nada melhor que boas amizades.

E conversando com o grupo ao lado...

E aí, gostaram das imagens?

Oh, muito legais.

E qual delas chamou mais a atenção de vocês?

Pra mim aquela lá, ó.

A colorida ali?

É.

Por quê?

Sei lá, tem a ver com a lavoura, energia eólica, transmite paz. Um lugar tranquilo.

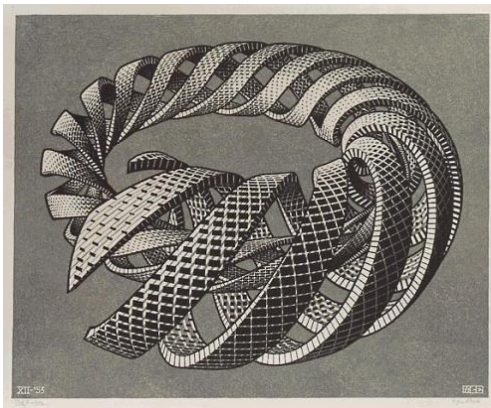


Imagem 25 – Espirais.

Fonte: www.mcescher.com

Ao me falar tudo isso, ele fazia gestos com as mãos incessantemente, como se indicasse algo que continua, que vai além.

E por que você faz assim com a mão (tentei imitá-lo)?

Sei lá (risos). Eu que vô sabe. Ninguém sabe. Garanto que nem você sabe (risos)!

Parece uma plantação de flores, né? Tu falô da Holanda.

E você qual gostou mais?

Das que impressionam.

Qual te impressionou mais?

Essa que parece um anel, né?

Um anel? Esses de pôr no dedo?

(Silêncio)

Você acha que ele tá perfeitoinho, todo fechadinho?

É arte abstrata, né?

Abstrata?

É. Não é abstrata?

Por que você acha que é abstrata?

Porque ela não representa uma figura que seja vista.

Algum tempo depois, voltaram a falar da imagem da anunciação:



Fotografia 54 – **Diretamente ela.**

Fonte: arquivo pessoal.



Imagem 26 – A **anunciação**, 1502-03.

Fonte: www.wga.hu

*Mas a mais linda é aquela lá, ó.
Tu bateu o olho e já gosto, né?
(diz o participante ao lado)*

Diretamente ela.

Por que tu gosto?

Olha, Jesus Cristo ali e um anjo chegando na terra avisando que tem alguma coisa errada. Mas lá em cima tem alguém olhando também. Mas ele quase não aparece, só Jesus que aparece.

Nesse momento, fui chamada pelo homem dos gestos.

Qual o motivo do tema aqui, gira em torno do infinito, infinito, infinito (fazendo movimentos circulares com o dedo)?

Você acha que gira em torno do infinito?

Sim, porque a maioria das coisas representa o infinito ou tem a palavra infinito.

Aquela que você gostou te faz pensar no infinito, então?

Não sei, pra mim interessou aquela por ser campo aberto (novamente fazendo gestos amplos com as mãos). Alguns dizem que o universo é infinito, mas não é infinito.

Você acha que o universo é finito?

Na verdade, ele é tão grande que a gente não consegue chega lá (risos)!

Eu gostei daquela pintura da santa ceia. É a santa ceia, né?

Sim.

Só que tem uma coisa errada, naquela época não existia mesa, as pessoas sentavam no chão. E elas não posaram pra foto

que nem tá aqui (risos). Todo mundo de um lado da mesa pra foto. Até porque não existia máquina fotográfica. É só, tipo assim, uma ideia do pintor, mas, tipo assim, ele não pesquiso a época pra pinta, porque se pesquisasse, ele teria pintado as pessoas sentadas no chão.

Você acha que ele não foi realista, então?

Acho que não. Se ele quisesse retrata a realidade, teria pintado as pessoa no chão em torno de onde estavam os alimentos.

Quantos apóstolos têm aí? Conta aí. Conta aí.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, seis... sete, oito, nove, dez, cadê os outros? Tá faltando.

Quantos são?

É pra ser doze, né. Porque a santa ceia seria antes da traição, então, antes da indicação do traidor tinha doze, logo em seguida à indicação do traidor, um se retiro.

Depois disso, eles se dirigiram para outro bloco de imagens onde estava uma participante mulher. Ela nada falava, alguns perguntavam alguma coisa e ela desviava o olhar e ia para outro lugar. Ela olhou calmamente cada imagem, tocando-as com carinho, como nenhuma outra pessoa havia feito.



Fotografia 55 – **A mulher do silêncio.**

Fonte: arquivo pessoal.

Isso parece o símbolo do infinito, o oito deitado, né? É um relógio retorcido.

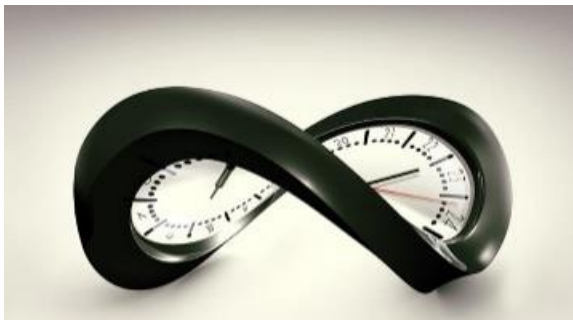


Imagem 27 – **O relógio retorcido.**

Fonte: acervo pessoal.

Gostei dessa do lado.

É, pai e mãe são infinitos, né?

Você gostou dessa?

(Gesto afirmativo com a cabeça)

Pra quem tem, né? Têm muitos que não são pai. Têm uns que fazem filho e ó (gesto de sumiço com a mão)... largam no mundo.

Mas também tem aqueles que acolhem, né?

É... mas isso é muito difícil hoje em dia. Têm pais, hoje em dia, que estão em situação precária, né, aí tomam o lugar de pai e fazem coisa errada, né. Nem tudo o que a gente vê é bom. Às vezes, o olho e o coração se enganam.

O pensamento que a imagem havia provocado no homem sofrido me pareceu ter algo a ver com ele. Algo em seus olhos, que lacrimejavam, me fizeram sentir isso. Naquele momento fiquei sem chão e tentei falar algo positivo, mas acho que isso não ajudou. No

entanto, posso dizer que aquela situação produziu “efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no

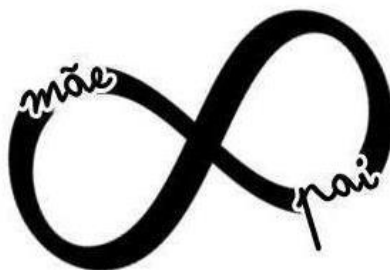


Imagem 28 – **Pai e mãe são infinitos.**

Fonte: acervo pessoal.

que eu quero, etc”¹⁴⁹. Nisso, o homem dos gestos me chamou para contar uma história:

Tem uma história, não sei se é verdadeira, da Monalisa, que o pintor usou os traços do próprio rosto pra pinta a Monalisa. Não sei se é verdadeira a história. É um boato que escutei uma vez aí, que ele uso os traços da própria feição e fez a Monalisa.

Por fim, convidei-os para deixar um pensamento, uma frase, um desenho de qual imagem ou imagens haviam marcado mais e por quê? O que sentiram ao vê-las? Havia algumas folhas e canetas coloridas para os registros, os quais foram colados depois em um grande cartaz que já estava sendo produzido na oficina de monóculos, na própria sede do CAPS. Em seguida, um dos participantes salientou:



Imagem 29 – Flores, criação de Deus.

Fonte: acervo pessoal.

É que na hora não tinha visto essa aqui (apontando para uma imagem atrás dele), porque essa aqui eu também gostei bastante. Aquela lá, é porque tipo assim, tem mais a vê com realidade (apontando para o campo de tulipas), mais coisas realistas, parece até uma foto. São tulipas, flores, criação de Deus, maravilhas que Deus criou. Energia eólica, tecnologia. Dá pra falar um monte de coisa...

¹⁴⁹ LARROSA, 2011, p. 07.



Fotografia 56 – **Para dizer dos afetos.**

Fonte: arquivo pessoal.

Enquanto alguns escreviam na mesa, outros retornavam ao labirinto. Outros sentaram em uma cadeira dentro do próprio labirinto para deixar o seu escrito.

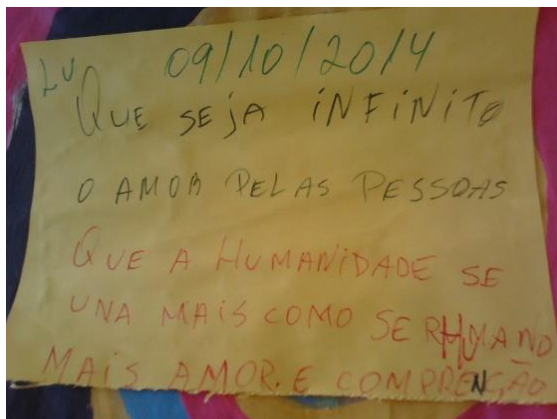


Fotografia 57 – **O registro de dentro do labirinto.**

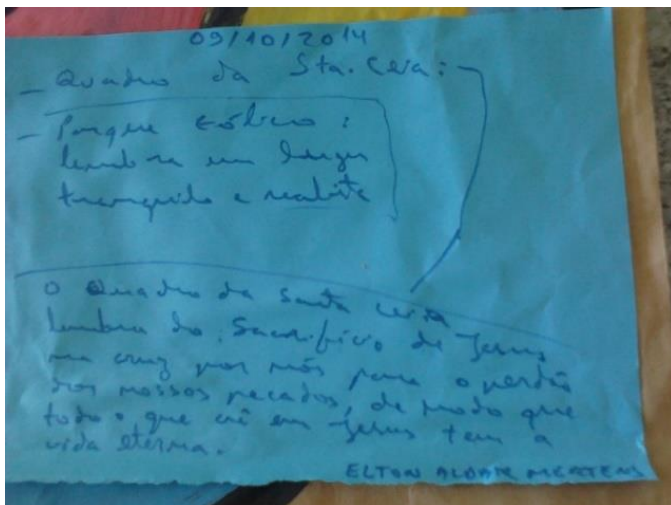
Fonte: arquivo pessoal.

Foi um momento de silêncio, concentrados, eles escolhiam as cores para dizer de seus afetos. E destes, emergem olhares ao infinito. Não tive a oportunidade de conversar com todos eles, apenas com alguns sobre seus registros. Porém, estes também constituem a escrita desta pesquisa. E foram vários deles, com

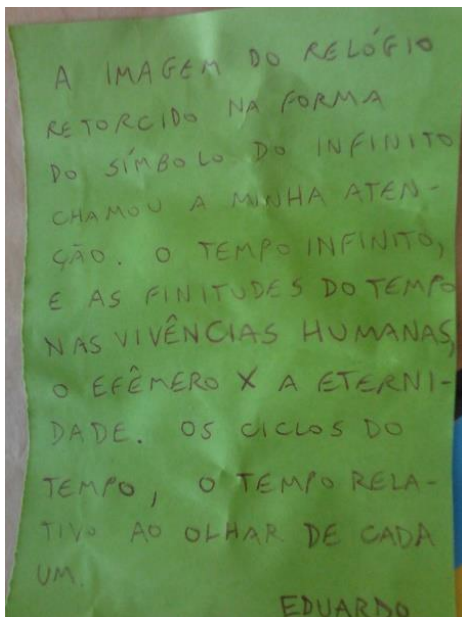
sentimentos, olhares, entendimentos, sensações e informações diversos.



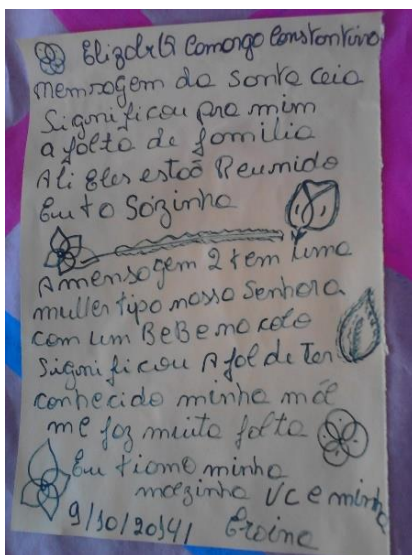
Fotografia 58 – **Que seja infinito o amor pelas pessoas.**
 Fonte: arquivo pessoal.



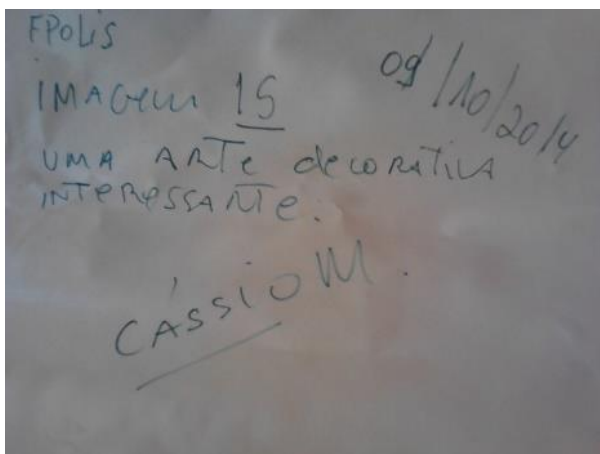
Fotografia 59 – **Sobre a vida eterna.**
 Fonte: arquivo pessoal.



Fotografia 60 – **Efêmero x Eternidade.**
Fonte: arquivo pessoal.

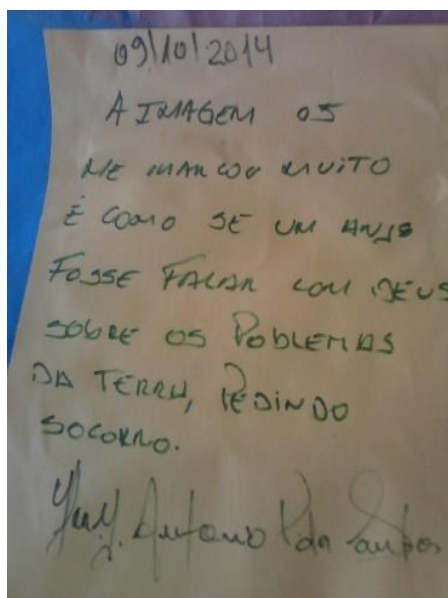


Fotografia 61 – **Sem palavras.**
Fonte: arquivo pessoal.



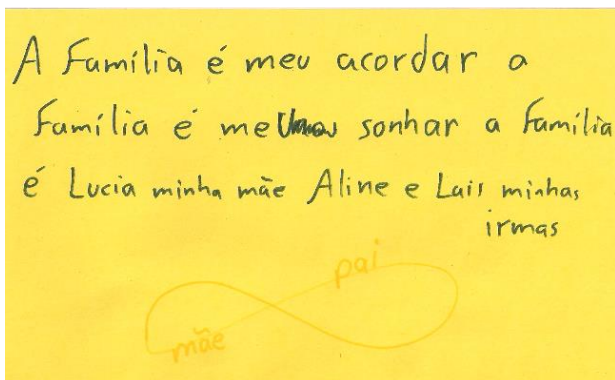
Fotografia 62 – **Arte decorativa.**

Fonte: arquivo pessoal.



Fotografia 63 - **Problemas da Terra.**

Fonte: arquivo pessoal.



Fotografia 64 – **Uma família.**

Fonte: arquivo pessoal.

Após colarmos os escritos no cartaz, o homem sofrido e o rapaz entusiasmado retornaram ao labirinto.



Fotografia 65 - **Mergulhando no túnel infinito.**

Fonte: Arquivo pessoal.

Parece que tem mais branco, né?

Mas tem o cinza também, tu viu? Tem os brancos, os pretos, mas tem os cinzas também. Tu consegue vê esses pequeninhos lá no fundo ou não? (aproximam-se da imagem para tentar ver)

Mas será que chega a algum lugar isso aqui ou não? Acaba um dia ou não isso aí? Acho que não.

Não? Parece um túnel (fazendo um movimento de mergulho na obra). Que bicho é? Lagarto.

Lagartão. Lagarto. Lagartinho (risos). Muito bonito, eu já tinha conhecido o autor que faz esses quadro, é o mesmo daquela obra ali, da água que desce e sobe, que tá ali.

Água subindo e depois tem uma cachoeira ali, um moinho. Onde é que tá o começo dessa cena será (um pergunta para o outro)? Onde que tá começando ali?



Fotografia 66 – **A luz que põe o mundo em ordem.**

Fonte: arquivo pessoal.

(Apenas silêncio)

E isso aqui é o que? É o mar ou um lago?

Isso aí é um mar parado. É o mar morto esse aí.

Mas eu tô vendo ondas aí.

É, tem umas ondinhas. Dá pra surfa

ali (risos).

Parece uma coisa assim, uma luz descendo pra pôr o mundo em ordem.

Isso aí, provavelmente, é o sol que tá passando pelas nuvens.

Tá nublado e o sol tá dando reflexo.

E essa pessoa tá com o que (pronuncia uma frase confusa)?

Fé?

Aí é contigo, tu que decide.

É Deus. É Deus que tá passando ali.

Pode ser.

Pode ser (risos).

O que importa é a imaginação.

Nessa aqui o anjo chega correndo com alguma notícia na Terra (referindo-se novamente à imagem da anunciação). Deus, lá em cima, já tá pronto pro que acontece.

Bem rica tua interpretação, heim?

É. Ó. O anjo vem, avisa Jesus que Deus já tá pronto pra sabê o que que...vai acontece. Esse é um pássaro porque está abaixo da mão de Deus. Ele não tá acima, ele tá abaixo da mão de Deus.

Você acha que tem uma hierarquia?

Não. Mas é que nada vai além de Deus, né. Então, o pássaro tem que ficar na medida certa. Ele não pode passar dessa nuvem, senão ele vai ficar torrãozinho (risos).

E que sensação te passa essa imagem?

Ah, uma sensação muito boa. Dá esperança de vida, né.

Porque sempre tem alguém à nossa volta, a gente pode não acreditar, mas sempre tem alguém à nossa volta, e esse alguém é um anjo que tá sempre falando com Jesus. Ele tá sempre querendo aliviar o que a gente faz de errado. Muitas vezes nos livrando de um assalto, de um acidente, até da morte mesmo. Como já me livrou, sou prova viva disso. Eu já me joguei na frente de vários carros e não morri até hoje. E não foi uma nem duas vezes, foram várias vezes.

Que bom, né amigo, por isso tu tá aqui agora pra conta a tua história, né.

É um sinal que Deus tem um plano na minha vida. Só que não sei o que que é ainda.

Todo dia a gente vai descobrindo!

Por isso Ele diz, né: Não te preocupeis com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã não vos pertence, pertence somente a Mim. Então, eu tenho que agradecer o dia de hoje, que tô vivo, esse sol maravilhoso, e amanhã não sei, né, porque não sei se vô acorda ou vô tá morto.

Mas que bom que agora tu tens amigos, essa também é uma obra de Deus.

É, é uma família que eu não tinha, né. Pra quem tava vazio sem nada.

Tu já fez amizades novas, né?

E amanhã quero fazer mais amigos aqui também (teve outras atividades durante a semana), quero fazer a barba hoje.

Você é estudante de psicologia (o homem dos gestos me pergunta)?

Não, sou formada em matemática.

Matemática (espantado)?

Por isso. Agora entendi o tema infinito, porque é os primeiros símbolos que se aprende na matemática.

Você acha que é por isso?

Não sei, acho que é. Deve ser (risos).

Ao se despedirem:

Lá naquela santa ceia tem muita matemática (diz o homem dos gestos).

O que isso tem a ver com matemática (questiona o homem sofrido)?

Eu que pergunto. O que vocês acham que a matemática tem a ver com isso?

Ah, tem muita coisa.

Então, me conta!

Voltar, pensar, afetar, tocar, olhar... somos constituídos por e de pensamentos, práticas. Pensamentos e práticas matemáticas que nos deixam marcas, as quais reproduzimos e ressignificamos:

O próprio quadro ali já é matemática.

Ah, é? Qual?

(caminhamos mais uma vez em direção ao labirinto)

Esse é uma matemática.

Por quê?

Porque foi desenhado com lagartixas.

E lagartixa tem a ver com matemática?

Não, mas pra desenhar teve que saber o quanto caberia nessa folha aí.

Hum, mas tu acha que ele não poderia continuar desenhando?

Poderia, mas só que ele fez uma conta certa.

Por quê?

Porque ele pinto uma de cada vez, pode vê que nem todas é a mesma quantidade.

Tu acha?

O verde predomina mais, o vermelho predomina mais e o branquinho um pouco menos. No centro da folha, né, porque pra cá tem mais.

E qual outra?

Ah, a maioria é matemática. Essa, por exemplo, foi pintada nos mínimos detalhes.

Você acha a matemática detalhista?

Também é.

Em que sentido?

Ah, matemática é pra tudo, né.

Ah, é?

Sem matemática tu não faz nada. Porque tenho certeza que pra ele pinta uma telinha dessas aqui ele teve que soma alguma coisa. Soma lateral, altura, tamanho, quantos metros a tela é. Então, a matemática predomina sobre qualquer quadro. E se tu não tive a matemática, tu não faz quadro.

Esse aqui também tem matemática?

Tem matemática, tudo bem somadinho, milímetro por milímetro. Essa aí ele uso bem a matemática pra sabê o tamanho do fundo que ele ia fazê.

Você acha que tem fundo nessa imagem?

Tem, mas sem fim.

Tem um fundo...

Mas sem fim (me interrompe). É como se fosse um túnel de um trem, vai-se embora nisso, some.

E essa das lagartixas?

Mais ainda. Tudo tem matemática, não adianta. É quase o mesmo sentido daquela ali. O centro dela, aquele miolinho bem pequenininho lá, ó, aonde ninguém presta atenção, porque só prestam atenção no que é grande, mas o segredo tá lá no miolinho.

Segredo?

Um segredo.

E qual seria o segredo?

Nisso, retornaram ao labirinto o homem dos gestos e o rapaz entusiasmado.

Qual o segredo que tá, aí? Depois que tu me conta não é mais segredo (risos).

E nessas aqui?

Pra ser bem sincero, não vejo nada nessa aí, a não ser o tempo parado.

Parado?

Aqui retorceram o tempo e ele parô. E esse aqui quiseram fazer o modelo novo dele.

Modelo novo?

É, porque na realidade o relógio não tá aqui.

Tá onde?

Tá aqui, ó. Fizeram um caracol dele. E onde que ele está de verdade. Que você fez o contorno e

....

Agora ele tá em toda parte.
Em toda parte?
É, tinha olhado meio por cima aqui, mas ele tá em toda parte. Aqui é o finzinho dele.
Ele tem um fim ali no meio?
Tem, dá pra ver naquela pontinha ali. É, mas ele pode continuar. Fica uma imagem sem fim.
Sem fim?
É, é sempre o meio dela que é o alvo.
Essa aqui vai longe também.
E ela teria um segredo também?
Só sei que ela é muito linda.
Gostou?
Gostei.
Acho o segredo aí (questiona o amigo)?
Sem fim (responde rápido)!
Ah, o segredo é sem fim?
Infinito!

Todos esses fragmentos que, de alguma forma, materializam afetos, fazem da imagem “o lugar por onde se põe em prática, onde se exercitam pensamentos matemáticos, num processo de criação, de invenção, de sensação”¹⁵⁰.

Ao sairmos do labirinto, eu e os três participantes continuamos:

É, sem matemática ninguém faz isso! Por isso que a matemática é muito importante. Se bem que é a matéria mais chata que tem na escola.
Você acha chato?
Eu achava quando eu estudava.
E por que você achava chato?
Porque tinha que fazê divisão. Aí tinha que fazê aquela casinha, baxá o número pra baixo, depois o outro. E eu não tinha muita paciência pra aquilo não. Quando chegava história, geografia, ciências, daí ninguém me segurava.
Hum, bom, fiquem à vontade por aqui.
Tá bom, foi um prazer!
Capaz, o prazer foi meu!

¹⁵⁰ FLORES, 2015, no prelo.

“A vida, enquanto campo de forças, pode ser referida como uma sucessão de acontecimentos — de produções cujos efeitos, por sua vez, corporificam-se ampliando o produzir para as mais diversas formas de relações, afetos, desejos, ideias, expectativas, subjetividades enfim, historicamente datadas”¹⁵¹.

Esse encontro, que novamente havia me fragmentado, potencializou muitos e distintos efeitos que ecoam em diferentes enunciados que dizem dos olhares ao infinito. Para Foucault¹⁵², os enunciados, mesmo que “diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto”. Falamos aqui do conjunto de enunciados que forma nossos discursos sobre os olhares ao infinito. As falas que constituem essa pesquisa não são, necessariamente, os próprios enunciados, como talvez possamos pensar, mas elas dizem a respeito deles, e por isso, os problematizamos. Afinal, “a unidade do discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam, e não pela permanência e singularidade de um objeto”¹⁵³.

Só temos este ou aquele olhar ao infinito porque houve um jogo de regras que os tornou possíveis. Assim, os enunciados, incluindo aqueles relacionados ao olhar ao infinito, pertencem a uma mesma formação discursiva e constituem-se em “coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos e reproduzimos e transformamos”¹⁵⁴.

¹⁵¹ SCHEINVAR, 2012, p. 195.

¹⁵² FOUCAULT, 2012, p. 39.

¹⁵³ Idem, p. 40.

¹⁵⁴ Idem, 1987 apud VEIGA-NETO, 2011, p. 94.

SAINDO DA CASINHA...

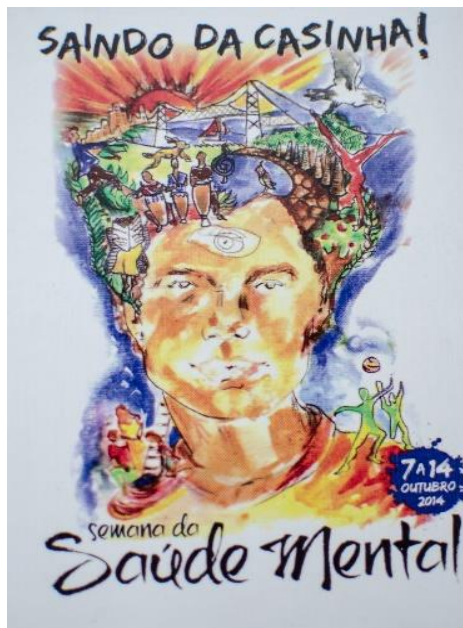


Figura 2 – **Saindo da casinha.**

Créditos: Marion de Martinho.

“Saindo da casinha!”, esse foi o tema da Semana Mundial de Saúde Mental, e eu diria também que se trata de um tema que, de alguma forma, diz muito desta pesquisa. Afinal, saí da casinha, me deparei com a diferença, produzi na diferença, produzi com a diferença.

O pôster de divulgação foi feito pela própria Marion. Nele, várias cores se atravessam, assim como outros pensamentos e olhares possíveis.

A semana encerrou no dia 14 de outubro de 2014. Foi um dia diferente dos demais, com uma proposta diferente das outras. Era o momento de ressaltar qualidades diversas entre os participantes. Por isso, não foi a semana da Doença Mental, e sim, da Saúde Mental.

O dia iniciou com muito empenho por parte da equipe do CAPS e com a ajuda dos participantes que iam chegando aos poucos.

Muitos dos materiais produzidos foram apresentados ao público, inclusive os painéis onde muitos haviam registrado seus

modos de olhar ao infinito. Estes foram expostos logo na entrada do Parque de Coqueiros.

Minha intenção era expor e propor as experiências vivenciadas por aqueles que haviam participado dos ateliês de arte do CAPS também para outros participantes que acorreriam ao lugar.

Aos poucos, fomos organizando o espaço entre os coqueiros. O labirinto em forma de espiral ganhou outra forma devido aos fortes ventos daquele dia. Assim, ele se tornou um grande painel. E junto com as imagens, expomos as fotos do trabalho feito no ateliê de artes.



Fotografia 67 – **Um coqueiro com olhares ao infinito.**

Fonte: arquivo pessoal.

Fotografia 68 – **Outro coqueiro com olhares ao infinito.**

Fonte: arquivo pessoal.

Os monóculos foram tramados no próprio corredor formado pelos coqueiros. Já os quebra-cabeças não tiveram a chance de serem manipulados novamente. Ventava tanto que, mesmo se houvesse alguma proteção, não teria sido possível. Eis algumas das diversas situações inusitadas que um pesquisador pode enfrentar.

Nem tudo estava “pronto”, mas muitos, ao verem a montagem dos monóculos, já se aproximavam. Eles caminhavam pelo lugar, olhavam cada imagem, sendo que um deles pediu se

poderia levar um dos monóculos, pois havia gostado muito dele. Falei que poderia levá-lo se antes me contasse o motivo.



Fotografia 69 – **Uma instalação artística entre coqueiros.** Fonte: Arquivo pessoal.

Esse aqui é o Espírito Santo, tem a pomba no meio, que é o Espírito Santo, né. Aí tem o Pedro, Paulo e a Nossa Senhora.

***E o que ela representa pra ti?**
A mãe de Jesus, que foi quem deu a vida por nós na cruz. Foi uma pessoa que passou aqui na Terra para pagar os nossos pecados e deixar o conservador, que é o Espírito Santo, pra representa ele. Porque a gente tem que acreditar naquilo que a gente não vê e não naquilo que a gente vê.*

Acreditar no que a gente não vê?

Isso. Diz a palavra de Deus que a gente tem que adora o que não vê e não adora imagens. Tem que carrega ele no coração.



Imagem 30 – **Coroação da Virgem de Velásquez.**

Fonte: www.wga.hu

Uma descrição que, em seguida, produziu um entendimento, um olhar, um modo de ser e pensar. Nada da palavra infinito, mas também, já não a buscava mais como antes. Não falo aqui de um conceito matemático explícito, mas de um pensamento matemático¹⁵⁵. Pensamento que se constitui em nossas práticas e que se estabelece como um consenso. E da mesma forma ouvi, ao longe, a voz do senhor simpático:

É tão bonita.

Você gostou?

Bah, linda essa.

O que você está vendo ali dentro, conta pra mim.

Ah, é a ponta da praia mole.

Ponta da praia mole?

Deve ser a ponta da praia mole, pelo que eu conheço de lá.

E você tem alguma lembrança desse lugar pra ela ter te chamado atenção?

Chama atenção pela beleza do local, pela tranquilidade que dá.

E qual é a sensação que te passa?

A tranquilidade, verde, água. Não tem nada melhor.



Imagem 31 – Ponta da Praia Mole.

Fonte: arquivo pessoal.

E você teve alguma que te chamou mais a atenção?

Aquele sol ali (leva-me ao encontro da imagem). Não é essa aqui.

Mas tem um sol muito bonito.

¹⁵⁵ FLORES, 2015.

Você costuma ver o pôr do sol quando pode (enquanto ele reencontra a imagem)?

Eu sim.

E te dá que sensação?

De energia, né.

Descreve pra mim a imagem.

O pôr do sol. Parece no meio do mar, assim, ele tá saindo e se escondendo.

O mar está saindo e se escondendo?

É tá junto com ele, lá fora. Pensei nisso, muito bonito.

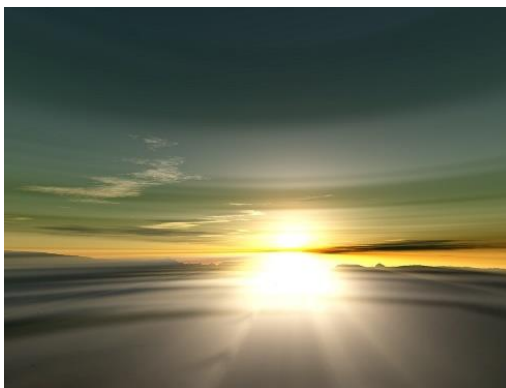


Imagem 32 – **O sol que se esconde.**

Fonte: acervo pessoal.

Próximo dali:

E aí, gostou de alguma imagem em especial?

Ah, sim (silêncio enquanto observa). É bonito.

E o que tem ali dentro?

Ah, um deserto (Imagem10).

Um deserto? E você já se imaginou em um deserto?

Já. Já trabalhei num deserto.

Sério? Fazendo o quê?

Na estrada de ferro.

Hum, mas já faz alguns anos, então?

Trinta anos. No Novo México.

E quando você estava lá que sensação tu tinha?

Sei lá, horrível. O que valia era o dinheiro que a gente ganhava bem...

Nisso, fomos interrompidos para que ele pudesse dar uma entrevista a uma jornalista. Como disse anteriormente, era um dia diferenciado, em que a potencialidade dos participantes era para ser ressaltada e compartilhada. O foco era na saúde mental! No entanto, não foi bem isso que a reportagem focou:

Dependentes químicos ganham dia de tratamento ao ar livre em Florianópolis

14/10/2014 - 20:15 - RIC NOTÍCIAS



Dependentes químicos, pessoas com depressão ou síndrome do pânico tiveram a experiência de realizar atividades ao ar livre nesta terça-feira (14), em Florianópolis, em evento que foi aberto à comunidade. Segundo especialistas, a mudança de ares entretém os pacientes e os coloca em contato com outra realidade, diferente da rotina do vício e de consultas médicas. Além disso, o tratamento alternativo diminui o preconceito que a própria sociedade tem em relação a usuários de drogas e pessoas com problemas psíquicos.

Figura 3 – Reportagem sobre o Dia Mundial da Saúde Mental.

Fonte: <http://ricmais.com.br>

Além do homem do deserto, Marion e outros psicólogos do CAPS concederam uma entrevista à repórter. Porém, uma vez mais, a edição jornalística e o foco dado ao evento deixaram o dia com uma cara de “tratamento ao ar livre”¹⁵⁶.

Em seguida, caminhei para outra direção, a fim de deixá-lo livre para dar a entrevista.

E aí, gostou de alguma imagem especial?

Gostei de todas elas (respondeu empolgado)!

Ah, é? E o que elas te fizeram pensar?

Ah, bastante coisa na vida.

Por exemplo?

Ter mais saúde, mais amizade, mais amor ao próximo.

¹⁵⁶ O vídeo editado das entrevistas pode ser visto no seguinte link: <http://ricmais.com.br/sc/ric-noticias/videos/dependentes-quimicos-ganham-dia-de-tratamento-ao-ar-livre-em-florianopolis/>.

E gostasse de alguma específica?

Não!

Todas?

Todas!

Que bom!

Ter mais... desejamos sempre “fazer algo, produzir algo, modificar algo, regular algo. Independentemente de este desejo estar motivado por uma boa vontade ou uma má vontade, o sujeito moderno está atravessado por um afã de mudar as coisas”¹⁵⁷. Por ali, outro participante, o qual já havia visto no CAPS usando a mesma camisa vermelha, me disse:

Esse aqui é o mar, né?

Ah, é? E você se imagina aí nessa paisagem (Imagem 13)?

Ó, aí eu imagino um monte de coisa, né?

Andando com minha filha e meu neto.



Imagem 33 – **Caminho para o horizonte.**

Fonte: acervo pessoal.

Essa aqui também, vendo o pôr do sol e a lua nascendo. Milhões de coisas! E lá no meio tem uma fresta lá!

Fresta?

É, abrindo caminho pra todos nós, cara.

¹⁵⁷ LARROSA, 2001, p. 4.

Pra ir onde?

Pro horizonte.

Horizonte?

É.

E o que é o horizonte pra você?

É onde eu vejo a natureza... ô, é muito maravilhoso.

Nisso, o homem da camisa vermelha chamou outra pessoa que estava por ali e perguntou, alcançando-lhe o monóculo:

Vê se não tem uma porta aberta... não tem uma porta? É um cordão querendo abrir a porta. Tem ou não tem?

Um cordão? Onde?

Lá na frente assim, no meio da lua, querendo abrir a porta. Uma linha. É um testemunho de Jesus, querendo dizer: estou aqui pra te ajudar...

Apesar de suas palavras um pouco confusas, senti que ele, apesar de sua deficiência em um dos braços, acreditava que Deus tivesse planos para ele, longe das drogas.

E ao caminhar ainda pela trama dos monóculos...

O que estás vendo aí?

Bom... eu sei que não é o número oito sabe, mas me lembra o número oito que é o número da perfeição, né?

Sério?

Não sabia?

Não. Porque ele é o número da perfeição?

Bom, eu vi em algum lugar, talvez num filme sobre a história de um cachorro, um cachorro perdido, assim, que tava sendo transportado num trem sabe? Acho que tu já viu esse filme.

E nele falava sobre o número oito?

É, tinha alguma coisa assim de oriental, do significado do oito.

E qual era esse significado? É interessante!

Hum... (sem saber como me explicar)

E você lembra o nome do filme?

O nome eu não lembro.

É um filme atual ou antigo?

É um filme mais antigo.

E como era o final da história?

*Assim, ó, todo filme de cachorro, assim, né, ele tem um significado muito importante pra nós seres humanos, entende? Uma coisa assim de fidelidade, de amizade, e assim, né, é uma coisa muito pessoal. Eu tenho um cachorro, tenho um cachorro que está machucado,
da raça labrador.*

Que legal! E você acha que essa ideia de amizade, fidelidade tem alguma coisa a ver com o número oito?

Acho que tem, porque o número oito, ele é o número que vem depois do sete, e o sete também tem um significado, né?

E qual é o significado do sete?

Porque o sete é número ímpar, né, então, assim, o sete é o divisor das coisas, entende? Então, por isso o sete tem aquele tracinho ali, sabe?

O sete, sem aquele risquinho ali no meio, é só um símbolo. Cada número tem um símbolo, entendeu? Cada número simboliza, assim, uma coisa que só Deus sabe, é um segredo. Mas aí a gente vai se aperfeiçoando também, né. Acredito que Deus... Ele quer que sejamos perfeitos, iguais a ele.

Você acha isso possível?

Não sei, eu tô... eu tô... desconfiando que tu táis fazendo algum trabalho assim, tu és psicóloga?

Não, sou formada em matemática.

Matemática (me pergunta espantado)?

Aham, por isso também fiquei curiosa quando você disse que cada número tem um significado.

Hum, por exemplo, assim, ó, o número seis, ele também tem um significado, se você virar ele, ele pode ser o seis ou o nove, né?

Entendeu? Mas assim, tudo, tudo, tudo, começa e termina com matemática. Até na própria Bíblia, no Velho Testamento, tem um livro chamado números. Então, Deus, o nosso criador, ele é um grande matemático também, sabe? Tanto é que na própria Bíblia existe um livro, um dos maiores livros que tem na Bíblia se chama números. Assim como tem o livro de Isaías, tem Gênesis, até mulher escreveu na Bíblia, tem o livro de Ester, de Ruth, então, mulher também é importante pra Deus.

E o que conta mais ou menos o livro dos números?

Olha, eu sei que assim, ó, no mínimo, no mínimo tem que existir uma quantidade de pessoas, que quando Deus programou que... menina, eu sou de uma religião que é muito assim, de muito estudo, entendeu? Eu sou cristão, entende? Então, eu tenho um mestre que

ele é muito inteligente, sabe? Muito inteligente. Então, assim, ó, só um pouquinho que eu aprendi com esse mestre, ele já abriu a minha mente de uma maneira que eu tenho a mesma vontade que ele tem de ensinar essas coisas.

Nesse momento, chegou o senhor simpático que eu havia conhecido lá no CAPS.

Oi, oi.

Oi!

Não te vi mais lá no CAPS!

Pois é, é que semana passada eu estava no Instituto Arco-Íris. É, eu não pude ir, eu estava com muitos serviços de jardinagem, e se eu não fosse, ia perde pra outra pessoa, né.

Poder ver, participar, falar e sentir algo diferente do habitual. Foi um pouco disso tudo o que atravessou esses corpos no Dia Mundial da Saúde Mental. Muitos que já haviam experienciado alguma das atividades também voltaram, se afetaram novamente, conversaram comigo sobre o tratamento.

Laços de confiança e otimismo se deram com memórias, histórias e visualidades. Isso tudo faz parte dessa cartografia de olhares ao infinito. Afinal, são esses afetos, forças que nos atravessam constantemente, que reverberam no olhar ao infinito desse grupo. Assim, esta pesquisa “é como uma paisagem que muda a cada momento e de forma alguma é estática”¹⁵⁸.

Senti que o que mais chamou a atenção nesse dia foram os monóculos. Pessoas que caminhavam pelo parque também paravam para olhá-los. Tive a oportunidade de me aproximar de poucos para conversar, afinal, estava sempre de um lado para o outro.

Outras atividades também foram propostas ao longo da jornada, como a caça ao tesouro proposta pela estagiária de educação física, que movimentou de uma forma bem descontraída o grupo. E também as apresentações de dança e percussão.

Foi um dia atípico, de muito entretenimento e de passagens pela instalação da menina que fala do infinito.

¹⁵⁸ AGUIAR, 2010, p. 1.

AINDA PELO MEIO...

Os platôs não acabam, outros poderiam ser produzidos, os mesmos poderiam afetar e serem afetados de outra maneira, mas falamos de verdades-meio.

“Os modos de ser, os desejos, as sensações, as expectativas entendidas como subjetividades historicamente constituídas são produções, muitas vezes apenas perceptíveis em sua singularidade. Entender as práticas é rastrear a historicidade na qual foram produzidas”¹⁵⁹. A provocação instaurada nesta pesquisa, neste *meio*, neste *entre*, entende a história “não como uma história linear, confirmatória [...], mas como a possibilidade de se problematizar práticas emergentes que constituem formas de olhar na educação matemática”¹⁶⁰.

As verdades-meio sobre o olhar ao infinito também se dão historicamente, assim como nossa subjetividade visual¹⁶¹ produzida no cruzamento *entre* forças que exercemos e forças que atuam em nós, produzindo olhares que se transmitem e se conservam, sendo ressignificados por cada um de acordo com seus afetos.

Pois, como dito em outro platô:

um conceito [como conhecimento ou espelho da realidade] não é um ente abstrato com vida própria, não está em algum lugar à espera de ser aprendido, não tem uma essência que se manifesta por meio de diferentes representações. São significados cambiantes produzidos entre pessoas em determinadas práticas culturais.¹⁶²

Destaco aqui, novamente, o que é copresente em outros platôs. Há, de certo modo, entre os participantes do CAPS, um olhar ao infinito ligado à salvação de Deus, da busca, dia após dia, para ficar livre das drogas. Senti que o lugar procura isso, seus afetos dizem disso. Na escola, sem a intenção de fazer uma comparação, mas de ver afetos e subjetividades visuais diferentes, o

¹⁵⁹ SCHEINVAR, 2012, p. 196.

¹⁶⁰ FLORES, 2015, no prelo.

¹⁶¹ FLORES, 2015, no prelo.

¹⁶² BELLO, 2010, p. 523.

olhar ao infinito ficou atrelado aos números, ou a algum lugar distante. Falou-se muito menos em sentimentos, emoções, memórias, afetos. É preciso considerar, então, que um conceito de infinito não é, necessariamente, algo real, abstrato, de pura representação, como muitas vezes pensamos ser. Assim como não vejo a intervenção com os alunos como pura experimentação, mas como um modo de experimentar e de marcar no papel, de um modo mais racional, aquele momento através de seus desenhos.

Desta forma, o que “a imagem com a educação matemática [é capaz] vai muito além das tentativas tecnicistas, psicologizantes e representacionais, quando se cria um universo de sensações que mobilizam o pensamento”¹⁶³. E nesse movimento de produção de dados — em que “produzir é afetar: propiciar um sentimento, criar um objeto, construir um desejo, fazer um movimento, constituir campos de possibilidades”¹⁶⁴ —, o que antes poderia ser tomado como algo sem cabimento, hoje se apresenta a mim como uma experiência de onde saí transformada enquanto pessoa e educadora. Isso porque “há uma forma de lidar com a matemática que, antes de ser conhecimento, é saber de e pelas práticas”¹⁶⁵, em que “nosso olhar matemático é construído em meio a relações de poder, problemáticas sociais e movimentos culturais”¹⁶⁶.

¹⁶³ FLORES, 2015, no prelo.

¹⁶⁴ SCHEINVAR, 2012, p. 196.

¹⁶⁵ FLORES, 2015, no prelo.

¹⁶⁶ Idem, 2013, p. 66.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lisiane Machado. **As potencialidades do pensamento geográfico:** a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul/RS, 2 a 6 de setembro de 2010.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

APM – Associação de Professores de Matemática. **M. C. Escher – Arte e matemática.** Coordenação: Maria Helena Martinho. Grupo de trabalho: Ana Rodrigues, Augusto Barreto, Glória Ferraz, Sandra Martins, Susana Diego e Valéria Silva. Gráfica Covense Ltda. Outubro de 1998.

BERRO, Roberto Tadeu. **Relações entre arte e matemática:** um estudo da obra de Maurits Cornelis Escher. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação. Universidade São Francisco, Itatiba, 2008.

BARROS, Laura. **Movimento sensível e vital:** uma oficina articulando a cegueira com o mundo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

BARROS, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BARROS, Regina. PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BARROS, Maria; ZAMBONI, Jésio. Gaguejar. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Maria; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BELLO, Samuel. Jogos de linguagem, práticas discursivas e produção de verdade: contribuições para a educação (matemática) contemporânea. **Revista Zetetiké**, Unicamp, v. 18, número temático, 2010.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre drogas. **Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. Ministério da Justiça. 6ª ed. Brasília: SENAD-MJ/NUTE-UFSC, 2014.

BURATTO, Ivone. **Historicidade e visualidade: proposta para uma nova narrativa na Educação Matemática**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

COSTA, Luis; ANGELI, Andréia; FONSECA, Tania. Cartografar. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Maria; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. In: **O mistério de Ariana**. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja/Passagens, 1996.

_____. **Espinosa**. Filosofia prática. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DIKOVITSKAYA, M. **Visual Culture**. The study of the visual after the cultural turn. Cambridge/London: The MIT Press, 2005.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**. Tradução de Paulo Polzonoff Jr. et al. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FLORES, Cláudia R. **Olhar, saber e representar: sobre a representação em perspectiva**. São Paulo: Editora Musa, 2007.

_____. Cultura Visual, Visualidade, Visualização Matemática: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Zetetiké**, Unicamp, v. 18, p. 277-300, 2010.

_____. **Visuality and mathematical visualization**: seeking new frontiers. In 12th International Congress on Mathematical Education, 8 July – 15 July, Seoul, Korea, 2012.

_____. Visualidade e Visualização Matemática: Novas Fronteiras para a Educação Matemática. In: FLORES, C. R.; CASSIANI, S. (Orgs.). **Tendências Contemporâneas nas Pesquisas em Educação Matemática e Científica: sobre linguagens e práticas culturais**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

_____. Historicidade e visualidade: novos territórios da educação matemática. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, 11, 2013. Curitiba. **Anais...** Curitiba/PR: XI ENEM, 2013a.

_____. Metodologias visuais: visualidade como ferramenta para a pesquisa sobre visualização e arte na Educação Matemática. In: **Actas del VII CIBEM**, p. 7708-7713. Montevideo, Uruguay, 2013b.

_____. Descaminhos: potencialidades da arte com a educação matemática, no prelo, 2015.

FLORES, C. R.; WAGNER, D. R. Práticas do Olhar na Pintura do Renascimento: Contribuições para a Educação Matemática. **REMATEC**, Natal, ano 7, nº10, jan./jun. 2012.

_____. Um mapa e um inventário da pesquisa brasileira sobre Arte e Educação Matemática. In: **Educação Matemática Pesquisa-PUCSP**, abril, 2014.

FLORES, C. R.; WAGNER, D. R.; BURATTO, I. Visualização na pesquisa em educação matemática: conceitos, tendências e perspectivas. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v.14, n.1, p. 31-45, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **Microfísica do poder**. 25ª ed. Rio de Janeiro. Graal, 2012a.

HECKERT, Ana Lucia. Xeretar. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Maria; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**. A lógica cultural do capitalismo tardio. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

KASTRUP, V. A atenção na experiência estética: cognição, arte e produção de subjetividade. **Revista TRAMA Interdisciplinar**, v. 3, p. 23-33, 2012.

LARROSA. Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Palestra proferida no 13º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, realizado em Campinas/UNICAMP/SP, no período de 17 a 20 de julho de 2001. Tradução de João Wanderley Geraldi.

_____. Literatura, Experiência e Formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 129-156.

_____. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

LAZZAROTTO, Gislei. CARVALHO, Julia. Afetar. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Maria; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LEMOS, Flávia. CARDOSO JÚNIOR, Hélio. Problematizar. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Maria; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LINS. Daniel. Por uma Leitura rizomática. **História Revista**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 55-73, jan./jun. 2010.

LOBO, Lilia. Pesquisar: A Genealogia de Michel Foucault. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Maria; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MACHADO, R. WAGNER, D. FLORES, C. SCHUCK, C. Aporética do Infinito: [des]caminhos na matemática e na pintura. **Alexandria** Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v. 6, n. 1, p. 283-317, abril 2013.

MANSANO, Sonia. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na Contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, 2009.

MEDEIROS, Liliane. **Anamorfofos em formação**: tensionando hábitos e discursos de futuros professores de matemática. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PRADO FILHO, Kleber. Desnaturalizar. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Maria; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROCHA, Jerusa; KASTRUP, Virgínia. Cognição e emoção na dinâmica da dobra afetiva. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 385-394, abr./jun. 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2014.

SCHEINVAR, Estela. Produzir. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Maria; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SCHUCK, Cássia, A. **O olho no infinito ou o infinito no olho? Pensando matemática por meio de pinturas de Victor Meirelles**. Monografia em Matemática (Licenciatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SILVA, José M. R.; BERNUTTI, Maria A. A relação do Cubismo com as Geometrias não euclidianas. **Revista Graphica**, Curitiba, 2007.

SILVA, T. T. Dr. Nietzsche, Curriculista – com uma pequena ajuda do professor Deleuze. In: SILVA, T. T.; CORAZZA, S. M. (Orgs.). **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 35-57.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

WAGNER, Débora Regina. **Arte, técnica do olhar e educação matemática**: o caso da perspectiva central na pintura clássica. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ZAGO, Hellen da S. **Ensino, geometria e arte**: um olhar para as obras de Rodrigo de Haro. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

	Universidade Federal de Santa Catarina Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica	
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO		
Prezado estudante:		
<p>Gostariamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "Práticas de olhar ao infinito em pinturas: tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática", sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbox1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.</p>		
<p>Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPESH/UFSC ((48) 3721-9206, cep@reitoria.ufsc.br).</p>		
Consentimento:		
Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.		
Assinatura do estudante: <u>Emanuel M. Imacio</u>	RG: <u>7.031.191</u>	
Assinatura do responsável: <u>Emanuel A. Imacio</u>	RG: <u>3974102-8</u>	
Assinatura das pesquisadoras: <u>Cláudia Regina Flores</u>	RG: <u>1408882</u>	
<u>Cássia A. Schuck</u>	RG: <u>6097503971</u>	
Florianópolis 25 de novembro de 2013.		



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "Práticas de olhar ao infinito em pinturas: tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática", sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbbox1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPESH/UFSC ((48) 3721-9206, cep@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: Matheus B. Rabelo RG: _____

Assinatura do responsável: Solange B. Rabelo RG: 2305915-0

Assinatura das pesquisadoras: Cláudia Regina Flores RG: _____ 1408882

Cássia A. Schuck RG: _____ 6097503971

Florianópolis 25 de novembro de 2013.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "Práticas de olhar ao infinito em pinturas: tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática", sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbox1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPPIH/UFSC ((48) 3721-9206, cep@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: Barbara O. RG: _____

Assinatura do responsável: Cláudia Regina Flores RG: 4046.518.

Assinatura das pesquisadoras: Cláudia Regina Flores RG: _____ 1408882

Cássia A. Schuck RG: _____ 6097503971

Florianópolis 26 de Novembro de 2013.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "Práticas de olhar ao infinito em pinturas: tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática", sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbox1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPPIH/UFSC ((48) 3721-9206. cep@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: Douglas de Souza RG: _____
 Assinatura do responsável: Juliana M^{te} Mendes RG: 392970-2
 Assinatura das pesquisadoras: Cláudia Regina Flores RG: 1408882
Cássia A. Schuck RG: 6097503971

Florianópolis 25 de novembro de 2013.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "Práticas de olhar ao infinito em pinturas: tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática", sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbx1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPESH/UFSC ((48) 3721-9206, cep@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: Bruno Tolentino RG: _____

Assinatura do responsável: Roberto S. J. J. J. J. RG/CPF 936 941 059.72

Assinatura das pesquisadoras: Cláudia Regina Flores RG: _____ 1408882

Cássia A. Schuck RG: _____ 6097503971

Florianópolis 25 de novembro de 2013.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "Práticas de olhar ao infinito em pinturas: **tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática**", sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbox1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPSPH/UFSC ((48) 3721-9206, ccp@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: Galvina Telo da Saura RG: 7.139.004

Assinatura do responsável: Maria da Glória Telo da Saura RG: 23005947-8

Assinatura das pesquisadoras: Cláudia Regina Flores RG: 1408882

Cássia A. Schuck RG: 6097503971

Florianópolis 25 de novembro de 2013.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “Práticas de olhar ao infinito em pinturas: tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática”, sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbox1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPESH/UFSC ((48) 3721-9206, cep@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: Yelise M. M. RG: _____

Assinatura do responsável: Cláudia Regina Flores RG: 40004550

Assinatura das pesquisadoras: Cláudia Regina Flores RG: 1408882

Cássia A. Schuck RG: 6097503971

Florianópolis 25 de novembro de 2013.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "**Práticas de olhar ao infinito em pinturas: tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática**", sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbx1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPESH/UFSC ((48) 3721-9206, ccp@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: [assinatura] RG: 04191723544
 Assinatura do responsável: [assinatura] RG: 7007223
 Assinatura das pesquisadoras: [assinatura] RG: 1408882
Cássia A. Schuck RG: 6097503971

Florianópolis, 05, de Novembro de 2013.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "Práticas de olhar ao infinito em pinturas: tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática", sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@rbox1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPESH/UFSC ((48) 3721-9206, cep@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: Yang Teixeira Fernandes RG: _____

Assinatura do responsável: Luciene Maria Teixeira RG: _____

Assinatura das pesquisadoras: Cláudia Regina Flores RG: _____ 1408882

Cássia A. Schuck RG: _____ 6097503971

Florianópolis, 25, de Novembro de 2013.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "Práticas de olhar ao infinito em pinturas: **tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática**", sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbox1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPESH/UFSC ((48) 3721-9206, cep@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: GABRIEL POPILHO RG: _____

Assinatura do responsável: ALINE F. RODRIGUES RG: _____

Assinatura das pesquisadoras: Cláudia Regina Flores RG: _____ 1408882

Cássia A. Schuck RG: _____ 6097503971

Florianópolis 25, de novembro de 2013.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “Práticas de olhar ao infinito em pinturas: tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática”, sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbx1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPESH/UFSC ((48) 3721-9206, cep@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: Galileo P. Aguiar RG: 6.434.860
 Assinatura do responsável: Maria Helena Vaque RG: 3312391-8
 Assinatura das pesquisadoras: Cláudia Regina Flores RG: 1408882
Cássia A. Schuck RG: 6097503971

Florianópolis 25 de novembro de 2013.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "Práticas de olhar ao infinito em pinturas: tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática", sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbx1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPSPH/UFSC ((48) 3721-9206, cep@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: Victor Pereira RG: 4153.744

Assinatura do responsável: Cláudia R. Flores RG: 1512.252

Assinatura das pesquisadoras: Cláudia R. Flores RG: 1408882

Cássia A. Schuck RG: 6097503971

Florianópolis 25, de novembro de 2013.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “Práticas de olhar ao infinito em pinturas: tencionando elementos da Arte e da Matemática para a Educação Matemática”, sob responsabilidade das pesquisadoras Cássia Aline Schuck (cassiaschuck@gmail.com) e Cláudia Regina Flores (crf@mbox1.ufsc.br). Leia cuidadosamente o que segue com seus pais ou responsáveis e pergunte as pesquisadoras, qualquer dúvida que você tiver, inclusive pelo telefone (48) 99545201.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é suscitar discursos sobre o olhar ao infinito por meio da arte. Assim, possibilitando mostrarmos que nosso olhar ao infinito é educado por meio de práticas visuais que influenciam o modo como nos relacionamos e concebemos o mundo e o infinito. Sua participação consistirá em fazer parte de um grupo de discussão mediado pela pesquisadora, em que serão feitas algumas perguntas gerais, para pensarmos e falarmos sobre modos de olhar ao infinito a partir da arte. Suas falas serão gravadas e utilizadas somente para os fins desta pesquisa sendo tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você não é obrigado a participar, e se desistir em alguma fase da pesquisa, não haverá nenhuma penalização. Salientamos que sua participação não o trará resultados imediatos, no entanto é uma oportunidade para refletir e pensar os modos de olhar ao infinito. Além disso, com a participação você fornecerá os discursos que esta pesquisa necessita para problematizar os modos de olhar ao infinito. Garantimos ainda que qualquer desconforto/constrangimento – como expor suas ideias e seus pensamentos perante o grupo – ou problema que possa surgir durante o grupo de discussão será minimizado pela pesquisadora, bem como indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Destacamos a presença da pesquisadora em todos os momentos, bem como, o retorno dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa cumpre a Resolução CNS 466/2012 com aprovação no CEPSP/UFSC ((48) 3721-9206, cep@reitoria.ufsc.br).

Consentimento:

Li e entendi, juntamente com meus responsáveis, as informações acima sobre a minha participação nesta pesquisa. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as dúvidas. Estou de acordo em participar assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do estudante: Esquivel A. Formel RG: 6408.194


Assinatura do responsável: Marlene J.A. Formel RG: 3764871-3

Assinatura das pesquisadoras: Cláudia R. Flores RG: 1408882

Cássia A. Schuck RG: 6097503971

Florianópolis 25, de setembro de 2013.

Anexo B – Autorização da Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis.

	<p>Prefeitura Municipal de Florianópolis Secretaria Municipal de Saúde Comissão de Acompanhamento dos Projetos de Pesquisa em Saúde</p>
<hr/>	
OE 022/SMS/DFMSL/RH/IES/2014	Florianópolis, 01 de setembro de 2014
<p>Prezada Senhora,</p>	
<p>Cumprimentando-a, cordialmente, informamos que o Projeto de Pesquisa "MODOS DE OLHAR AO INFINITO", enviado por V^ªs S^ªs a esta comissão, foi analisado e considerado adequado estando, portanto, autorizado para ser desenvolvido no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas – CAPS AD, da Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis.</p>	
<p>Certos de sua atenção, seguimos à disposição para maiores esclarecimentos no telefone 48-32391564.</p>	
<p>Atenciosamente,</p>	
 Evelise Ribeiro Gonçalves Comissão de Acompanhamento dos Projetos de Pesquisa em Saúde	
<p>Ilustríssima Senhora Cláudia Regina Flores <u>Nesta</u></p>	
<hr/> <p>Visite nosso site: www.pmf.sc.gov.br/entidades/saude/ E-mail: educaemsaude@gmail.com Fone: (048) 3239-1593</p>	

Anexo C – Programação Semana da Saúde Mental.

SAINDO DA CASINHA!

7 a 14 de outubro 2014

Semana da Saúde Mental

PROGRAMAÇÃO

EM COLABORAÇÃO COM
DIA MUNDIAL DA SAÚDE MENTAL
10 DE OUTUBRO

07 DE OUTUBRO | 16H
Exposição de artes dos CAPSod
Instituto Ance - Insa | Travessa Raticidif, 56

08 DE OUTUBRO | 14H
Roda de Conversa
NUTE - UFSC | Rua Dom Urquiza, 757

09 DE OUTUBRO | 10H ÀS 17H30
Debates: Políticas Públicas e Legislação sobre Drogas
Centro de Cultura e Eventos - UFSC | Campus Trindade

09 DE OUTUBRO | 14H
Oficina de Pintura
Instituto Ance - Insa | Travessa Raticidif, 56

10 DE OUTUBRO | 14H
Oficina de Dança "Bolinho"
Instituto Ance - Insa | Travessa Raticidif, 56

14 DE OUTUBRO | 10H ÀS 15H30
Dia festivo - Encerramento da Semana
Parque de Coqueiros

Semana da Saúde Mental

SECRETARIA DE SAÚDE | Prefeitura Municipal de Saúde
| Centro de Referência em Saúde Mental - Hospital Espírito Santo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA | UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO | UFRJ